

ANA MARIA DE MELO RIBEIRO

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO ESTUDO DA RELAÇÃO
TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE**

FRANCA-SP

2006

ANA MARIA DE MELO RIBEIRO

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO ESTUDO DA RELAÇÃO
TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, para obtenção do título Mestre em Serviço Social.

Área de Concentração: Serviço Social, Trabalho e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rachel Tolosa Jorge

FRANCA-SP

2006

ANA MARIA DE MELO RIBEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, para obtenção do título Mestre em Serviço Social.

Área de Concentração: Serviço Social, Trabalho e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rachel Tolosa Jorge

COMISSÃO EXAMINADORA**Presidente:**

Profa. Dra. Maria Rachel Tolosa Jorge**2º examinador:**

3º examinador:

Franca (SP), _____ de _____ de _____

DEDICATÓRIA

À

Profa. Dra. Maria Rachel Tolosa Jorge, orientadora e amiga, pela confiança que generosamente depositou em mim. Sua sensibilidade, competência e senso ético tornaram possível a concretização desse projeto, reforçando a certeza de que é possível e sempre vale a pena recomeçar.

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, Senhor Absoluto daquilo que sou e de tudo que tenho, sentido último das minhas realizações, quaisquer que sejam. D'Ele me vêm sempre as inspirações e as certezas.

Aos meus pais, **Alceu e Elza**, pelo inesquecível testemunho de respeito e de amor a Deus, à vida, à família, à justiça e à fraternidade. Com eles aprendi, sobretudo, que a condição essencial para uma existência plena é o exercício corajoso do ser e não a busca estéril do ter.

Ao meu marido, **Lélio**, compreensivo sempre com meus empreendimentos.

Aos meus filhos, **Karina e Lélinho**, definitivamente meus grandes amores. Pelo incentivo, silencioso, tantas vezes manifestado.

Ao meu genro **Hermógenes** e à minha nora **Mariana**, testemunhas vivas da experiência de ser profissional bancário. Pela confirmação cotidiana da pertinência e relevância desse estudo.

À minha primeira netinha **Maria Sofia** que, tendo vindo à luz nesse tempo, renovou em mim a alegria dando-me novo ânimo de viver.

Aos meus irmãos **Gracinha e Luís**, pela solidariedade. Por terem dividido comigo, afetiva e espiritualmente, as dúvidas e questionamentos. Pelo discernimento em momentos cruciais. Ao Luís, ainda, pelo auxílio na revisão dos textos.

À **Cida**, “anjo-da-guarda” de tantos anos. Sua fidelidade e dedicação no cuidado com a minha casa e com os meus propiciaram-me condições para dedicar-me inteiramente a esse projeto.

Aos amigos **Tales e Ana Cecília**, por partilharem tão sinceramente das alegrias e angústias próprias da (a) ventura que é escrever uma dissertação.

Aos professores do Mestrado pelas inestimáveis contribuições acadêmicas.

Aos colegas, particularmente os assistentes sociais, pelas preciosas trocas de conhecimento e de experiência.

Aos colegas do QUAVISSS, especialmente à nossa coordenadora Dra. Íris Fenner Bertani, pela pronta acolhida no grupo de estudos e pesquisas, contribuindo para que eu avançasse no conhecimento e familiarização com as práticas em pesquisa.

E, finalmente, a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para que esse trabalho se tornasse possível.

RESUMO

As inúmeras transformações ocorridas no mundo do trabalho, decorrentes da reestruturação produtiva, afetaram de modo particular o ambiente laboral bancário, com reflexos sobre a saúde dos profissionais desse segmento. Estas novas formas de organização e gestão, ao desenvolverem ambientes de trabalho cada vez mais marcados por sobrecarga e insegurança em detrimento de aspectos relacionados com a criatividade e com a satisfação no trabalho, geraram mudanças no modo de trabalhar e na identidade destes profissionais, cujos efeitos se fizeram sentir particularmente no processo saúde-doença nas relações de trabalho. Partindo destas considerações, a presente Dissertação teve como objetivo estudar a relação Trabalho Bancário-Saúde, através de um levantamento e análise da produção científica acadêmica existente sobre o assunto. Trata-se, portanto, de uma pesquisa documental cuja fonte de informação são Resumos de 05 Teses de Doutorado e 31 Dissertações de Mestrado que têm essa temática como objeto de estudo. Esse material é oriundo de Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu* brasileiros, e produzido em 11 diferentes áreas disciplinares, sendo 15 dissertações provenientes da área da Psicologia. Para o tratamento dos dados e sua sistematização para interpretação foi utilizada a Análise de Conteúdo, cujos resultados evidenciam o interesse da Ciência pelo assunto, confirmando a sua relevância. Por outro lado, a análise dos Resumos mostra que a quase totalidade da produção se refere às mudanças ocorridas nas condições do trabalho bancário como responsáveis por alguma forma de adoecimento mental ou físico dos trabalhadores desse segmento. Outro aspecto significativo da análise é a constatação da tendência à construção fragmentada do conhecimento que, no caso específico da relação Trabalho Bancário-Saúde, foi construído a partir de inúmeras perspectivas e aportes teóricos, segundo a área que o produziu. Esse dado corrobora a importância da busca por processos integrativos de tais conhecimentos, quer sejam projetos de pesquisas, grupos de estudo ou equipes de trabalho interdisciplinares, com vista a aplicações mais efetivas de tais constructos científicos.

Palavras-chave: Psicologia, Saúde, Trabalho Bancário, Áreas Disciplinares, Interdisciplinaridade

ABSTRACT

Countless transformations occurred in the world of work, resulting of the productive restructuration, had affected in a particular way the bank working atmosphere, with reflects on the health of these professionals. These new ways of organizations and managements, developing work atmospheres marked by overload and insecurity caused by aspects related to creativity and work satisfaction, resulted in changes on the identity and on the way of work of these professionals, which effects had been felt particularly on the process between health and illness on the work relations. From these considerations, this dissertation had as objective study the relation between banking work and health, by a research and an analyze of the existing scientific academic production about this subject. Therefore, this a documental research that has used as an information bank 05 summaries of Doctorate Theories and 31 Master Dissertations which has this thematic as study objective. This material came from brazilian Master's Degree programs, produced in 11 different discipline areas, and 15 of these dissertations are from the psychology area. For the treatment of the data and its systematization for interpretation was used the Content Analyzes, which results shows up, in a first moment, the interests of the Science for this subject, confirming its relevance. On the other hand, the Summaries analyzes shows that the barely totality of the production refers to the changes occurred on the conditions of the banking work as responsible for any kind of mental or physical illness on these type of workers. Another significant aspect of the analyzes is the verification of the knowledge fragmentation construction tendency that, in the specific relation between Banking Work and Health, was constructed from countless perspectives and theoretical points, according to the area that had produced it. This data verify the importance of the search for interactivity process of this knowledges: researches projects, study groups or interdisciplinary work groups, aiming more effective applications of this scientific concepts.

Key-words: Psychology , Health, Banking Work, Discipline Areas, Interdisciplinarity

QUADROS

Quadro 01 –

- Programas de Pós-Graduação <i>Strictu Sensu</i> em Psicologia vinculados à ANPEPP.....	62
--	----

Quadro 2 -

- Distribuição das Teses e Dissertações sobre Trabalho Bancário-Saúde por Áreas Disciplinares.....	66
--	----

TABELA**Tabela 01 –**

- Número de Cursos de Mestrado e de Doutorado avaliados desde 1996 até
2005.....

61

RELAÇÃO DE SIGLAS ENCONTRADAS NO TRABALHO

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CRP – Conselho Regional de Psicologia

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-econômicos

OCT – Organização Científica do Trabalho

OMS – Organização Mundial da Saúde

LER – Lesão por Esforço Repetitivo

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia

OIT – Organização Internacional do Trabalho

DORT – Doença Ósteomuscular Relacionada ao Trabalho

CREPOP – Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas

DEGERST – Departamento de Gestão e de Regulação em Saúde

PIDESC – Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais

QUAVISSS – Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Saúde e Relações de Trabalho

FENPB – Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A SAÚDE DO TRABALHADOR..	23
1.1 A Organização do Trabalho no Modo de Produção Capitalista.....	23
1.2 Considerações Históricas Sobre o Movimento Pró-Saúde do Trabalhador	29
1.3 A Psicopatologia do Trabalho e a Teoria do Estresse: Pressupostos Básicos	34
1.4 O Trabalho Bancário e Suas Expressões na Saúde do Trabalhador .	44
2. OPÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	53
2.1 Pressupostos Metodológicos	53
2.1.1 Pesquisa Documental	53
2.1.2 Análise de Conteúdo	57
2.2 Etapas e Procedimentos	59
3 AS DISCIPLINAS E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE	73
3.1 O Conhecimento Científico e as Áreas Disciplinares	73
3.2 Áreas Disciplinares e o Estudo sobre a Relação Trabalho-Bancário- Saúde	79
4 A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE	85

4.1 O Psicólogo: Seu Saber e Sua Prática	85
4.2 A Psicologia e a Produção Científica Sobre a Relação Trabalho Bancário-Saúde	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
6 REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	117

INTRODUÇÃO

Ninguém pode viver sem avaliar. Avaliar é criar; ouçam, ó criadores! Sem avaliação a noz da existência é oca. Ouçam, ó criadores!

Nietzsche

O presente estudo é, antes de mais nada, fruto de reflexões sobre o adoecer humano, particularmente na interface com as relações de trabalho.

Sabe-se, hoje, que os fatores psicossociais têm papel de destaque entre os tantos que concorrem para a gênese de qualquer doença. Mas, é particularmente na esfera do trabalho que se concentram importantes fontes geradoras de sofrimento e estresse humanos, capazes de desencadear alguma forma de adoecimento.

A configuração dada ao trabalho, pelo capitalismo, onde a mecanização e a produção fragmentada em etapas impedem a participação pessoal e criativa do indivíduo no ato de produzir trouxe, como consequência imediata, uma profunda insatisfação no homem. Levando-se em conta que a apreciação social propiciada pela atividade criadora aumenta o sentimento individual de valor, ao mesmo tempo em que diminui a ansiedade, é possível imaginar os efeitos que a ausência destes valores acabou por provocar (MAY, 1980).

Mais recentemente, com as grandes transformações ocorridas no capitalismo no Brasil, particularmente na década de 90, e com o receituário da pragmática neoliberal, desencadeou-se uma onda enorme de desregulamentações nas mais distintas esferas do mundo do trabalho, que trouxe consigo sérios e importantes desdobramentos (ANTUNES, 2002-2003) .

O processo de reestruturação produtiva¹ que atingiu a quase totalidade dos ramos produtivos e/ou de serviços acarretou, entre outras coisas, alterações significativas na estrutura de emprego no Brasil. Entre as décadas de 1980 e 1990 a economia brasileira perdeu aproximadamente 1,5 milhões de empregos no setor de manufatura. Em 1999 o Brasil estava em 3º lugar em volume de desemprego aberto, representando 5,61% do total do desemprego global, contra 1,68% em 1986, índice esse que ocupava, então, o 13º lugar (POCHMANN apud ANTUNES, 2002-2003).

Paralelamente à retração do emprego industrial, o setor de serviços aumentou, em grande proporção, a sua participação relativa na estrutura ocupacional, sendo grande parte dele direcionada para o setor informal. A esta classe de trabalhadores juntam-se aqueles chamados temporários (que não têm nenhuma estabilidade no emprego), os parciais (integrados precariamente às empresas), os sub-contratados, terceirizados, enfim, um enorme contingente que tem, como característica comum, uma grande insegurança em relação ao seu emprego, dado seu caráter de precariedade e transitoriedade (ANTUNES, 2002-2003) .

De fato, o que se vê, é o crescimento assustador do desemprego, que ocupa lugar de destaque entre os fantasmas que rondam o homem contemporâneo, independente da classe social a que pertença. Forrester (1997), inclusive, levando esta análise às últimas conseqüências, chega a afirmar que chegará um tempo em que a maioria será excluída por absoluta falta de utilidade enquanto fonte de produção. Se não produz, pergunta a autora, para que servirá e por quem será mantida?

Posto desta forma é inevitável supor o trabalho como intensa e permanente

¹ Reestruturação produtiva é o conjunto amplo de mudanças nas condições técnicas e sociais dos processos de produção e de trabalho, engendradas pelo capital para enfrentar suas contradições internas e aumentar a força produtiva de trabalho” (JINKINGS, 1999, p. 153).

fonte de angústia, potencialmente desencadeadora de sintomas em trabalhadores de segmentos afetados pela realidade conturbada das relações de trabalho.

Inúmeras pesquisas mostram que o conflito entre as metas determinadas pela empresa, de um lado, e as necessidades individuais de autonomia, realização e identidade do trabalhador, de outro, é um importante fator de adoecimento. Aspectos desumanos do trabalho, por sua vez, comumente encontrados na produção em grande escala, cuja característica marcante é a mecanização e a burocratização, tornam-se agentes agressivos porque atentam, entre outras coisas, contra as necessidades individuais de satisfação e realização. O trabalhador, assim, fica com sua auto-estima rebaixada, seu trabalho não é valorizado, nem ele próprio consegue significá-lo como importante, tudo dificultando a confirmação da sua identidade através do trabalho (LEVY apud RODRIGUES E GASPARINI, 1992)

Conforme ressaltam Rodrigues e Gasparini (1992, p.101):

[...] a pessoa quando é admitida na empresa, traz consigo sua história, sua personalidade e uma forma de funcionar tanto orgânica como psíquica e social [...] leva toda sua personalidade psíquica para o espaço da empresa: o pensamento, a intuição, o sentimento, o julgamento. Sua potencialidade física, as características mentais, as anatômicas, as fisiológicas e as sensitivas. E sua potencialidade social: a história de vida, experiências adquiridas, os valores introjetados, a capacidade de compartilhar.

Mas, na cultura empresarial o que sobressaem, no geral, são os valores objetivos e impessoais, ditados pela organização. A emoção, os sentimentos, entre outras questões de caráter pessoal, nem sempre são levados em conta, o indivíduo é visto de forma incompleta, com habilidades específicas para a realização de determinadas tarefas mas despojado das suas características de ser, das suas experiências de vida. Na relação indivíduo-empresa há, portanto, uma cisão do comportamento: de um lado a força de trabalho com subordinação às regras da empresa e, de outro, o vivenciar emoções nem sempre expressas adequadamente. Por esta razão, freqüentemente ocorre a fragmentação e a desarticulação das

dimensões vitais bio-psicossociais do indivíduo com vista a um enquadramento homogêneo e predeterminado. Portanto, adoecer como fruto da vivência de situações de sofrimento no trabalho é fato notório e de natureza essencialmente ética e política, porquanto diz respeito ao exercício do direito ao trabalho e à saúde.

Com efeito, esse tipo de sofrimento pode levar não só ao adoecimento, mas, ainda, ao afastamento do trabalho. Nesse caso, além da impossibilidade da pessoa reforçar sua identidade através do trabalho, ela fica, muitas vezes, impedida até mesmo de trabalhar, o que configura uma privação do seu direito. Posto assim, por conseguinte, o assunto é de responsabilidade de várias esferas disciplinares que têm tentado estudar e compreender esse fenômeno, como é o caso, por exemplo, da sociologia, da psicologia, da medicina, do direito, do serviço social, da administração e da engenharia de produção.

Esta questão nos remete, por um lado, ao debate sobre a importância e os desafios da prática e da pesquisa interdisciplinar que, nas palavras de Teixeira (2004, p. 63), está assim posicionada:

[...] a pesquisa interdisciplinar tornou-se uma exigência quando os pesquisadores se vêem obrigados a representar as vinculações e/ou relações que certas ocorrências ou certas evoluções estabelecem entre campos do real diferentes, até então abordados por disciplinas distintas.

Ou seja, a realidade vem apresentando certos fenômenos sociais tão complexos para cuja abordagem e compreensão parece exigir um esforço comum em direção à convergência das diversas áreas que hoje tratam deles, isoladamente, cada uma a seu modo.

Por outro lado, Greco (2000), prefaciando o livro *Psicologia, Direitos Humanos e Sofrimento Mental*, ao citar Hannah Arendt, afirma que o *direito de ter direitos* só pode ser concretizado através da práxis política entendida sempre como capacidade de intervenções e decisão nas questões do *mundo comum*.

No que diz respeito especificamente à Psicologia, ainda segundo a autora, apesar do seu objeto de investigação e de intervenção ser o Homem, no que se refere especificamente à questão dos Direitos Humanos, até bem pouco tempo suas práticas e discursos não ensejavam preocupações ou ações mais concretas a respeito.

No entanto, em agosto de 1997 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) instituiu a sua Comissão Nacional de Direitos Humanos, e se impôs o desafio de fazer desta temática uma presença na cotidianidade da intervenção dos profissionais de Psicologia. Para isso, conforme ressalta Marcus Vinicius de Oliveira Silva, ex-presidente do CFP, e um dos integrantes da Comissão Nacional de Direitos Humanos, na apresentação do livro supra citado, providências vêm sendo tomadas no sentido de cuidar para que as novas gerações profissionais possam construir, desde os seus estudos mais iniciais, uma compreensão que não dissocie o objeto psicológico da realidade social na qual está inserido.

Nessa direção, com o intuito de cumprir este projeto, em agosto de 2005 o CFP apresentou aos seus profissionais o novo Código de Ética Profissional do Psicólogo, conferindo aos seus princípios fundamentais garantias de direitos e construção da cidadania.

Paralelamente ao exercício da reflexão, também o exercício da profissão de psicoterapeuta nos colocou em contato com esta realidade, agora de maneira concreta e de forma mais sistemática. De fato, em diversas ocasiões, no contato com clientes que buscavam ajuda psicológica, identificávamos entre as muitas queixas que traziam, o sofrimento decorrente de sua vivência no trabalho; de modo particular nos chamava a atenção aqueles que tinham como ocupação o trabalho bancário. Através de seu discurso, podíamos detectar alto nível de estresse e

ansiedade vivenciados na relação com o trabalho, e um mesmo modo de se vincular e dar significado a essa vivência. Era unânime entre eles a experiência da organização do trabalho bancário como poderosa fonte de ansiedade e de angústia. Tudo isso chamou nossa atenção e despertou o interesse em compreendermos, de maneira mais ampla e aprofundada, a natureza e a essência de tal fenômeno.

Uma primeira delimitação do tema e do universo de nosso estudo se deu, portanto, a partir da experiência no trato e acompanhamento profissional de pessoas que integram este segmento da classe trabalhadora.

Segundo Triviños (1994), um dos aspectos fundamentais que facilita a delimitação, definição e formulação de um problema em pesquisa é o fato do pesquisador estar envolvido, direta ou indiretamente, na realidade na qual um matiz dela, abrangente ou não, apresenta uma situação que precisa ser esclarecida. Além disso, também do ponto de vista instrumental e prático, parece-lhe recomendável que o foco de pesquisa surja da prática cotidiana que o pesquisador realiza como profissional. Embora não sendo essa uma regra rígida, sem dúvida facilita ao pesquisador o estabelecimento do problema da pesquisa.

Seguindo nessa mesma direção, Rudio (1986, p. 43) afirma que:

[...] o problema da pesquisa, início de todo o processo, nasce freqüentemente da intuição de alguma dificuldade existente na realidade ou numa Teoria. Esta dificuldade, em geral percebida casualmente, é fruto da atenção, perspicácia e discernimento de quem é capaz de selecioná-la, entre muitas outras que poderiam ser vistas e escolhidas .

Por outro lado, se visto de maneira mais ampla, a questão da escolha de um tema para qualquer trabalho científico está sob o impacto de diversas variáveis. Os temas que são desenvolvidos nas teses e dissertações, por exemplo, dependem de variáveis institucionais, da ciência e do próprio pesquisador. Mas, de maneira particular, é importante ressaltar a influência das relações entre ciência e sociedade, enfatizando que a ciência deve atender às demandas da sociedade na solução de

seus problemas e na busca de uma melhor qualidade de vida para a população (WITTER; PECORA, 1997).

Embasadas pelas premissas acima, e considerando que as profundas e concretas dificuldades enfrentadas pelo segmento bancário nas relações de trabalho se constituem assunto de significativa relevância, optamos por fazer desta temática objeto de nosso estudo.

De fato, é possível observar que esse é, atualmente, um assunto que vem despertando o interesse de grande número de estudiosos, das mais variadas áreas do conhecimento, no âmbito acadêmico, conforme demonstram os resultados da pesquisa realizada, apresentados no capítulo dois.

As transformações geradas pela reestruturação das relações de trabalho afetaram profundamente o setor financeiro, principalmente no que diz respeito ao nível de emprego bancário, cujo número de funcionários regularmente contratados foi reduzido, ao término de 2000, a 388 mil, contra cerca de um milhão que existia em meados da década de 80, segundo dados do DIEESE². Nessa mesma conjuntura nacional de altos índices de desemprego, a reestruturação bancária, que reduziu drasticamente a quantidade de força de trabalho, potencializou a submissão, por conta da ameaça diária de demissão, aumentou a sobrecarga de trabalho e intensificou cada vez mais as exigências de cumprimento de metas daqueles que permanecem empregados.

Em condições tão adversas, considera-se que estes trabalhadores possam, de fato, experimentar o trabalho como verdadeira fonte de sofrimento e de possível adoecimento.

Assim, levando-se em conta, por um lado, o direito de todo cidadão ao

² DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos, Linha Bancários, Setor Financeiro: conjuntura, resultados, remuneração e emprego (apud JINKINGS, 2002-2003, p. 228) .

trabalho e à saúde, e considerando o compromisso social que todo profissional, inclusive o psicólogo, tem com a luta pela garantia destes e dos demais direitos na busca de uma sociedade mais justa e mais humana; e, considerando ainda o compromisso ético da ciência de reverter o conhecimento que constrói em benefício da sociedade, foi que nos dispusemos a realizar este estudo.

No primeiro capítulo abordamos o sofrimento humano no trabalho, fenômeno presente na sociedade capitalista. Considerado como uma marca das relações que se estabelecem numa sociedade que se organiza em função das leis coercitivas da competitividade do mercado, tal sofrimento parece confirmar a tese de Marx de que o trabalho, ao assumir a forma de mercadoria, característica do modo de produção capitalista, representa a relação humana que mais inviabiliza e aliena os homens, impedindo-lhes a satisfação de suas necessidades e a realização de seus desejos (HARVEY apud CASTRO, 2003).

Partindo, então, de algumas considerações acerca do trabalho no modo de produção capitalista, este capítulo ainda trará elementos da história sobre a saúde do trabalhador desde os primórdios da revolução industrial, mostrando o desenvolvimento das discussões e preocupações com esta temática. Apresenta, em seguida, algumas idéias desenvolvidas pela Psicopatologia do Trabalho e pela Teoria do Estresse, que vêm aprofundando os seus estudos com o intuito de compreender, abordar e prevenir os transtornos da saúde decorrentes do sofrimento no trabalho. Por fim, serão mostradas algumas características do trabalho bancário, considerado como representativo de um segmento da classe trabalhadora que experimenta concretamente esse tipo de sofrimento.

Em seguida, no capítulo dois, é apresentado todo o processo metodológico. De início buscamos delinear, através de uma Pesquisa Documental, o *estado da arte*

da produção acadêmica brasileira, na área da Psicologia, sobre a relação Trabalho Bancário-Saúde, com a finalidade de reconhecer qual o nível de interesse existente, por parte da academia, em estudar essa problemática, o volume de conhecimento já construído a respeito, e sob que perspectivas essa questão tem sido abordada. *Estado da arte* é definido como “o momento atual em que se encontra o conhecimento produzido em uma determinada área de conhecimento” (WITTER, 2005, p. 199).

Avançada a investigação e de posse de determinadas informações, decidimos estender a pesquisa às demais áreas da ciência, ampliando nossa busca. Encerrada a fase de levantamento da produção científica, procedemos à análise dos Resumos dos trabalhos localizados, procurando identificar pressupostos teóricos e objetivos que os nortearam.

Analisado o material, procedemos, no capítulo três, a uma reflexão que, inicialmente, girou em torno da tendência que tem a ciência de apresentar o conhecimento em diferentes disciplinas. Essa reflexão se embasou num dado da pesquisa que mostrou a diversidade de áreas que produziu o volume de conhecimento encontrado acerca da relação Trabalho Bancário-Saúde. Num segundo momento são apresentados alguns dados analíticos dos conteúdos dos Resumos dos trabalhos desenvolvidos nestas áreas, exceto os da Psicologia.

Sobretudo pelo fato dessa área se apresentar, nesse estudo, como a maior produtora do conhecimento acadêmico sobre a relação Trabalho Bancário-Saúde, o capítulo quatro se dedica a, num primeiro momento, discutir alguns aspectos do saber e do fazer do psicólogo, enfocando o contínuo esforço de entidades representativas da classe em definir e posicionar a Psicologia quanto ao seu papel social nos dias atuais. Em seguida são apresentados alguns dados que resultaram

da análise de conteúdo dos Resumos dos trabalhos produzidos especificamente na área.

Finalmente, a título de conclusão, são tecidas as últimas considerações.

A partir das reflexões contidas nesse estudo esperamos que ele contribua, em algum nível, para o debate sobre a garantia do direito básico de todo cidadão ao Trabalho e à Saúde. Esperamos, ainda, poder confluir para a integração de propostas interdisciplinares tanto no âmbito da pesquisa quanto da prática junto a esta população de trabalhadores.

Por outro lado, sabemos que um dos intuitos do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP é ampliar a discussão sobre questões da interdisciplinaridade, principalmente nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, o que, indiscutivelmente, tem resultado em extraordinária contribuição para a formação de muitos profissionais, em especial da área da Psicologia. Em face disso, esperamos, por fim, que esse estudo, de alguma forma, possa retribuir colaborando e enriquecendo tão importante debate.

1 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A SAÚDE DO TRABALHADOR

“[...] é a mobilização total do indivíduo que se deseja obter; é não somente sua energia física e afetiva, mas, também, sua energia psíquica que se procura captar.”

Nicole Aubert e Vincent de Gaulejac

1.1 A Organização do Trabalho no Modo de Produção Capitalista

O sistema produtivo que vigorou na grande indústria, ao longo praticamente de todo século XX, sobretudo a partir da segunda década, se embasou no fordismo e no taylorismo. Sua principal característica é a produção em massa de mercadorias, que se estrutura a partir de uma produção mais homogeneizada e enormemente verticalizada. Uma linha rígida de produção articula os diferentes trabalhos tecendo vínculos entre as ações individuais das quais a esteira faz as interligações, dando ritmo e tempo necessários para a realização das tarefas (ANTUNES, 2003).

O fordismo veio inaugurar uma exigência de qualificação para os seus operários até então não exigida por outras indústrias; um tipo de qualificação diferente, uma forma nova de consumo de força de trabalho mais extenuante do que a de outras empresas, força que o salário não conseguia reconstituir.

Gramsci (1976) se refere a um sério questionamento levantado sobre se a organização do trabalho e da produção fordista seria racional, podendo ou devendo, portanto, se generalizar; ou, se, ao contrário, tratava-se de um fenômeno degenerante a ser combatido através da força sindical e da legislação. Em outras palavras, o que se questionava era se os operários, em massa, poderiam ser levados a sofrer todo um processo de transformação psicofísica de modo que o tipo

médio de operário da Ford se transformasse no tipo médio do operário moderno; ou se, ao contrário, isto seria impossível porque levaria à degeneração física e à deterioração da raça, destruindo todas as forças de trabalho. O desenrolar dos acontecimentos parece ter mostrado que o método Ford foi considerado racional e deveria, portanto, se generalizar. Todavia, isso demandaria um longo processo, no qual seriam necessárias mudanças nas condições sociais e nos costumes e hábitos individuais. Estas mudanças, entretanto, não se dariam apenas através da coerção, mas através da combinação da coação com a persuasão, inclusive sob a forma de altos salários, isto é, de possibilidades de alcançar, cada vez mais, o nível de vida adequado aos novos modos de produção e de trabalho.

De fato, as experiências realizadas por Ford e a economia feita pela sua empresa através da gestão direta do transporte e do comércio da mercadoria produzida, economia que influiu sobre o custo de produção, permitiram melhores salários e menores preços de venda. E foram justamente essas condições preliminares que racionalizaram a produção e o trabalho, combinando habilmente a força (destruição do sindicalismo operário de base territorial) com a persuasão (altos salários, benefícios sociais diversos, propaganda ideológica e política habilíssima).

Tal racionalização, entretanto, determinou a necessidade de elaboração de um novo tipo humano, de acordo com o novo tipo de trabalho e de produção, uma vez que vivenciar a realidade da indústria exigia um processo de adaptação psicofísica para determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes etc., que não é inato ou natural e que, portanto, demanda um aprendizado (GRAMSCI, 1976).

A esse processo de produção fordista, em série, somou-se, em determinado momento, o cronômetro taylorista, criado por Frederick Winslow Taylor, que

provocou, na organização do trabalho, uma nítida separação entre elaboração e execução: algumas pessoas passam a ser as que pensam e decidem, enquanto outras obedecem-nas. Nas palavras do próprio Taylor, “[...] é evidente que, na maioria dos casos, precisa-se de um tipo de homem para estudar e planejar um trabalho, e de outro completamente diferente para executá-lo” (apud SANTOMÉ, 1998, p. 11).

Para a proposta capitalista, o método de Taylor foi uma forma de apropriação do *savoir-faire* do trabalho, ao suprimir a dimensão intelectual do trabalho operário e transferi-la para as esferas da gerência científica. Como consequência, a atividade do trabalho reduziu-se a uma ação repetitiva e mecânica. Esse processo produtivo possibilitou o desenvolvimento do operário-massa (*mass worker*), aquele trabalhador desprovido da sua individualidade, próprio das grandes empresas verticalizadas e fortemente hierarquizadas.

A introdução da Organização Científica do Trabalho (OCT) taylorista na indústria automobilística, e sua fusão com o fordismo, engendrou, portanto, a forma mais avançada de racionalização capitalista do processo de trabalho ao longo das várias décadas do século XX, sendo somente entre o final dos anos 60 e início dos anos 70 que esse padrão produtivo começou a dar sinais de esgotamento (ANTUNES, 2003).

Segundo Gramsci (1976), Taylor exprimiu com cinismo brutal o objetivo da sociedade americana que era desenvolver ao máximo, no trabalhador, as atitudes maquinais e automáticas, rompendo o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado, que exigia uma determinada participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico, mecânico.

A OCT, com nova tecnologia de submissão e de disciplina do corpo gerou, portanto, exigências fisiológicas até então desconhecidas, especialmente por causa das exigências de tempo e ritmo de trabalho. As performances exigidas eram absolutamente novas e faziam com que o corpo aparecesse como principal ponto de impacto dos prejuízos do trabalho. O esgotamento físico não concernia apenas aos trabalhadores braçais, mas ao conjunto de operários da produção de massa. A separação radical entre trabalho intelectual e trabalho manual neutralizava a atividade mental dos operários, representando a mais séria conseqüência do sistema Taylor (DEJOURS, 1992).

Mas, a partir dos anos 70, o capitalismo começou a dar sinais de grave crise depois de um longo período de acumulação de capitais que ocorreu durante o apogeu do fordismo que, embasado na produção em massa, se manteve forte até pelo menos o ano de 1973 (HARVEY apud ANTUNES, 2000).

A partir de então, teve início um processo de transição no interior do processo de acumulação de capital e a produção, nesse momento, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. A flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo caracterizam e dão sustentação a essa transição. E, como conseqüência, surgem setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, intensa inovação comercial, tecnológica e organizacional. Outro importante aspecto é a criação de um vasto movimento no emprego, no chamado “Setor de Serviços¹”. Ocorreu ainda o que se pode chamar de “desindustrialização”, com a transferência geográfica de fábricas, com práticas mais

¹Atualmente as Contas Nacionais e a literatura econômica privilegiam a notação “Serviços” para designar o conjunto de atividades econômicas antigamente definido pela nomenclatura “Terciário”, que incluía o comércio, o transporte e serviços. Não há unanimidade na literatura econômica sobre uma classificação para os serviços; distintos critérios podem ser relevantes como: intensidade de capital, destino final ou intermediário da produção, grau de qualificação dos trabalhadores e muitos outros (MELO et al, 1998, p.2)

flexíveis de emprego, flexibilização dos mercados de trabalho, a automação e a inovação de produtos. (ANTUNES, 2000, grifo do autor).

Como resposta à crise capitalista, iniciou-se, portanto, um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado e a desregulamentação dos direitos do trabalho. A isso se seguiu também um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho com vistas a dotar o capital do instrumental necessário para repor os patamares de expansão anteriores (ANTUNES, 2003).

Não obstante as muitas conseqüências advindas dessas experiências de acumulação flexível é, no entanto, o toyotismo ou o modelo japonês, processo ágil e lucrativo na produção de mercadorias, que vem causando maior impacto e gerando muitas e sérias conseqüências no do mundo do trabalho.

O toyotismo (ou ohnismo, de Ohno, engenheiro que o criou), via japonesa de expansão e consolidação do capitalismo monopolista industrial, é uma forma de organização do trabalho que nasceu na Toyota, indústria automotiva, no Japão pós-45, e que muito rapidamente se propagou para as grandes companhias daquele país. O toyotismo penetrou, mesclou ou mesmo substituiu o padrão fordista dominante, em várias partes do capitalismo globalizado.

As novas formas de intensificação do trabalho na fábrica toyotista podem ser verificadas através da utilização de novas técnicas de gestão da força de trabalho, e da convocação a um “envolvimento participativo” dos trabalhadores, em verdade uma participação manipuladora e que preserva, na essência, as condições do trabalho alienado e estranhado. Além disso, o trabalho “polivalente”, “multifuncional”, “qualificado”, combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre

diversas empresas, inclusive as empresas terceirizadas, tem como finalidade a redução do tempo de trabalho. Em suma, trata-se, de fato, de um processo de organização do trabalho cuja finalidade essencial, real, é a intensificação das condições de exploração da força de trabalho (ANTUNES, 2003, grifos do autor).

Estas mutações no processo produtivo, conforme afirmado anteriormente, têm trazido conseqüências imediatas no mundo do trabalho como, por exemplo, uma enorme desregulamentação dos direitos do trabalho, que são eliminados cotidianamente em quase todas as partes do mundo onde há produção industrial e de serviços. Em virtude disso, direitos e conquistas históricas do trabalhador são substituídos e eliminados do mundo da produção. O trabalho organizado foi solapado, os índices de desemprego estrutural crescem assustadoramente e houve retrocesso da ação sindical. De fato, é visível o aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora, a “precarização” e terceirização da força humana que trabalha, ao mesmo tempo em que é destruído o sindicalismo de classe que se converte num sindicalismo dócil, de parceria ou mesmo em um “sindicalismo de empresa”. Entre tantas conseqüências negativas o individualismo exacerbado também tem encontrado condições sociais favoráveis para se aprofundar (ANTUNES, 2000, grifo do autor).

Em meio a esse cenário, tem sido perceptível, ao longo do tempo, a gama de prejuízos que vem sofrendo a classe trabalhadora, particularmente no que se refere ao processo saúde-doença na interface com as relações de trabalho. Esse fato tem gerado preocupação e interesse por parte de estudiosos que, há muito tempo vêm se ocupando com esta temática, como será visto a seguir.

1.2 Considerações Históricas Sobre o Movimento Pró-Saúde do Trabalhador

Com a finalidade de explicitar alguns aspectos do processo histórico do movimento pró-saúde do trabalhador, apresentamos a seguir algumas considerações embasadas, principalmente, em Christophe Dejours, autor que, por excelência, tem tratado de questões concernentes à relação trabalho-saúde.

As preocupações com a saúde do trabalhador surgiram já na época da revolução industrial quando, segundo Virchow (apud RODRIGUES E GASPARINI, 1992, p. 94), “[...] o proletariado, em grau sempre crescente, tornou-se a vítima de doenças e epidemias; seus filhos ou morriam prematuramente ou se tornavam incapacitados”.

A partir daí, simultaneamente à consolidação do capitalismo e, mais recentemente, às transformações ocorridas em seu interior, que desencadearam enormes desregulações no mundo do trabalho, as preocupações e o interesse sobre a questão da saúde na interface com o trabalho vêm crescendo e dando origem a uma gama considerável de conhecimentos importantes para o entendimento das relações sociais que aí se processam.

Entre as muitas e importantes descobertas, sabe-se hoje o quanto a organização do trabalho é responsável por esta forma de sofrimento decorrente da vivência no trabalho.

Segundo Dejours (1992), o período do desenvolvimento do capitalismo industrial, caracterizado pelo crescimento da produção, pelo êxodo rural e pela concentração de novas populações urbanas, deu origem a determinadas condições de vida extremamente difíceis. Entre elas podem ser citadas a duração do trabalho, que variava de 12 a 16 horas por dia, o emprego de crianças na produção industrial,

salários muito baixos, moradias precárias, falta de higiene, promiscuidade, esgotamento físico, alta incidência de acidentes de trabalho, subalimentação, tudo isso gerando alto índice de morbidade e expressiva redução da longevidade. A luta pela saúde, nessa época, era identificada à luta pela sobrevivência. A intensidade das exigências de trabalho e de vida ameaçava a própria mão-de-obra que, experimentava um tipo específico de sofrimento, descrito na literatura da época sob o nome de “miséria operária”. Concebida como um flagelo ela era, na época, comparável a uma doença contagiosa.

Em decorrência dessa situação, as primeiras preocupações com a saúde do trabalhador enfatizavam, conseqüentemente, as condições higiênico-sanitárias² e nutricionais. Já, nesse momento, era fato que o indivíduo adoeceria se o organismo ficasse exposto a determinados agentes físicos e, por essa razão, a legislação trabalhista de vários países, inclusive a brasileira, passou, então, a reconhecer essa relação de causa e efeito de vários agentes físicos, químicos e biológicos na produção das doenças ditas ocupacionais (RODRIGUES E GASPARINI, 1992).

Para Dejourns (1992, grifo do autor), foi principalmente no desenvolvimento das questões higienistas e, mais tarde, nas pesquisas em psiquiatria que, de algum modo, se apoiou a resposta social à explosão da miséria operária. Entretanto essa “medicalização” do controle social não se mostrou suficiente para solucionar tal problema, cabendo aos próprios operários a responsabilidade pela conquista das principais melhorias materiais da condição operária. Isso foi possível graças ao fortalecimento do movimento de organização da classe operária, através dos movimentos de luta e do desenvolvimento de uma ideologia operária revolucionária. As lutas operárias neste período tinham como objetivos o direito à vida (ou à

² A expressão higiênico-sanitárias, nesse contexto, se refere às condições resultantes de medidas de controle de transmissão e desenvolvimento de doenças, visando a conservação e aperfeiçoamento da saúde.

sobrevivência) e a construção de um instrumento necessário à sua conquista, ou seja, a liberdade de organização.

É nesse contexto que se viu emergir uma palavra de ordem que se manteve durante todo o século XIX : *a redução da jornada de trabalho*. Esse tempo pode ser identificado com o que se poderia chamar “*pré-história da saúde dos trabalhadores*” (DEJOURS, 1992, p. 16-17, grifo do autor).

A partir do final do século XIX e parti

privação de seu protetor natural, que é o aparelho mental, ou seja, o corpo doente ou em risco de se tornar doente (DEJOURS, 1992).

Foi somente por volta de 1936 que as condições de trabalho se tornaram efetivamente um tema específico do movimento operário, embora só tenha sido levado à discussão anos mais tarde. Com efeito, muitas medidas sociais relativas à saúde dos trabalhadores datam da Segunda Guerra Mundial e resultam da relação de forças recém-conquistadas na Resistência. O programa da Resistência, parcialmente aplicado, fez nascer novas esperanças com a institucionalização da Previdência Social em 1945, da Medicina do Trabalho em 1946 e dos Comitês de Higiene e de Segurança em 1947.

Durante todo esse período, o movimento operário continuou a desenvolver sua ação para a melhoria das condições de vida, fazendo reivindicações referentes à duração da jornada do trabalho, ao período das férias, às aposentadorias e aos salários, mas, simultaneamente, criou uma frente voltada especificamente para a saúde. A palavra de ordem, neste momento, passou a se referir à prevenção de acidentes, à luta contra as doenças e ao direito aos cuidados médicos. Ou seja, à saúde do corpo.

Pode-se dizer que esse segundo momento da “história da saúde dos trabalhadores” caracterizou-se pela revelação do corpo como o ponto de impacto da exploração. O alvo da exploração era, pois, o corpo, lesado e doente. Essa visão é indiscutivelmente limitada, já que parece sugerir que os mecanismos da exploração, para que sejam evidenciados, precisem de uma demonstração visível de seus efeitos no corpo. Em outras palavras, é como se as condições de trabalho nocivas só atingissem o corpo que, docilmente, então, se submeteria. Essa docilidade, no entanto, conforme foi compreendido mais tarde, era conseguida à custa de uma

estratégia, concernente ao aparelho mental, com a finalidade de anular as resistências que, de forma natural e espontânea, ele opõe à exploração. De qualquer maneira, o que aparece durante este período da história como primeira vítima do trabalho industrial é, de fato, unicamente o corpo (DEJOURS, 1992).

Entretanto, com o esgotamento do sistema taylorista e com a reestruturação das tarefas, enquanto alternativa para a OCT, brotaram amplas discussões sobre o objetivo do trabalho, sobre a relação homem-tarefa, possibilitando uma análise mais profunda e cuidadosa da dimensão mental do trabalho industrial. A esse processo somaram-se as vozes dos operários de linha de produção, dos trabalhadores do setor terciário e das novas indústrias toyotistas. Consideradas isentas de exigências físicas graves, as tarefas de escritório tornaram-se cada vez mais numerosas, na medida do desenvolvimento do setor terciário, e a sensibilidade às cargas intelectuais e psico-sensoriais de trabalho preparam o terreno para as preocupações com a saúde mental (DEJOURS, 1992).

Ocorreu que, em meio ao cenário de desenvolvimento desigual das forças produtivas, das ciências, da tecnologia, do processo produtivo, da organização e das condições de trabalho, estabeleceu-se uma situação tão heterogênea que impossibilitava uma análise global da relação saúde-trabalho. No entanto, é nessa realidade mesclada por fenômenos tão diversificados, que se tornou possível ir reconhecendo, pouco a pouco, novos aspectos e novas tendências que ampliavam a problemática tradicional das questões da saúde. Tudo, na verdade, apontava agora para a saúde mental. E, embora já existisse alguma literatura, se bem que restrita, sobre Psicopatologia do Trabalho, essa problemática do conflito que opõe o trabalho à vida mental era, nesse momento, um território quase desconhecido (DEJOURS, 1992).

A partir da década de 70, portanto, saber qual a fonte específica de nocividade para vida mental passou a ser o principal questionamento. Até então, como visto anteriormente, a luta pela sobrevivência responsabilizara a duração excessiva do trabalho, enquanto a luta pela saúde do corpo conduziu à denúncia das condições do trabalho. Quanto ao sofrimento mental, agora em questão, o que se pôde concluir foi que ele era resultado da organização do trabalho, conforme puderam comprovar mais tarde os estudos desenvolvidos em Psicopatologia do Trabalho, que veremos a seguir.

Por *organização do trabalho* entende-se, de um lado, a *divisão das tarefas* que implica diretamente a questão do interesse ou do tédio no trabalho; de outro lado, a *divisão dos homens*, representada pela hierarquia, comando e submissão, que atinge diretamente as relações que os trabalhadores estabelecem entre si no próprio local de trabalho (CHANLAT et al, 1996, grifos do autor).

A detecção cada vez maior de sofrimento humano decorrente do trabalho, cuja complexidade demanda aporte interdisciplinar que o aborde e o esclareça, motivou muitos estudos e levou à construção de um volume significativo de conhecimentos. De maneira particular se destacam aqueles provenientes de uma corrente de pesquisa vinculada a uma nova disciplina, a Psicopatologia do Trabalho e, ainda, os que constituem a Teoria do Estresse.

1.3 A Psicopatologia do Trabalho e a Teoria do Estresse: Pressupostos Básicos

As primeiras pesquisas em Psicopatologia do Trabalho, nos anos cinquenta, foram dedicadas ao estudo das perturbações psíquicas ocasionadas pelo trabalho.

Utilizavam, então, de uma metodologia baseada em entrevistas individuais, e em um modelo teórico que se referia à psicofisiologia pavloviana³. Com essa forma de pesquisa foi possível descrever síndromes estreitamente associadas à situação de trabalhos repetitivos sob pressão de tempo, como era o caso, por exemplo, do trabalho das telefonistas. Contudo, devido aos limites desse referencial para dar conta de outras diversas situações de trabalho, além daquelas encontradas no trabalho repetitivo e, também, devido aos movimentos que modificaram o panorama teórico da Psicopatologia, como, por exemplo, a hegemonia da Psicanálise ao fim dos anos sessenta, a pesquisa em Psicopatologia do Trabalho estagnou durante anos (CHANLAT et al, 1996).

Segundo Ferreira (1992, p. 9) , foi o livro *A loucura do Trabalho – Estudo da psicopatologia do Trabalho*, de Christophe Dejours, médico psiquiatra com especialização em Medicina do Trabalho, psicanalista e pesquisador francês, publicada no início dos anos 80, que fez avançar o desenvolvimento da Psicopatologia do Trabalho, tirando-a do estado embrionário em que permanecera durante muito tempo. A partir de então, o seu objeto de estudo deixa de ser a loucura e passa a ser o sofrimento no trabalho, entendido como “um estado compatível com a normalidade mas que implica numa série de mecanismos de regulação”.

Nesse momento, como resultado de uma busca de fundamentação clínica desse sofrimento, a Psicopatologia do Trabalho pôde mostrar que as pressões do trabalho, que põem em risco principalmente o equilíbrio psíquico e a saúde mental, são derivantes da organização do trabalho, enquanto os constrangimentos perigosos

³ Psicofisiologia pavloviana: diz respeito à teoria do condicionamento, processo de treinamento que produz a resposta condicionada. O estímulo condicional é associado ao incondicional e, depois de várias repetições, o indivíduo reage ao condicional como se reagisse ao incondicional. A descoberta desse processo de mudança associativa deve-se a Pavlov, que a anunciou em 1903 na cidade de Madri, quando da realização de um congresso internacional de Fisiologia (DORIN, 1978).

para a saúde somática dos trabalhadores resultam das condições de trabalho, isto é, das condições físicas, tais como o barulho, a temperatura, vibrações, irradiações ionizantes etc; químicas, como poeira, vapores etc., e biológicas como os vírus, as bactérias, os fungos, todas elas tendo o corpo como alvo principal (CHANLAT et al, 1996).

O modelo de homem construído pela Psicopatologia do Trabalho é, pois, inteiramente centrado no sofrimento gerado em função da situação real de trabalho e das características da organização do trabalho. Essa nova visão do sofrimento humano nas organizações, nascida na Psicopatologia do Trabalho é interessante porque propõe, no campo do trabalho, uma problemática embasada em conhecimentos adquiridos há quase um século no domínio da experiência clínica, isto é, na psicologia do homem concreto (CHANLAT et al, 1996).

A abordagem psicodinâmica do trabalho vem sendo consolidada, portanto, desde os anos 80, na França, e dos anos 90, no Brasil, especialmente a partir do trabalho de Dejours. As pesquisas realizadas até o momento destacam a organização do trabalho, reflexo de um contexto sócio-cultural e econômico mais amplo, como um dos principais antecedentes do prazer-sofrimento no trabalho, e as estratégias de enfrentamento e transformação de situações geradoras de sofrimento como os elementos que caracterizam uma dinâmica particular a essas vivências (MENDES et al, 2002).

Do ponto de vista da psicopatologia, a OCT traz em seu bojo uma tríplice divisão: divisão do modo operatório, divisão do organismo entre órgãos de execução e órgãos de concepção intelectual e, por fim, a divisão dos homens, compartimentados por uma extensa hierarquia formada por contra-mestres, chefes de equipe, reguladores, cronometristas etc. Em decorrência desse sistema, o

homem no trabalho, o artesão, desapareceu para dar origem a um corpo instrumentalizado - operário massa, desapropriado de seu equipamento intelectual e de seu aparelho mental, porquanto no trabalho taylorizado não há mais tarefa comum, nem obra coletiva mas tão somente a repetitividade dos gestos, a monotonia da tarefa e a robotização que não poupam nenhum operário (DEJOURS, 1992).

Entre alguns dos pressupostos da psicodinâmica do trabalho destaca-se a idéia de que o trabalho é uma importante fonte de prazer, razão pela qual tem tanta importância na vida do indivíduo, representando, inclusive, um meio de realização e uma forma de identidade para que ele se construa como sujeito psicológico e social. O ato de produzir permite um reconhecimento de si próprio como alguém que existe e tem importância para a existência do outro, o que transforma o trabalho em um meio para a estruturação psíquica do homem. Por outro lado, considera, também, que as condições nas quais o homem trabalha podem transformar esse trabalho em algo penoso e doloroso, levando ao sofrimento. Esse sofrimento decorreria do confronto entre a subjetividade do trabalhador e as restrições das condições socioculturais e ambientais, relações sociais e organização do trabalho que, por sua vez, são reflexo de um modo de produção específico o qual, conforme visto anteriormente, é hoje representado pela acumulação flexível do capital. Esse modo de produção tem dado origem a um contexto marcado por muitas diversidades que envolvem a relação trabalho e emprego, subemprego e desemprego. A abordagem psicodinâmica do trabalho ainda considera que o trabalho pode ser, ao mesmo tempo, fonte de prazer e de sofrimento, o que implica uma contradição guiada simultaneamente por um movimento de luta do trabalhador pela busca constante de prazer e pelo movimento de evitar o sofrimento, sempre com a finalidade de manter

seu equilíbrio psíquico. Essa dinâmica é responsável, portanto, pela sua saúde psíquica, o que significa que não é a simples existência do prazer ou do sofrimento os indicadores de saúde, mas a diversidade de estratégias que podem ser utilizadas pelo trabalhador para fazer face às situações geradoras de sofrimento para, então, transformá-las em situações geradoras de prazer (MENDES et al, 2002).

O modelo da psicodinâmica do trabalho tem, pois, como objeto de estudo o que é considerado saudável no espaço de trabalho. Ou seja, o sofrimento vivenciado em meio a uma realidade que não oferece possibilidade de ajustamento das necessidades do trabalhador pelas imposições e pressões do contexto do trabalho, não se instala de forma permanente. Por isso, o sofrimento em si não é patológico mas pode funcionar como um sinal de alerta para evitar o adoecimento que pode ocorrer quando os trabalhadores não conseguem utilizar estratégias para dar conta das adversidades da organização do trabalho.

De acordo com Chanlat et al (1996, p. 152) , a Psicopatologia do Trabalho só pôde retomar o seu desenvolvimento a partir desse momento em que,

[...] assumindo a normalidade dos trabalhadores em situação de trabalho, chegamos ao ponto de realizar uma reviravolta epistemológica. Agora, a normalidade é considerada um enigma. Como os trabalhadores, em sua maioria, conseguem, apesar dos constrangimentos da situação de trabalho, preservar um equilíbrio psíquico e manter-se na normalidade?

Partindo dessa pergunta, a investigação passou a ser conduzida não mais na direção das doenças mentais, mas, na direção das estratégias elaboradas pelos trabalhadores para enfrentar mentalmente a situação de trabalho. Visto sob este

estabilidade, a normalidade não são, entretanto, dados naturais. São antes o indício de uma luta contra a doença mental. Tal normalidade conquistada e conservada pela força é, ao contrário, inteiramente trespassada pelo sofrimento. Partindo desse princípio o sofrimento é então definido “ como o espaço de luta que cobre o campo situado entre, de um lado, o bem-estar (para retomar aqui o termo consagrado pela definição da OMS – Organização Mundial da Saúde) e, de outro, a doença mental ou loucura” (CHANLAT et al, 1996, p. 153).

Entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico se interpõem, como dito anteriormente, estratégias defensivas. Entre elas estão aquelas defesas construídas pelo coletivo de trabalhadores, até então desconhecidas, que, para funcionar, requerem a participação de todos os membros do coletivo. A essas defesas chamou-se defesas coletivas e de ideologias defensivas de profissão, dependendo do caso (DEJOURS apud CHANLAT et al, 1996)

Mas, destas defesas o que interessa propriamente à Psicopatologia é a sua alta especificidade já que elas são, de fato, marcadas de maneira notavelmente discriminativa pelas pressões organizacionais do trabalho, contra as quais são construídas. Quanto às defesas individuais, já arroladas e estudadas pela Psicopatologia e pela Psicanálise, elas também são usadas com esse mesmo fim. Entre elas destaca-se a repressão pulsional⁴, utilizada principalmente nas tarefas repetitivas da organização científica do trabalho. Enquanto resposta às pressões organizacionais, a repressão pulsional preside, todavia, o surgimento de doenças no corpo e não o surgimento de doenças mentais.

A constatação de que pressões psíquicas no trabalho não se limitam à saúde mental mas, antes, põem em causa também a saúde física se constituiu, por sua

⁴ Repressão pulsional: modalidade defensiva que se distingue da repressão e que atua aquém dessa, na própria fonte da pulsão (LAPLANCHE E PONTALIS apud CHANLAT ET AL, 1996, p. 154).

vez, em substrato para que parte da investigação sobre a relação sofrimento e trabalho fosse transferida para o campo da Psicossomática. Entre esses estudos destacam-se aqueles que tratam de uma série de fenômenos descritos sob o nome de estresse (CHANLAT et al, 1996).

Com efeito, muitos estudos referentes à Teoria do Estresse têm sido desenvolvidos também com o mesmo objetivo de compreender a questão do sofrimento no trabalho e as suas conseqüências.

Segundo Chanlat et al (1996) essa teoria, de fato, está mais bem posicionada para penetrar num domínio no qual o psiquismo dos trabalhadores se mantém na normalidade. Entretanto, consideram como inconveniência desta abordagem o fato dela não ser propriamente psicopatológica, isto é, de não estar em condições de dar conta dos mecanismos propriamente psíquicos, nem dos elos intermediários entre o trabalho e a saúde mental. Entendem que os critérios de avaliação, nesse caso, são principalmente critérios somáticos e biológicos, não permitindo uma aproximação com as questões relativas à *significação* nem à *vivência subjetiva* dos trabalhadores.

A despeito dessa crítica, o que se sabe é que os estudos sobre o estresse avançaram bastante sendo, hoje, amplamente utilizados para a compreensão e abordagem das questões de saúde relacionadas ao trabalho. Isso, de alguma forma, parece colocar em questão a argumentação anterior sobre uma possível inconveniência dessa teoria para a compreensão do sofrimento psíquico no trabalho.

De fato muitos estudiosos têm se dedicado, nos últimos tempos, à construção de um conhecimento, hoje já bastante consolidado, sobre o estresse associado à visão psicossomática do adoecer do trabalhador.

Segundo assinalam Rodrigues e Gasparini (1992), desde que Hans Seyle utilizou pela primeira vez o termo “stress” (na forma aportuguesada, estresse) em

Medicina, um grande número de pesquisas e publicações foram produzidas dentro desta linha de pensamento, pois a riqueza deste conceito e a operacionalidade do modelo propiciaram o descortinar de um grande horizonte.

Apesar das enormes controvérsias que existem na definição do conceito de estresse, estes autores adotam em seus trabalhos uma categorização que se concentra sob perspectivas psicofisiológicas, psicológicas e psicossociais. A diversidade de enfoques da questão do estresse não constitui em si mesmo nenhum problema. Antes, é algo bastante positivo, uma vez que não são excludentes entre si, mas, ao contrário, complementam-se e ajudam a construir um conjunto organizado de conhecimentos, numa aproximação holística benéfica para a promoção da saúde (RODRIGUES E GASPARINI, 1992).

Sabe-se, pela própria experiência e pelo conhecimento acumulado até hoje, que o modelo médico, que tem como paradigma a Biologia, tem encontrado dificuldade em gerar novos conhecimentos que permitam a compreensão de inúmeros problemas de saúde, principalmente aqueles que afligem as regiões mais industrializadas. As enfermidades têm componentes sócio-históricos e psicológicos que não podem ser compreendidos sem ajuda de métodos adequados. Assim, a objetivação do processo saúde/doença, pelo vértice de uma Psicossomática com pretensões holísticas procura adicionar aos conhecimentos gerados pela Medicina através do método bio-físico-químico, um outro conjunto de saberes que nos mostra as facetas do ser humano enquanto ser psicológico e social, por intermédio das Ciências Humanas e Sociais. O método que se impõe é o interdisciplinar, que possibilita observar o fenômeno humano como um processo extremamente complexo e de mútua interação entre a infra-estrutura biológica e a superestrutura social, mediada pelo psicológico (RODRIGUES E GASPARINI, 1992).

Através desta proposta metodológica os diferentes subsistemas da unidade bio-psicossocial humana são adequados e concomitantemente abordados. Entenda-se aqui por método interdisciplinar “uma postura científica, que trata das interações e dos métodos comuns às diferentes especialidades” (JAPIASSU apud RODRIGUES E GASPARINI, 1992, p. 97).

É largamente sabido, hoje, como já pontuado anteriormente, que as condições e modo de organização do trabalho alienado se caracterizam por trabalho coercitivo, sem criatividade, em que o indivíduo que o executa não tem controle sobre o seu processo de trabalho, sendo a tarefa aborrecida e a intensidade e duração arbitrariamente decididas. Além disso, essas condições são agravadas por relações de trabalho fragmentadas e competitivas podendo, tudo isso, concorrer para o adoecimento do sujeito. De qualquer modo, toda essa conjuntura tem, no mínimo, a capacidade de produzir sentimentos aos quais dá-se o nome de experiência subjetiva de alienação que se caracteriza por sensação de falta de poder, insatisfação e frustração. Essa forma de trabalho produz, também, sentimentos de estar alheio, bem como a impressão de se estar situado em um mundo hostil e insensível. Esta experiência subjetiva de alienação, inclusive, tem sido correlacionada como um dos fatores de risco da doença coronária (RODRIGUES E GASPARINI, 1992).

Estudos mostram que frente a determinadas formas de vivências psicossociais, principalmente quando as necessidades da pessoa não estão sendo satisfeitas, a tendência é ela tentar se ajustar àquelas condições da maneira como lhe é possível. No ambiente de trabalho, por exemplo, o absenteísmo e uma maior predisposição às doenças, em alguns casos, são formas de reação à falta de coerência social do sistema em que o indivíduo está inserido, que atua como um

poderoso agente estressor. Ou seja, a manifestação de doença em um meio de trabalho pode ser um índice importante para se verificar o nível de saúde deste meio, considerado aqui não somente em termos higiênico-sanitário mas, também, em termos de saúde social, e que pode comprometer o indivíduo inclusive biologicamente (RODRIGUES E GASPARINI, 1992).

A OMS, já em relatório datado de 1986, denunciava a multiplicação de doenças decorrentes de desequilíbrios psicossociais, responsável direta pela mais freqüente razão das consultas médicas, chegando a cerca de 50% nas regiões mais industrializadas e 25% naquelas menos industrializadas. Por outro lado, o sindicalista Carlos Aparecido Clemente, coordenador do Departamento de Segurança do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, em certo momento, numa mesa-redonda sobre saúde no contexto organizacional, dizia :

[...] no dia em que o profissional da área de saúde perguntar ao paciente como é o seu trabalho, como está no trabalho, onde, como e com quem mora, quanto tempo demora para ir de casa para o trabalho e vice-versa, teremos uma revolução no atendimento e na promoção da saúde (apud RODRIGUES E GASPARINI, 1992, p. 97) .

A Teoria do Estresse defende a idéia que durante o trabalho o corpo vai se modelando às exigências e necessidades mentais, físicas e de relacionamento de cada função. Entender suas manifestações como reações desse modo de viver, especialmente dentro do trabalho, seria o primeiro passo para a pessoa conhecer seus limites como pessoa e os limites entre capacitação, exigência de esforço físico e mental e realização.

De acordo com França e Rodrigues (2002, p. 91),

[...] o sentimento de bem estar que deriva do alívio das tensões relacionadas ao trabalho só é completamente alcançado quando o exercício da atividade mental está associado com a motivação e a satisfação relacionadas ao conteúdo da tarefa; dessa forma, ao realizar o trabalho, a pessoa sente-se revigorada [...] o prazer surge quando há adequada descarga de energia mental no trabalho. Isso contribui para a manutenção da homeostase⁵ do

⁵ O termo homeostase é utilizado aqui como a tendência própria do meio interno do organismo à estabilidade.

organismo e, conseqüentemente, da saúde.

Todos estes estudos, que ao longo do tempo vêm sendo desenvolvidos visando compreender as questões relacionadas ao sofrimento humano no trabalho, têm sido importantes tanto para denunciar a nocividade de algumas formas de trabalho quanto para, em algum nível, promover a saúde do trabalhador. As discussões, debates e os conhecimentos desenvolvidos em torno desta temática levou ao reconhecimento de um novo conceito que mostra que a saúde não decorre de fatores exclusivamente pessoais mas, antes, é resultado, também, de fatores localizados nas dimensões coletivas. De maneira particular eles são vivenciados nas relações de trabalho.

Esse fenômeno, conforme tem sido pontuado desde o início desse estudo, é facilmente detectável principalmente em determinados segmentos de trabalhadores, como é o caso dos profissionais do setor bancário, como poderá ser visto a seguir.

1.4 O Trabalho Bancário e Suas Expressões na Saúde do Trabalhador

Como assinalado anteriormente, as grandes transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, decorrentes do processo de reestruturação produtiva, se fazem sentir, de maneira particular, no setor financeiro, e expressas nas instituições bancárias, onde os trabalhadores vivenciam profundamente o seu impacto.

Este fenômeno é de tal forma significativo que muitos estudiosos têm se dedicado, cada vez mais, a analisá-lo.

Segundo Grisci e Bessi (2004) diversos estudos mostram que o trabalhador bancário vive, há algumas décadas, sob a influência de novas forças que o tomam de assalto. De fato, anteriormente à onda mais intensa de automação bancária,

iniciada no Brasil nas décadas de 1980-1990, o trabalho bancário tinha uma configuração bastante diferente da atual. A natureza do trabalho, o seu produto e o status da função de bancário proporcionavam a esse trabalhador a percepção de que seu trabalho era importante para si e para a sociedade.

Ocorre que, desde os anos 80, como forma de enfrentar a intensificação da concorrência nos mercados nacionais e internacionais, vem se desenvolvendo um processo de reestruturação dos sistemas bancários em diversos países do mundo capitalista. E, uma das conseqüências mais diretas deste processo é a redefinição do perfil operacional das instituições bancárias que se voltam para os mercados de capital, desenvolvendo atividades puramente especulativas, diversificando serviços e produtos e utilizando novos instrumentos financeiros. Ao mesmo tempo esses movimentos são acompanhados de medidas de reorganização produtiva que mudam as relações e condições de trabalho e significam precarização do emprego para grande contingente de assalariados bancários (JINKINGS, 2002-2003).

No Brasil, o aprofundamento da reestruturação do sistema bancário se deu em meados dos anos 90, mais especificamente após a implementação do programa de estabilização monetária, conhecido como Plano Real. Ela ocorreu de forma semelhante àquela que, ao longo da década de 80, se deu em outros países capitalistas. Os ajustes no sistema bancário brasileiro também seguiram em direção à redução de custos operacionais – apoiada na intensificação tecnológica e na terceirização – e à concepção de novas estratégias mercadológicas, baseada na diversificação e sofisticação de produtos e serviços.

A partir de então, segundo Grisci e Bessi (2004), o trabalho bancário, paradigmático em relação à reestruturação produtiva passou a experimentar mudanças significativas, cada vez mais intensas, as quais afetaram os trabalhadores

em seus modos de trabalhar e de ser. Uma lógica de instabilidade e imprevisibilidade, resultantes das contínuas reestruturações do trabalho, aliadas às novas tecnologias, fez com que esse trabalho, antes tido como para toda a vida, adquirisse um caráter de transitoriedade.

Em decorrência da reestruturação dos bancos alguns fenômenos sociais surgiram dentro desse segmento de trabalho, dos quais Liliana Segnini (apud JINKINGS, 2002-2003) destaca três, como sendo suas principais marcas.

O primeiro, é o alto índice de desemprego, conseqüência de práticas gerenciais relativas à flexibilização funcional do trabalho, redução de níveis hierárquicos e política tecnológica direcionada para a diminuição de postos de trabalho e aumento da produtividade.

O segundo, é a terceirização e a precarização do trabalho, como estratégia de redução de custos e elevação da produtividade, expressa em condições de trabalho caracterizado por jornadas laborais mais longas, salários relativamente inferiores e maior exploração do trabalho, quando comparadas às condições de trabalho regularmente contratado nos bancos.

E, por último, a intensificação do trabalho, em decorrência, por um lado, da fusão de postos de trabalho e da redução de níveis hierárquicos; por outro lado, graças às políticas de gestão e controle do trabalho que visam a maximização dos resultados .

Assim como milhões de trabalhadores atingidos pela reestruturação contemporânea do capital, os bancários experimentam a instabilidade do emprego e a intensificação do trabalho na sua vida cotidiana. Os movimentos de reorganização produtiva têm, de fato, afetado sobremaneira o emprego bancário e hipertrofiado uma população trabalhadora excedente no setor. Dos cerca de um milhão de

bancários regularmente contratados em meados da década de 80, restavam, aproximadamente, 388 mil ao término de 2000, segundo dados dos DIEESE (JINKINGS, 2002-2003).

Dados também do Ministério do Trabalho, ainda segundo Grisci e Bessi (2004), em janeiro de 1991, revelavam que a categoria dos bancários contava com 754 mil trabalhadores no território nacional. Em outubro de 2000, o número de funcionários no setor girava em torno de 394 mil. Essa redução no mercado de trabalho bancário está relacionada à superposição de agências, à reestruturação nas formas de gestão, fusão de postos de trabalho, bem como ao uso intensivo de tecnologias da informação.

Por outro lado, é interessante observar que as mudanças nas condições de trabalho repercutem, também, nos traços constitutivos do perfil dos bancários, enquanto categoria profissional. As medidas de reestruturação dos bancos excluem, com maior frequência, os trabalhadores considerados menos qualificados ou não adaptados aos princípios empresariais de qualidade total ou de excelência no atendimento ao cliente. As demissões vão acontecendo, prioritariamente, com aqueles bancários responsáveis por tarefas de infra-estrutura de apoio ou de atendimento simplificado, enquanto postos de trabalho são continuamente substituídos por máquinas automatizadas ou por trabalhadores sub-contratados pelos processos de terceirização. Paralelamente a este movimento, ocorre uma valorização daqueles profissionais com capacidade de gerenciamento, hábeis em vendas e capazes de compreender os movimentos do mercado financeiro, e com perfil para um atendimento personalizado aos clientes preferenciais dos bancos, com alto rendimento e potencial investidor (JINKINGS, 2002-2003).

É importante ressaltar que essa ênfase

atendimento, como forma de diferenciação mercadológica, e na venda de produtos e serviços financeiros, como importante mecanismo de rentabilidade, produz uma redefinição da identidade profissional do bancário alocado nas agências, postos e centrais de atendimento. A partir de agora esse trabalhador se converte em bancário-vendedor, que deverá, além disso, estar capacitado a um atendimento integral ao cliente. Dessa forma, quer seja individualmente, quer seja compondo equipes, os bancários-vendedores são compelidos a vender títulos, seguros, aplicações e todos os demais produtos e serviços disponibilizados, mediante metas impostas pela administração dos bancos.

Um outro mecanismo próprio da reestruturação produtiva nos bancos, e um dos fatores responsáveis pela terceirização e precarização do trabalho bancário, segundo fenômeno social a que se refere Segnini (apud JINKINGS, 2002-2003), são as práticas flexíveis de contratação da força de trabalho nas instituições financeiras. Estas práticas são representadas nas formas de sub-contratação, trabalho por tarefa ou em tempo parcial. Este novo padrão de relação salarial significa precariedade do emprego e do salário, desregulamentação das condições de trabalho e perdas de direitos sociais para os empregados que forem admitidos sob esse regime. É importante observar que, do ponto de vista do capital, estas formas de contratação se adaptam perfeitamente aos seus objetivos de auto-valorização mas, ao mesmo tempo, atingem fortemente a capacidade de resistência da classe trabalhadora, fragmentando-a e dificultando sua organização sindical (JINKINGS, 1999).

Quanto à intensificação do trabalho, assim como ocorre em outros segmentos da classe trabalhadora, conforme assinala Jinkings (2002-2003), também nos bancos a pressão por produtividade é bastante intensa. Aí ela se apresenta de modo

diluído, justificada pelas leis do mercado e pelas exigências atribuídas à concorrência interbancária e aos clientes. Em seus ambientes de trabalho, tolhidos pelo medo do desemprego, muitos trabalhadores intensificam seu trabalho e tentam seguir os critérios patronais de competência e as exigências de produtividade, o que resulta em sérias ameaças às suas condições de saúde. Um fator agravante que, de modo especial, permeia as agências bancárias e as centrais de atendimento, é a determinação de metas a serem cumpridas pelos bancários nas vendas de produtos e serviços. Isso gera, sobremaneira, muita tensão nas relações, porque acirra a competitividade entre eles.

Todo esse panorama de modificações inevitavelmente provoca mudanças, também, no agir do trabalhador bancário. Agora ele tem, obrigatoriamente, que se constituir em sujeito de respostas cada vez mais rápidas, uma vez que o seu trabalho se torna, a cada dia, mais ágil, para poder acompanhar a velocidade dos computadores. Aquele bancário de tempos passados, que tinha como principal meio de trabalho a moeda, começa a ceder espaço a um novo profissional que, agora, tem na informação sua principal ferramenta de trabalho (GRISCI e BESSI, 2004).

Neste contexto de tantas mudanças, o cotidiano de trabalho do grande contingente de bancários é marcado pela insegurança, pela ansiedade e pelo medo. O sofrimento psíquico de muitos destes trabalhadores, derivado do controle, da pressão, da intensidade do trabalho, do medo de erro e da demissão, das relações tensas e competitivas nos ambientes de trabalho, desgasta a saúde mental, e contamina o tempo livre de trabalho (JINKINGS, 2002-2003).

Não é nova a idéia da inter-relação entre momentos de crise econômica e/ou de transformações intensas nos processos de trabalho e problemas de saúde, sendo que diversos estudos puderam demonstrar este fenômeno. Edith Seligmann-Silva

(apud JINKINGS,1999), por exemplo, assinala que doenças cardiovasculares, distúrbios mentais, taxas de suicídio e homicídio tendem a aumentar em situações de recessão. Tratando do que chama de psicopatologia da recessão, a autora analisa não apenas o sofrimento dos trabalhadores que perderam seus empregos, mas, também, os agravos à saúde dos que mantêm seus vínculos empregatícios sob ameaça constante de demissão, diante de processos de dispensa em massa, e daqueles que estão diariamente sujeitos à sobrecarga de tarefas, a jornadas de trabalho longas e extenuantes, e à intensa pressão por produtividade nos seus locais de trabalho.

Na verdade, no que se refere especificamente ao trabalho bancário, sabe-se que ele sempre foi fonte de graves doenças profissionais. Segundo pesquisa realizada por Letícia Canêdo (apud JINKINGS, 1999), já na primeira metade do século passado, os problemas de saúde mais freqüentemente diagnosticados entre os trabalhadores eram a tuberculose e a chamada “psiconeurose bancária”. Os resultados de sua pesquisa dão conta de que, em 1938, 23% dos bancários de São Paulo eram portadores de tuberculose. A “psiconeurose bancária”, por seu turno, foi diagnosticada em 259 bancários do Rio de Janeiro em 1942, e teve seus sintomas assim descritos na época: “[...] afeta as funções do cérebro, dando fraqueza, dificuldade de concentrar a atenção, dor de cabeça e irritabilidade. Surgem insônias e fobias de várias espécies [...] o sintoma que domina é a angústia ou excesso de escrúpulo” (JINKINGS, 1999, p. 162, grifo da autora).

Entretanto, observa a autora, com todas as mudanças que vêm se processando no trabalho bancário, como descrito até agora, atualmente novos riscos para a saúde desse trabalhador foram sendo produzidos. O ritmo intenso de trabalho, a pressão por produtividade e as formas de controle exercidas, a grande

carga de responsabilidade (em razão da manipulação de valores alheios, direta ou indiretamente), a exigência dos próprios clientes, em caso de atendimento ao público, tudo isso se tornou causa de desgaste físico e mental no trabalho bancário, conforme apontado em pesquisa coordenada por Seligmann-Silva (apud JINKINGS, 1999), nos anos 80.

Hoje, como é possível observar, além dos altíssimos índices de ansiedade e depressão que têm sido verificados nos locais de trabalho, decorrentes dos programas de reorganização produtiva que disseminam o medo da demissão e tensionam o ambiente de trabalho, o trabalhador bancário se vê, agora, exposto ao risco de novas doenças.

Com efeito, ao realizar sua atividade cotidiana, sob a exigência de altos níveis de atenção e memorização, e submetidos a uma maratona laboral, os bancários que utilizam computadores no decorrer de toda sua jornada, por exemplo, estão sujeitos a novas formas de desgaste da saúde. É o que tem ocorrido com as chamadas LERs – Lesões por Esforços Repetitivos, dentre as quais se destaca a tenossinovite, que consiste na inflamação que reveste os tendões, cujo aumento da incidência, nas últimas décadas, é evidente. Essa doença tem como sintomas mais freqüentes as dores, dormências e diminuição da força muscular. Dependendo do estágio em que se encontram, as LERs comprometem a capacidade de realizar movimentos. Entre os bancários que mais são afetados por elas estão aqueles que trabalham nos caixas, os digitadores, os operadores de *telemarketing* e os funcionários da área de compensação (JINKINGS, 1999).

Outro dado digno de nota diz respeito particularmente aos bancos estatais, onde o crescente índice de suicídios de seus assalariados é revelador dos custos sociais do atual processo de reorganização do capital e de suas formas de

destruição da subjetividade do trabalho (JINKINGS, 2002-2003). Aqui acresce a questão da instabilidade associada às mudanças locais e nacionais.

Enfim, todos os estudos que procuram compreender as novas especificidades do trabalho bancário têm podido demonstrar o quanto a reorganização do capital trouxe em seu bojo uma infinidade de conseqüências danosas especialmente à saúde deste segmento da classe trabalhadora.

A apresentação do cenário de trabalho dos bancários, contemplando importantes questões concernentes à relação trabalho-saúde e algumas de suas expressões na realidade concreta desse trabalhador, certamente propiciou a compreensão da dinâmica e dos meandros dessa relação tão complexa e delicada que prefigura possibilidade de sofrimento e de comprometimento da saúde.

2 OPÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Só se aprende ciência praticando a ciência; só se pratica ciência praticando a pesquisa e só se pratica pesquisa trabalhando o conhecimento a partir de fontes apropriadas a cada tipo de objeto.

Antônio Joaquim Severino

2.1 Pressupostos Metodológicos

2.1.1 Pesquisa Documental

Para este estudo utilizamos, fundamentalmente, a pesquisa documental e, como fonte da informação, o documento bibliográfico, mais especificamente resumos de cinco Teses de Doutorado e trinta e uma Dissertações de Mestrado. Estas foram produzidas em doze diferentes áreas do conhecimento, em 18 unidades brasileiras de ensino superior, e têm como tema a relação TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE.

Segundo Witter (1990, p. 22),

[...] a pesquisa documental é aquela cujos objetivos ou hipóteses podem ser verificados através da análise de documentos, bibliográficos ou não-bibliográficos, requerendo metodologia (coleta, organização, análise de dados) compatíveis com os mesmos.

A análise de documentos, dependendo do objetivo da pesquisa, é o principal meio de concretização do estudo e não apenas um instrumento complementar (PIMENTEL, 2001), visto que é possível que eles contenham todas as categorias a serem analisadas.

Por outro lado, conforme pontua Salazar (apud WITTER, 1990), os documentos podem ser classificados em duas grandes categorias: impressos e não-impressos. Os primeiros são, também, denominados bibliográficos e os segundo, não-bibliográficos. Entre os documentos bibliográficos estão as Dissertações e as Teses, os Livros, os Periódicos, os Folhetos e similares.

A opção por Teses e Dissertações como fontes documentais para esse estudo se deu por entendermos que no âmbito da academia, mormente nos programas de pós-graduação *strictu sensu*, se produz conhecimento significativo, dado o compromisso que as universidades deveriam manter para com a sociedade, principalmente nas áreas que estudam a relação homem e sociedade.

Além do mais,

[...] no Brasil a produção científica está quase que diretamente ligada à produção científica nos cursos de pós-graduação, seja pelo seu fazer científico ou pelo seu papel na formação de professores e pesquisadores que irão atuar em outras entidades (NAKANO, 2005 , p. 39) .

Caracterizadas como documentos bibliográficos, as Teses e Dissertações são, também, fontes primárias de informação, ou seja, trazem a ciência diretamente referida, ao passo que os livros, também documentos bibliográficos, tanto podem trazer informações primárias (resultantes diretamente de teses e projetos de pesquisa), como secundárias ou mesmo terciárias, sumariando ou referindo o que outros pesquisaram, pensaram ou refletiram sobre o assunto.

Ademais, conforme ressalta Domingos (1999), elas constituem importante contribuição como produto da ciência sendo que, em diversas áreas do conhecimento, as mais recentes e avançadas práticas, aplicações e delineamentos de pesquisa evidenciam-se a partir delas, razão pela qual são comumente utilizadas por pesquisadores.

A pesquisa bibliográfica se distingue das demais pesquisas documentais por

últimos aspectos são variáveis dependendo dos objetivos do autor e do tipo de suporte em estudo (WITTER, 1990).

Feitas estas considerações, resta ainda ressaltar que a pesquisa bibliográfica embora implique numa revisão bibliográfica, vai muito além dela uma vez que, em razão da especificidade de seus objetivos e procedimentos, avança nos seus propósitos e traz resultados conclusivos em si mesma. Ou seja, o grande diferencial entre a pesquisa documental e a revisão bibliográfica é que, da primeira deve necessariamente emergir conhecimentos novos, enquanto da segunda resulta uma síntese, uma análise de um saber já sistematizado e colocado à disposição de todos.

O interesse por esta metodologia brotou, inicialmente, quando nos deparamos com a tese de doutorado em Serviço Social da Prof^ª. Dr^ª Mariângela Belfiore Wanderley, defendida na PUC-SP, que resultou no livro *Metamorfoses do Desenvolvimento de Comunidade*, cuja 2^a edição foi publicada em 1998, pela Editora Cortez.

Conforme a própria autora descreve, buscou-se

[...] na produção escrita, elaborada no âmbito do Serviço Social, as concepções de desenvolvimento de comunidade, construídas e/ou utilizadas durante e após o movimento de reconceituação. Importava saber como essas concepções foram elaboradas, quais seus fundamentos teóricos, que relações elas estabeleceram com o Serviço Social [...] delimitarei como *universo de pesquisa*, a literatura produzida no Brasil, no âmbito do Serviço Social, nos programas de pós-graduação em Serviço Social *strictu sensu* (dissertações de mestrado e teses de doutorado) e/ou publicada em livros, divulgados nacionalmente, nos últimos 20 anos (1970-1990). Artigos publicados pela revista *Serviço Social e Sociedade* e na coleção *Cadernos Verdes* do Centro Brasileiro de Cooperação e intercâmbio em Serviços Sociais – CBCISS, completam o material empírico pesquisado (WANDERLEY, 1998, p. 11-12).

Posteriormente, tendo esta tese como referência, procedemos a uma investigação que resultou na localização de outros trabalhos, especialmente na área da pesquisa em Psicologia, que se utilizavam desta metodologia que consiste no levantamento e análise de produção científica. Ao buscarmos maiores subsídios sobre este tipo de pesquisa, encontramos importante corpo teórico que lhe dá

sustentação.

Segundo Pacheco (2005), um dos estudos pioneiros sobre a análise de produção científica em Psicologia, realizado de forma mais sistematizada no Brasil, é de co-autoria de Arrigo Leonardo Angelini, Samuel Pfromm Netto e Nelson Rosamilha, e foi apresentado na 17ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1965.

Entretanto, foi a partir dos anos 70 que a prática dessa modalidade de pesquisa se intensificou. Daí por diante ela atraiu a atenção de muitos cientistas pela relevância de muitos de seus aspectos, como por exemplo, poder avaliar a produção em cada sub-área de cada ciência, fazer comparação da evolução das sub-áreas e das ciências, contribuir para a definição de políticas científicas e educacionais, servir para a orientação social do uso dos resultados das técnicas e de todo o conhecimento científico etc. (WITTER, 2005).

Além disso, a autora ressalta que este tipo de pesquisa ainda permite conhecer o nível do conhecimento alcançado, o tipo de informação que tem sido alvo de maior atenção dos pesquisadores, as tendências teóricas e metodológicas, as características dos sujeitos-alvo dos estudos etc. Ou seja, sempre traz alguma contribuição ao saber-fazer científico.

Para Pacheco (2005, p. 24), “estudos e análises de produção científica podem resultar em informações relevantes que venham nortear a ampliação de temas e áreas para estudos posteriores”.

Santeiro (2005) lembra, ainda, que tais estudos podem ser considerados como desencadeadores de reflexões que incluem a do próprio papel social da ciência.

Enfim, verificados os nexos entre esse tipo de pesquisa e os objetivos de

nosso estudo , optamos em trabalhar nessa direção, fundamentando-nos em seus princípios básicos.

O presente trabalho, portanto, é uma pesquisa documental, cujas fontes de informações são Resumos de Teses e Dissertações que têm por objeto de estudo a relação TRABALHO BANCÁRIO–SAÚDE, produzidas no Brasil e localizadas através de um levantamento da produção científica dos Programas de Pós-Graduação brasileiros, em diversas áreas do conhecimento.

A decisão em analisarmos tão somente os Resumos, tal qual são apresentados à CAPES, derivou, primeiramente, da presumível dificuldade em ter acesso a todos os trabalhos, na sua íntegra, uma vez que eles se encontram depositados em bibliotecas universitárias espalhadas por diversos estados brasileiros. Ademais, a nosso ver, a sua leitura completa certamente extrapolaria os propósitos e o âmbito de abrangência de uma dissertação de mestrado. Assim, para os objetivos desse estudo, a análise dos Resumos resultou suficiente.

2.1.2 Análise de Conteúdo

Para o tratamento dos dados, sua sistematização e interpretação, foi utilizado um levantamento quantitativo e, em seguida a análise qualitativa de conteúdo. Para essa última tarefa fundamentamo-nos particularmente em Lawrence Bardin, autora clássica nessa técnica investigativa.

Segundo a autora,

[...] a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo das mensagens [...] a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (BARDIN [s.d.], p. 38, grifos da autora).

O fato de ser um meio para estudar as comunicações, com ênfase no

conteúdo das mensagens, limitando o âmbito do método, privilegia, mas não exclui outros meios de comunicação, as formas de linguagem escrita e oral (TRIVIÑOS, 1994).

Dois tipos de documentos podem ser submetidos à análise: os documentos naturais, produzidos espontaneamente na realidade, ou seja, tudo o que é comunicação; e os documentos suscitados pelas necessidades de estudo, como por exemplo, respostas a questionários, testes, experiências etc.

Utiliza-se, então, da inferência que consiste numa operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras. Tal como a etnografia necessita da etnologia para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista utiliza o tratamento das mensagens que manipula para inferir, ou seja, deduzir de maneira lógica, conhecimentos contidos nelas (BARDIN, [s.d.]).

Segundo Trivinos (1994), o mais comum é a inferência partir das informações que o próprio conteúdo da mensagem fornece. Pode, contudo, partir ainda de premissas que se levantam como resultado do estudo dos dados que apresenta a comunicação. De qualquer maneira, em ambas as situações a informação surge da apreciação objetiva da mensagem.

Minayo (apud SOARES, 2003, p. 101) destaca duas funções no uso da análise de conteúdo, a saber:

[...] uma se refere à verificação de hipóteses e/ou questões. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem, na prática, se complementar [...].

No caso específico desse estudo a análise se deu primordialmente em nível de verificação de alguns aspectos contidos nos Resumos considerados.

2.2 Etapas e Procedimentos

Inicialmente definimos a ANPEPP- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, como espaço institucional através do qual delimitamos nosso universo de pesquisa que originalmente focalizaria apenas os trabalhos produzidos em Psicologia.

A escolha pela ANPEPP se fundamentou, primeiramente, pela relevância desta entidade junto à comunidade acadêmica, bem como pela sua atuação no cenário científico brasileiro. Em segundo lugar, pela especificidade de seu trabalho, que trata de questões relativas à pesquisa exclusivamente no âmbito da Psicologia, área de interesse e vínculo profissional da pesquisadora.

Constituída como uma sociedade civil, de abrangência nacional, a ANPEPP tem como principal objetivo propor e defender medidas de apoio e incentivo à pesquisa e aos programas de pós-graduação em Psicologia no país. Além disso, promove o intercâmbio e cooperação entre os centros de pesquisa e seus pesquisadores, e defende e incentiva o aperfeiçoamento dos programas de pós-graduação na área. Outra de suas grandes atribuições é divulgar os trabalhos científicos em psicologia, produzidos no país, através da realização de congressos, seminários e reuniões de interesse da pesquisa e da pós-graduação. Ou seja, ela congrega o que há de mais significativo e atual no universo da pesquisa e da produção científica dos programas de pós-graduação em psicologia brasileiros.

Toda essa etapa se deu via Internet, veículo que, na visão de Severino (2002), tornou-se indispensável fonte de pesquisa para os diversos campos do conhecimento. Com efeito, a Internet representa hoje a possibilidade de acesso a um extraordinário acervo de dados, colocado à disposição de todos os interessados

através de fácil processo de operacionalização. Para a área acadêmica interessam, sobretudo, os endereços das próprias bibliotecas das grandes universidades, que colocam à disposição informações de fontes bibliográficas a partir de seus acervos documentais. Também os endereços de outros órgãos ligados ao mundo da pesquisa, como é o caso da própria ANPEPP, representam importantes fontes documentais.

Quanto à delimitação do período da produção a ser analisada, consideramos como parâmetro temporal o período entre 1990 e 2003, tempo em que vêm se desenvolvendo e consolidando a reestruturação do capital e as grandes transformações no segmento do trabalho bancário. Conforme pontua Jenkins (2003), foi justamente ao longo dos anos 90 que, no Brasil e em outros países da América Latina, a reorganização dos sistemas financeiros nacionais se desenvolveu em meio à adoção de medidas de liberalização comercial, de desregulamentação financeira e privatização da economia. Entendemos, por conseguinte, que nesse tempo certamente foram geradas importantes reflexões.

Para uma melhor demonstração dos procedimentos realizados na busca desses dados, eles serão apresentados em dois momentos:

Primeira Etapa:

Através do informativo da ANPEPP intitulado *“Pós-graduação Brasileira em Psicologia: A Situação Presente e Algumas Considerações com o Passado Recente”*, verificou-se que, até 2005, existem no país 47 cursos de mestrado e 25 de doutorado em Psicologia, registrando um crescimento acumulado de 95,9% desde 1996, no caso do mestrado, e de 78,6% no caso do doutorado, conforme indica a tabela 1:

Tabela 1 – Número de cursos de mestrado e de doutorado avaliados desde 1996 até 2005¹

	1996	1998	2001	2004	2005
Mestrados	24	28	38	45	47
Crescimento acumulado desde 1996	–	–	58,3%	87,5%	95,9%
Doutorados	14	16	21	23	25
Crescimento acumulado desde 1996	–	–	50,0%	64,3%	78,6%

Como é possível observar, é relevante o número de programas de pós-graduação *strictu sensu* em Psicologia, que perfaz um total de 72, entre mestrados e doutorados.

Granja (1995), há uma década atrás, afirmava que o desenvolvimento da pesquisa psicológica no Brasil se mostrava contínuo embora lento e com empecilhos e entraves a ultrapassar.

Posteriormente Domingos (1999), já ressaltava o quanto a produção científica em Psicologia vinha avançando tanto em nível quantitativo quanto qualitativo, fato esse perceptível ao se comparar os trabalhos então apresentados com aqueles do início dos programas de Pós-graduação, nos anos 60 e 70. Segundo a autora, era notório o extraordinário crescimento, marcadamente no início da década de 90.

Hoje, como é possível observar através dos dados contidos da Tabela 1, a realidade da área da Psicologia, no que diz respeito à pós-graduação *strictu sensu* é bastante alvissareira.

¹ Informação colhida no site www.anpepp.org.br em 04/07/2005

De posse da informação sobre o número de programas de Mestrado e Doutorado em Psicologia existentes no Brasil, averiguou-se quais e quantas instituições mantenedoras destes programas estão vinculadas à ANPEPP.

Conforme demonstrado no Quadro 1, são 32 instituições que oferecem o total de 48 programas, muitos deles nos dois níveis.

Quadro 1 – Programas de Pós-Graduação *strictu sensu* em Psicologia vinculados à Anpepp²

Instituição	Programa
Pontifícia Universidade Católica - PUC-RS	Psicologia
Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP	Psicologia Clínica
Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP	Psicologia Experimental: Análise do Comportamento
Pontifícia Universidade Católica- PUC-SP	Psicologia Social
Pontifícia Universidade Católica– PUCCAMP-SP	Psicologia
Pontifícia Universidade Católica – PUC-RJ	Psicologia Clínica
Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP	Psicologia da Educação
Universidade Católica D. Bosco – MS	Psicologia
Universidade Católica de Goiás	Psicologia
Universidade Estado do Rio de Janeiro - UERJ	Psicanálise
Universidade Estado do Rio de Janeiro - UFRJ	Psicologia Social
Universidade Federal da Bahia - UFBA	Psicologia
Universidade Federal do Ceará - UFCE	Psicologia
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	Psicologia
Universidade Federal Fluminense - UFF	Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	Psicologia
Universidade Federal do Pará - UFPA	Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB	Psicologia Social

² Informação colhida no site www.anpepp.org.br em 05/07/2005

Universidade Federal da Paraíba - UFPB	Psicologia Social
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	Psicologia Cognitiva
Universidade Federal do Rio Gde. Sul - UFRGS	Psicologia do Desenvolvimento
Universidade Federal do Rio Gde. Sul - UFRGS	Psicologia Social e Institucional
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Psicologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Psicologia de Comunidade e Ecologia Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Teoria Psicanalítica
Universidade Federal Rio Gde. Norte-UFRGN	Psicobiologia
Universidade Federal Rio Gde. Norte - UFRGN	Psicologia
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Psicologia
Universidade Federal de Uberlândia - UFU	Psicologia
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP	Psicologia da Saúde
Universidade de Brasília - UnB	Psicologia
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP-Assis-sp	Psicologia
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP	Psicologia Clínica
Universidade de Fortaleza - UNIFOR	Psicologia
Universidade de São Marcos - UNIMARCO	Psicologia
Universidade São Francisco - USF	Psicologia
Universidade de São Paulo – USP-SP	Psicologia (Neurociências e Comportamento)
Universidade de São Paulo – USP-SP	Psicologia (Neurociências e comportamento)
Universidade de São Paulo – USP-SP	Psicologia Experimental
Universidade de São Paulo – USP-SP	Psicologia Clínica
Universidade de São Paulo – USP-SP	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Universidade de São Paulo – USP-SP	Psicologia Social
Universidade de São Paulo – USP-RP	Psicobiologia
Universidade de São Paulo – USP-RP	Psicologia
Universidade Católica de Brasília – UCB	Psicologia
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	Educação Especial

Universidade de São Paulo- USP-RP	Saúde Mental
UNESP- Bauru	Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (Linha 1 – Aprendizagem e Ensino) (Linha 2- Comportamento e Saúde)

A ANPEPP reúne hoje, portanto, 48 programas oferecidos por 32 diferentes instituições, sendo 62,50% públicas, 31,25% privadas confessionais e 6,25% privadas, localizadas em 15 estados brasileiros e, também, no Distrito Federal. A maior concentração destas instituições se dá no Estado de São Paulo. Em muitos casos, uma mesma instituição oferece mais de um programa, como acontece, por exemplo, com a USP, a PUC-SP e a UFRJ.

Por outro lado, é interessante ressaltar a tendência à especialização própria da Psicologia, evidenciada nas 15 diferentes sub-áreas em que são oferecidos cursos de Mestrado e de Doutorado.

Dos 48 programas existentes 20, ou seja, 41,67% se apresentam simplesmente como sendo em Psicologia, sem especificar a sub-área a que pertencem. Quanto aos demais, estão assim agrupados: 6 (12,50%) são em Psicologia Social, 4 (8,33%) em Psicologia Clínica, 3 (6,25%) em Psicologia do Desenvolvimento, 3 (6,25%) em Psicologia da Educação (Escolar e Educação Especial), 2 (4,17%) em Psicologia Experimental, 2 (4,17%) em Psicanálise e Teorias Psicanalítica, 2 (4,17%) em Psicobiologia, 2 (4,17%) em Neurociência e Comportamento, 1 (2,08%) em Saúde Mental, 1 (2,08%) em Psicologia da Saúde, 1 (2,08%) em Psicologia Cognitiva e 1 (2,08%) em Psicologia de Comunidade e Ecologia Social. Parece-nos um dado significativo o fato da maioria dos Programas em Psicologia não ter especificado as sub-áreas nas quais se desenvolvem os cursos de Mestrado e Doutorado, o que impede uma análise sobre que sub-áreas estão mais implicadas com a problemática da saúde do trabalhador bancário.

Resta ainda especificar que a maciça maioria (68,75%) dos programas oferecidos se encontram nas universidades públicas, seguidas pelas privadas confessionais (27,08%) e pelas privadas (4,17%).

Segunda Etapa

Com base nos dados oferecidos pela ANPEPP, recorreremos ao seu Banco de Teses e Dissertações, ainda através do *site* desta instituição, verificando, então, que o mesmo apresenta dois sistemas que oferecem acesso a este tipo de trabalho: o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital da UFRGS.

Escolhemos, então, o sistema CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo fato de ser a instituição, em nível de Governo Federal, responsável pelo acompanhamento e avaliação dos cursos de pós-graduação *strictu sensu* brasileiros, marcando sua presença permanente nos programas de ensino e pesquisa das instituições de ensino superior. Sua importância ainda se estende ao incentivo à formação de mestres e doutores através de bolsas de estudo no País e no exterior que, no futuro, possam vir a ocupar lugares significativos na academia, na administração pública e no setor privado.

O referido Banco de Teses reúne os trabalhos científicos produzidos nos programas de pós-graduação *strictu sensu* das instituições de ensino superior de todo o país, com o intuito de tornar públicas as produções desenvolvidas nos cursos de mestrado e doutorado. O sistema dispõe de uma ferramenta de busca que permite localizar a pesquisa por autor, título ou por assunto, podendo ser acessado por qualquer pessoa a partir de um computador conectado à Internet. As informações constantes desta base de dados são fornecidas diretamente à CAPES, pelos programas de pós-graduação mantidos pelas universidades e instituições de

pesquisa brasileiras, sendo, assim, de inteira responsabilidade deles.

Foi, portanto, no Banco de Teses da CAPES, disponível em *site*³, que procedemos a busca das dissertações e teses produzidas nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, no período compreendido entre 1990 e 2003, cujo objeto de estudo se refere à relação TRABALHO BANCÁRIO – SAÚDE.

Utilizamos como critério de seleção das obras, objeto de análise, a busca por categorias teóricas já expressas no capítulo um, cruzando as palavras-chave: *trabalho bancário-saúde, trabalho bancário-sofrimento psíquico, trabalho bancário-saúde mental, trabalho bancário-estresse, trabalho bancário X DORT, trabalho bancário/LER, trabalho bancário/dependência química, trabalho bancário/alcoolização, trabalho bancário/depressão.*

Como resultado, conforme demonstrado no quadro 2, identificamos um total de 31 dissertações de mestrado e 05 teses de doutorado, produzidas em diversas áreas do conhecimento, conforme especificação a seguir:

Quadro 2 – Distribuição das Teses e Dissertações sobre Trabalho Bancário-Saúde por Áreas Disciplinares

CÓDIGO P/ ANÁLISE	TÍTULO	ÁREA	NÍVEL	Instit.	Ano de Produção
1 a	DO TRABALHO QUE CONSTRÓI AO QUE DESTRÓI IDENTIDADES: OCASO DE BANCÁRIOS PORTADORES DE DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO 9DORT0 NO ESTADO DE GOIÁS	PSICOLOGIA	M	UCG	2001
2 a	O TRABALHADOR SEM SEU TRABALHO : UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DE TRABALHADORES AFASTADOS DO TRABALHO POR ADOECIMENTO PROFISSIONAL	PSICOLOGIA	M	UFES	1998
3 a	BANCÁRIOS DO BANCO DO BRASIL : O SIGNO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL EM TRANSFORMAÇÃO	PSICOLOGIA SOCIAL	M	PUC-SP	1996
4 a	BURNOUT : UM INDICADOR SEM UMA TEORIA	PSICOLOGIA SOCIAL	M	PUC-SP	2003
5 a	“O PIOR É NÃO TER MAIS PROFISSÃO, BATE UMA TRISTEZA PROFUNDA”: SOFRIMENTO, DISTÚRBIOS OSTEO-	PSICOLOGIA			

³ www.capes.gov.br

	MUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO E DEPRESSÃO EM BANCÁRIOS.		M	UNB	2003
6 a	REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DEPRESSÃO EM DUAS CATEGORIAS DE TRABALHADORES PRESTADORES DE SERVIÇOS	PSICOLOGIA	M	PUC - RGS	2003
7 a	A PRÉ-APOSENTADORIA : VIVÊNCIA DE TRABALHADORES BANCÁRIOS	PSICOLOGIA	M	UNESP ASSIS	2003
8 a	CARGA DE TRABALHO BANCÁRIO E SAÚDE : UM ESTUDO ERGONÔMICO COM AVALIADOR DE PENHOR DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL-DF	PSICOLOGIA	M	UNB	1992
9 a	TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE MENTAL. MODOS DE INSERÇÃO DA MULHER NO TRABALHO BANCÁRIO	PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADE E ECOLOGIA SOCIAL ⁴	M	UFRJ	1996
10 a	TRABALHO BANCÁRIO E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: IMPLICAÇÕES NO PSIQUISMO DOS TRABALHADORES	PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL	M	UFRGS	2001
11 a	O ESTILO DE VIDA E A INCIDÊNCIA DE CONTROLE DO STRESS: UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO DOS BANCÁRIOS	PSICOLOGIA	M	UFSC	2001
12 a	A INTER-RELAÇÃO TRABALHO/ALCOOLIZAÇÃO: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES TRABALHO E ALCOOLIZAÇÃO DOS BANCÁRIOS	PSICOLOGIA SOCIAL	M	UFPB J.P.	1996
13 a	ESTRESSE OCUPACIONAL E INDICADORES DE SAÚDE EM GERENTES DE UM BANCO	PSICOLOGIA	M	UNB	1993
14 a	ESCOLARIDADE, TRABALHO BANCÁRIO E SOFRIMENTO PSÍQUICO	PSICOLOGIA	M	UFRJ	1994
15 a	VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO BANCÁRIO : O IMPACTO DOS VALORES INDIVIDUAIS E VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS	PSICOLOGIA	M	UNB	2003
16 b	O CONTEÚDO AUTORITÁRIO DAS POLÍTICAS DE PESSOAL DOS BANCOS ESTATAIS E O SEU IMPACTO NA SAÚDE DOS BANCÁRIOS	ADMINISTRAÇÃO	M	UFRGS	1996
17 b	O QUE O CORAÇÃO SENTE MESMO QUANDO OS OLHOS NÃO VEEM : LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS ESTRESSORES DO TRABALHO BANCÁRIO DE UMA AGÊNCIA EM BELO HORIZONTE	ADMINISTRAÇÃO	M	UFMG	2000
18 c	ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE FUNÇÕES DO SISTEMA BANCÁRIO SUJEITOS A PROBLEMAS DE SAÚDE DECOR. DESTA ESTRUTURA	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	M	UNIP	2000
19 c	AValiação DAS LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS EM ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS: ESTUDO DE CASO	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	M	UFPB	2002
20 c	A PREVENÇÃO DE PHATOS: UMA PROPOSTA DE PROTOCOLO PARA DIAGNÓSTICO DOS DISTÚRBIOS OSTEO-MUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	M	UFSC	1997

⁴ Embora a sub-área especificada seja Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social consideramos essa dissertação como sendo oriunda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia de Comunidade e Ecologia Social, da UFRJ.

21 d	“NÃO SOU APENAS UM BRAÇO DOENTE: TRABALHADORES FRENTE À LER (LESÃO POR ESFORÇO REPETITIVO)”	SERVIÇO SOCIAL	M	PUC-RJ	2002
22 d	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E SAÚDE MENTAL : UM ESTUDO DA RELAÇÃO SOFRIMENTO- Prazer em Bancários da Cidade de Franca	SERVIÇO SOCIAL	M	UNESP FRANCA	2002
23 e	A SEGURANÇA E SAÚDE DOS BANCÁRIOS BRASILEIROS FACE ÀS CONVENÇÕES DA OIT: O PROBLEMA DA LER/DORT	DIREITO	M	UFSC	2002
24 f	LER: UMA JORNADA DE SOFRIMENTO NO TRABALHO BANCÁRIO	SOCIOLOGIA	M	USP-SP	2001
25 f	PROCESSO SAÚDE-ENFERMIDADE-TRABALHO: SÍNDROME DO SOBREVIVENTE (ESTUDO DE CASO NO SETOR FINANCEIRO)	SOCIOLOGIA	D	UFRGS	2002
26 g	MUDANÇAS NO TRABALHO E NA VIDA DE BANCÁRIOS OCASIONADAS POR LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS – LER	ENFERMAGEM FUNDAMENTAL	M	USP-SP	2000
27 h	TRABALHO BANCÁRIO E IDENTIDADE PROFISSIONAL	PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL	D	UFRJ	1997
28 h	SOCIABILIDADE, SOFRIMENTO PSÍQUICO E LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS : UM ESTUDO DE CAIXAS BANCÁRIOS	PSIQUIATRIA, PSICANÁLISE E SAÚDE MENTAL	D	UFRJ	1999
29 i	ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE NÍVEIS DE ESTRESSE E DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO ENTRE BANCÁRIOS DA CIDADE DO RECIFE	SAÚDE PÚBLICA	M	FIO CRUZ	2000
30 i	PERFIL DE RISCO CARDIOVASCULAR DE FUNCIONÁRIOS DE BANCO ESTATAL	SAÚDE PÚBLICA	D	USP-SP	1997
31 i	A VIOLÊNCIA DO TRABALHO NO CAPITALISMO. O CASO DAS LESÕES DOS MEMBROS SUPERIORES POR ESFORÇOS REPETITIVOS EM TRABALHADORES BANCÁRIOS	SAÚDE PÚBLICA	D	USP-SP	1997
32 i	ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E FATORES ASSOCIADOS EM FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL/RIO DE JANEIRO	SAÚDE PÚBLICA	M	FIO CRUZ	1997
33 i	AS LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS E SEUS RISCOS: UMA EXPERIÊNCIA COM BANCÁRIOS	SAÚDE PÚBLICA	M	USP-SP	1999
34 j	SOB A MIRA DO CRIME: VITIMIZAÇÃO, SAÚDE E IDENTIDADE DE BANCÁRIOS DA BAHIA	SAÚDE COLETIVA	M	UFBA	2003
35 j	A RELAÇÃO ENTRE LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS E O TRABALHO BANCÁRIO – ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO NA CIDADE DE RECIFE	SAÚDE COLETIVA	M	UFPE	2001
36 k	LER – UMA TRAJETÓRIA DE DOR E SOFRIMENTO. ESTUDO COM BANCÁRIOS DE RIBEIRÃO PRETO/SP	SAÚDE NA COMUNIDADE	M	USP-RP	2003

Esse levantamento se revelou bastante significativo, na medida em que evidenciou a diversidade de áreas da ciência interessadas no assunto , conforme

discriminado acima, no quadro 2.

De um total de 11 áreas disciplinares, 05 (41,66%) pertencem às Ciências da Saúde (Enfermagem Fundamental, Psiquiatria, Saúde Coletiva, Saúde Pública, Saúde na Comunidade), 03 (25%) integram as Ciências Sociais Aplicadas (Administração, Direito e Serviço Social), 02 (16,66%) as Ciências Humanas (Psicologia e Sociologia) e 01 (8,33%) a Engenharia.

Quanto ao conhecimento produzido, segundo as áreas, 17 (47,22%) pertencem às Ciências Humanas, 11 (30,55%) são da área da Saúde, 05 (13,88%) das Ciências Sociais Aplicadas e 03 (8,33%) da engenharia.

Chama a atenção o particular interesse da Psicologia em estudar o assunto. Dentre os 36 trabalhos localizados, 15 dissertações de mestrado, perfazendo cerca de 42% do total da produção, são dessa área. É interessante observar, entretanto, que destes 15 trabalhos, 10 (66,66%) aparecem sem especificação da sub-área a que pertencem, constando apenas como sendo de Psicologia o que, de certa forma, compromete uma análise acerca de que sub-áreas da Psicologia se interessam pela temática. Quanto ao restante dos trabalhos, 04 (26,66%) pertencem à Psicologia Social e 01 (6,66%) à Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social. De qualquer forma é importante ressaltar que a produção proveniente da Psicologia Social representa um volume significativo.

Outro dado digno de nota é a diversidade regional que caracteriza tal produção que se constitui de trabalhos desenvolvidos em instituições localizadas em 10 diferentes estados do Brasil, além do Distrito Federal.

É no Estado de São Paulo, porém, que se concentra a maior parte dessa produção, 13 ao todo, representando cerca de 36,11% do volume total. Isso se explica, entre outros fatores, também pelo fato de ser nessa região, conforme

demonstrado anteriormente, a concentração do maior número de instituições e de Programas de Pós-Graduação. Seguindo esse Estado encontram-se o Rio de Janeiro, responsável por 05 trabalhos, perfazendo 13,88% do total, e o Rio Grande do Sul e Distrito Federal, cada um com 04 , representando 11,11% do total dos trabalhos. O restante se distribui entre Santa Catarina, 03 trabalhos (8,33%), Paraíba, 02 (5,55%), Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais e Pernambuco, cada qual respondendo por 01 trabalho, ou seja, por cerca de 2,77% do total.

Acreditamos que os dados acima descritos e analisados corroboram a relevância do assunto e mostram a tendência que têm, as diversas áreas da ciência, de convergirem na busca por um mesmo conhecimento. No caso específico desse assunto isso de seu em quase todo o território nacional.

Uma reflexão mais aprofundada a esse respeito nos remeteu à idéia de que

[...] o esforço de síntese e integração das teorias, modelos e mesmo ciências, é visto como a perspectiva mais promissora para as ciências. Isto pede um trabalho interdisciplinar, ou, avançando mais ainda, transdisciplinar, tanto na prática quanto na produção do conhecimento (WITTER et al, 1992, p. 164).

Terceira Etapa

De posse destes dados e considerando o pressuposto acima, decidimos ampliar o foco de nosso trabalho estendendo a análise também para a produção científica de outras áreas, com a finalidade de abordar questões interdisciplinares, atuais e relevantes. Assim, todos os trabalhos localizados sobre a temática relação Trabalho Bancário-Saúde, independente da área que os tenha produzido, vieram a constituir o *corpus*⁵ de nossa pesquisa.

Após leitura “flutuante⁶” dos Resumos das teses e dissertações, também

⁵ *Corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos (BARDIN, [s.d.], p. 96, grifo do autor).

⁶ Leitura flutuante é o primeiro contato que o pesquisador estabelece com os documentos a serem analisados, a fim de conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações (BARDIN, [s.d.], p. 96, (grifo do autor).

esses obtidos no Banco de Teses da CAPES, procedemos, finalmente, à organização e tratamento desse material, que consistiu, primeiramente, na leitura analítica de cada resumo visando o levantamento qualitativo de temas recorrentes, através da codificação⁷ em unidades de registro⁸ (Anexo 03). A codificação, portanto, é de natureza temática, modelo largamente utilizado em análise de conteúdo. Segundo Berelson, tema é

Uma afirmação acerca de um assunto. Quer dizer, uma frase, ou uma frase composta, habitualmente um resumo ou uma frase condensada, por influência da qual pode ser afectado um vasto conjunto de formulações singulares (apud BARDIN, [s.d.], p. 105).

Bardin ([s.d.], p. 105), por sua vez, define tema como

Unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teorias que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em idéias constituintes, em enunciados, em proposições portadores de significações isoláveis.

A partir de recortes feitos nos textos que compõem os resumos, realizamos o que se chama análise temática, que “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou freqüência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (BARDIN, [s.d.], p. 105).

É importante pontuar que estes recortes ressaltam trechos dos resumos cujos conteúdos correspondem à hipótese pré-estabelecida de que estas teses e dissertações tratam, sob algum aspecto e a partir de determinado ponto de vista, do processo saúde-doença nas relações do trabalho bancário, cuja organização, resultante das profundas mudanças derivadas da reestruturação desse setor, é potencialmente prejudicial à saúde do trabalhador desse segmento. Esse conteúdo, obtido a partir das unidades de registro, foi, por fim, submetido à análise.

Finalizando, salientamos que esse caminho metodológico resultou bastante

⁷ A codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem a descrição exacta das características pertinentes do conteúdo (HOLSTI apud BARDIN, [s.d.], p. 103-104)

⁸ Unidade de registro é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base visando a categorização [...] (BARDIN , [s.d.], p. 104).

eficiente, conduzindo-nos a importantes achados que viabilizaram a construção desse estudo na forma e no conteúdo como ele se apresenta.

3 AS DISCIPLINAS E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE

História das ciências, da medicina, ou questionamento sobre o ser humano apresentam analogias. Assim como a fragmentação disciplinar, para assegurar a eficácia em campos cada vez mais complexos, impôs o quadro de uma abordagem global, cada ser humano não se resume à soma de seus componentes. Não basta adicionar órgãos para criar uma vida.

Patrick Paul

3.1 O Conhecimento Científico e as Áreas Disciplinares

Conforme observado nos resultados da avaliação da produção científica sobre a relação TRABALHO BANCÁRIO - SAÚDE, onze áreas do conhecimento desenvolveram estudos a respeito do assunto.

A relevância desse dado ensejou uma reflexão sobre a tendência, cada vez maior, da ciência em manter a compartimentação do conhecimento em inúmeras e variadas disciplinas.

Do ponto de vista histórico, a tendência à diferenciação do conhecimento nessa multiplicidade de disciplinas autônomas é um processo que vem ocorrendo desde o início do século XIX. O processo de transformação social que, desde então, vinha se consolidando nos países europeus mais desenvolvidos demandava uma especialização correspondente à divisão material do processo de produção decorrente da industrialização. Essa demanda forçou técnicas e saberes a, progressivamente, irem se diferenciando, ao mesmo tempo em que as linguagens que as caracterizavam iam se especializando e circunscrevendo a âmbitos específicos. É assim que surge o conceito de disciplina, com objeto de estudo,

marcos conceituais, métodos e procedimentos específicos (SANTOMÉ, 1998).

De acordo com o autor,

[...] a disciplina é uma maneira de organizar e delimitar um território de trabalho, de concentrar a pesquisa e as experiências dentro de um determinado ângulo de visão. Daí que cada disciplina nos oferece uma imagem particular da realidade, isto é, daquela parte que entra no ângulo de seu objetivo (SANTOMÉ, 1998, p. 55).

Para que um corpo de conhecimentos possa ser legitimamente reconhecido como disciplina, ele deve preencher uma série de requisitos, sobre os quais, entretanto, também não existe consenso.

Ao longo do tempo e sob o domínio do paradigma positivista, para que um corpo de conhecimento se eleve ao status de disciplina ou ciência, ele precisa reunir condições impostas a partir da lógica deste paradigma. A rigidez e limitação de tais condições, entretanto, têm levado muitos corpos de conhecimentos a não obterem o rótulo de ciência por não se enquadrarem aos níveis de formalização ditados pelo positivismo. Isso ocorreu, por exemplo, com os discursos religiosos, metafísicos ou com muitas das práticas e tradições das diversas ciências sociais.

Em meio a esse contexto desenvolveu-se um notável cientificismo¹, fruto dessa concepção de ciência demasiadamente parcial e limitada, que passa a dominar as principais conceitualizações do que é ou não uma disciplina.

Em virtude disso, se por um lado essa ciência passa a ser considerada como um tipo de conhecimento mais valioso do que os demais, em contrapartida e como consequência, qualquer saber que aspire a um reconhecimento social há que se submeter aos requisitos que as ciências físico-naturais ditam e exigem para si mesmas. É assim que, já no século XVII, surgem dificuldades, que se mantêm até hoje, em catalogar certos corpos de conhecimentos como as artes, a ética, a política,

¹ Cientificismo (ou cientismo) : atitude segundo a qual a ciência dá a conhecer as coisas como são, resolve todos os reais problemas da humanidade e é suficiente para satisfazer todas as necessidades legítimas da inteligência humana (FERREIRA, 1986, p. 404)

a história, a educação etc, que dificilmente podem incorporar esses requisitos de cientificidade defendidos pelo positivismo.

Nas palavras de Santomé (1998, p. 57), “[...] o conceito de ciência apresentado pelo positivismo desconhece a influência dos processos sociais em sua construção. Aparece como uma atividade pura do pensamento”.

Embora seja esse o conceito de *disciplina* mais usualmente considerado, existem outras concepções que a apresentam com sentido mais amplo. É o caso, por exemplo, de Immanuel Wallerstein (apud SANTOMÉ, 1998, p. 58, grifo do autor), para quem “as disciplinas são ‘agrupações’ intelectualmente coerentes de objetos de estudos diferentes entre si”.

Dificuldades de conceituação à parte, é certo, porém, que o caminho da construção e formação da maioria das disciplinas foi sempre muito difícil porquanto toda inovação teórica, conceitual ou metodológica costuma ser vista como ameaça. Continuar com a tradição e com o conformismo intelectual, em contrapartida, sempre foi uma prática mais fácil porque a continuidade da ortodoxia não costuma originar problemas, ao contrário do que ocorre, com frequência, quando da utilização da capacidade crítica, da inovação nas temáticas enfrentadas, da utilização de novas estratégias etc.

É, pois, em meio a estas particularidades que, paulatinamente, vão surgindo as diversas disciplinas científicas. Como conjuntos ordenados de conceitos, problemas, métodos e técnicas, elas organizam o pensamento e possibilitam a análise e interação com a realidade. As disciplinas impõem uma determinada forma de pensar, com as possibilidades e riscos que isso implica, conforme pontua Mário Bunge (apud SANTOMÉ, 1998, p. 59):

[...] quanto mais familiarizada uma pessoa estiver com determinada teoria e o seu correspondente modo de pensar, mais difícil lhe será adotar uma teoria rival que implique em uma maneira diferente de pensar. Em geral a posse de

conhecimentos proporciona asas em certo aspecto, cortando-as em outro.

Embora cada vez mais surjam novos e numerosos campos científicos, alguns deles inclusive relacionados com o mesmo objeto de estudo, diz o autor, eles costumam manter, contudo, uma total desconexão e ignorância entre si. Como conseqüência, torna-se inevitável que a compreensão real e completa dos fenômenos dos quais se ocupam seja dificultada sobremaneira por essa dinâmica.

Essa orientação para a investigação disciplinar focalizada apenas em objetos muito específicos ou em fenômenos de um dado domínio tem, como conseqüência, de um lado, a fragmentação do universo teórico do conhecimento que hoje se apresenta como um conjunto de áreas separadas e díspares, que já não se integram num todo sistemático nem são regidas por princípios comuns. Por outro lado, tem implicado no seu isolamento e, conseqüentemente, nessa quase total incapacidade de comunicação entre elas. Isso ocorre principalmente por causa da diversidade de suas metodologias e finalidades, assim como pela variedade de linguagens que cada uma tenta desenvolver, a fim de se concentrar com precisão crescente num dado objeto considerado a partir de um determinado ponto de vista ou enquadramento teórico (LEVY, 1994).

A incomunicabilidade entre as disciplinas explica, portanto, muitas das deformações e dificuldades de aplicação da ciência que vêm suscitando, atualmente, severas críticas. Uma delas, por exemplo, é feita por Edgar Morin para quem “a ciência tornou-se cega pela sua incapacidade de controlar, prever e mesmo de conceber o seu papel social, pela sua incapacidade de integrar, articular, refletir seus próprios conhecimentos” (apud SANTOMÉ, 1998, p. 60).

Morin observa que a impressionante capacidade de tal ciência contribuir para uma “compartimentação” tão incisiva de especialidades, em clara correspondência

com a “capacidade de fragmentação” dos objetos de estudo e intervenção, deu origem ao que ele chama de “inteligência cega”. A realidade assim desintegrada dificilmente adquire verdadeiro significado (apud SANTOMÉ, 1998, p. 30, grifo do autor).

A idéia de interdisciplinaridade surge, assim, de alguma forma, vislumbrando a correção de possíveis erros e da esterilidade acarretada por essa ciência excessivamente compartimentada e sem comunicação interdisciplinar.

É interessante lembrar, ainda, que a busca pelo conhecimento científico, assim como por qualquer outra forma de conhecimento, é fruto, pelo menos em certa medida, do desejo do homem em compreender a realidade e as coisas que o afetam. Foi desse desejo, inclusive, que nasceram a filosofia e a própria ciência. Contudo, com a ruptura que se operou na unidade do conhecimento, a possibilidade de satisfação do desejo de compreender, próprio do espírito e da vontade humanos, tem sido, hoje, bastante questionada.

Ao contrário, conforme pontua Levy (1994), a impressão que se tem é que, à medida que a especialização avança, cada vez se torna mais difícil encontrar respostas inteligíveis, não apenas para as novas e complexas questões hoje confrontadas mas, também, para aquelas mais concretas e aparentemente mais elementares que cercam o homem.

Essa parece ser uma afirmação paradoxal em se considerando, por um lado, a inacreditável velocidade com que cresce o conhecimento. Por outro lado, entretanto, à medida que aumenta o conhecimento especializado de alguns, outros parecem se sentir cada vez mais ignorantes e talvez até mesmo marginalizados. A resposta a este aparente paradoxo se encontra precisamente nessa direção que o desenvolvimento tomou, já não olhando para o concreto, mas para níveis cada vez

mais profundos de abstração. Isso se dá na medida em que apenas são considerados aspectos parciais das coisas a serem analisadas, dissociados de outros fatos ou aspectos com os quais estão articulados na composição real do concreto. Ou seja, dissociados de um todo por natureza indissociável. Este tipo de abstração, considerada em si mesma, desarticula e desmembra esta composição, não permitindo que se pense a sua complexidade real.

Críticas também aos especialistas vêm se mostrando cada vez mais enfáticas, sendo uma das mais ferrenhas atribuída a Ortega y Gasset (apud SANTOMÉ, 1998, p. 60, grifos do autor). Em sua conhecida obra *La Rebelión de las masas* ele rotula esta tendência como ato de “barbárie” e cada especialista “um primitivo, um bárbaro moderno”.

Com a industrialização e o fortalecimento do capitalismo se processando simultaneamente a fortes tendências à fragmentação do trabalho, como já considerado anteriormente, também o trabalho intelectual e científico se fragmentou e passou, daí em diante, a contrastar com o saber de caráter ‘enciclopédico’ de momentos históricos anteriores. Segundo Ortega y Gasset (apud SANTOMÉ, 1998, p. 61) é em virtude disso que o homem culto de nossa época é

[...] é aquele que sabe tudo o que é preciso saber para ser um personagem discreto, conhece apenas uma ciência determinada, e mesmo desta ciência conhece apenas a pequena parcela que pesquisa ativamente. Chega a proclamar como virtude o fato de não saber nada que fique de fora da estreita paisagem que cultiva especialmente e chama de diletantismo a curiosidade pelo conjunto do saber (ORTEGA Y GASSET apud SANTOMÉ, 1998, p. 61).

Essa realidade, considerada esterilizadora, no entanto, acaba sendo inevitavelmente criticada e combatida e, em diversos campos científicos e instituições, surgem tentativas importantes de solução dessa situação problemática. É nesse momento que eclodem numerosos conceitos, classificações e finalidades vinculados à idéia de interdisciplinaridade.

Ela surge, portanto, vislumbrando a correção de possíveis erros e da esterilidade acarretada por uma ciência excessivamente compartimentada e sem comunicação interdisciplinar.

É interessante observar que a crítica à “compartimentação” das matérias sem dúvida é a mesma dirigida ao trabalho fragmentado nos sistemas de produção da sociedade capitalista, à hierarquização e ausência de comunicação democrática entre os diferentes cargos de trabalho em uma estrutura de produção capitalista, entre humanismo e técnica etc. (SANTOMÉ, 1998, grifo do autor).

Finalizando, entendemos que todo o saber científico já construído no âmbito das disciplinas, ou aqueles que estejam em construção ou venham a ser construídos, muitos deles partindo de pensamentos reducionistas ou unidimensionais, precisariam ser aproveitados num amplo esquema integrador. O caminho para esse processo parece ainda distante mas há claros indícios de movimentos que apontam em sua direção.

3.2 Áreas Disciplinares e o Estudo Sobre a Relação Trabalho Bancário-Saúde

O levantamento da produção científica acadêmica sobre a relação TRABALHO BANCÁRIO–SAÚDE localizou trinta e seis trabalhos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, pertencentes a onze diferentes áreas do conhecimento. Do total desta produção, como já referido anteriormente, quinze dissertações foram produzidas em programas de pós-graduação na área da Psicologia, e terão um tratamento específico em capítulo adiante. Os demais, distribuídos entre outras dez diferentes áreas disciplinares, serão abordados a seguir, com destaque para alguns aspectos evidenciados quando da análise de seus resumos .

A avaliação dessa produção e a análise das unidades de registro² elaboradas a partir da leitura dos resumos dos trabalhos³ puderam mostrar, entre outras coisas, que a área das Ciências da Saúde é a segunda maior interessada na temática, sendo responsável por 11 dos 36 estudos desenvolvidos sobre o assunto, ou seja, cerca de 36% da produção total localizada. Essa grande área está aí representada por trabalhos desenvolvidos nas seguintes sub-áreas, assim codificadas: (a) Saúde na Comunidade, 01 dissertação de mestrado; (b) Saúde Coletiva, 02 dissertações de mestrado; (c) Saúde Pública, 02 teses de doutorado e 03 dissertações de mestrado; (d) Enfermagem Fundamental, 01 dissertação de mestrado e (e) Psiquiatria e Saúde Mental, responsável por 02 teses de doutorado. A maior parte dos trabalhos pertence à Saúde Pública.

No que diz respeito ao referencial teórico a partir do qual se desenvolvem estes estudos, é interessante pontuar que destes 11 resumos 05 não fazem referência a este conteúdo, enquanto 04 se referem, direta ou indiretamente às transformações ocorridas no mundo do trabalho e/ou à organização do trabalho como forma de estresse e adoecimento. Os 02 restantes se limitam à descrição da LER enquanto resultante desse tipo de trabalho.

Por outro lado, é possível observar como, nas Ciências da Saúde, é acentuada a tendência à compartimentação do conhecimento em sub-áreas, sendo que estas, por sua vez, também tendem a se subdividirem, como é o que acontece, por excelência, na Medicina, um dos seus mais importantes ramos.

Em se falando da Medicina, é interessante ressaltar que, com exceção da Psiquiatria, nenhuma outra especialidade parece ter estudado o assunto, pelo menos dentro da academia. Esse fato corrobora a tendência, ainda hoje mantida, da

² Anexo 03

³ Para fins de análise, estes trabalhos estão codificados pelas letras a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, cada uma delas representando uma área disciplinar, conforme especificado no anexo 01

Medicina convencional abordar a questão do adoecer a partir de causas puramente biológicas, o que excluiria, portanto, o interesse em trabalhar essa questão sob a perspectiva de um processo mais amplo. Entretanto, conforme pontua Paul (1998), no que concerne às relações entre sofrimento humano e resposta da sociedade, hoje se faz necessária uma nova leitura epistemológica, mormente por parte da área da saúde, uma vez que essas relações estão na base das doenças ditas de civilização como, por exemplo, as próprias doenças ocupacionais e, ainda, o câncer, o estresse, a alergia, a depressão, a hipertensão, as doenças cardio-vasculares, o alcoolismo etc. Em sendo assim, continua o autor, não é mais possível ao médico considerar o doente apenas como uma entidade biológica, com funções analisáveis, mas também como um sujeito com seus afetos, sua história, suas imagens e suas representações.

Na esteira desta discussão torna-se interessante pontuar que 07 dos 11 estudos feitos pelas áreas das Ciências da Saúde visaram, de alguma forma, a relação do trabalho bancário com o desenvolvimento, evolução e conseqüências das LERT/DORT na vida dos trabalhadores e 01 com as doenças cardio-vasculares. Quanto aos demais, um tratou de questões relacionadas ao impacto da violência sobre a saúde destes trabalhadores; um abordou questões de obesidade e outro teve como foco a construção da identidade profissional e saúde mental. Os objetivos, portanto, que orientaram estes estudos empreendidos pelas diversas sub-áreas das Ciências da Saúde parecem evidenciar a tendência que têm de se prenderem a abordagens e descrições de natureza nosográfica.

Quanto aos trabalhos desenvolvidos na área das Ciências Aplicadas, eles se distribuem da seguinte maneira: 02 em Serviço Social (12 f / 13 f), 01 em Direito (14 g) e 02 em Administração (15 h / 16 h).

As 02 dissertações elaboradas no âmbito do Serviço Social partiram de pressupostos teóricos acerca das metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho e na organização do trabalho, e seus reflexos sobre as condições e a saúde do trabalhador. Quanto aos objetivos que os orientam, uma trata de investigar como a LER vem sendo percebida pelos trabalhadores lesionados em atividades bancárias, enquanto a outra tem como foco o estudo do prazer-sofrimento na organização do trabalho bancário.

Na área do Direito encontra-se apenas uma das dissertações localizadas a respeito da temática em questão. No resumo deste trabalho não consta nenhuma referência teórica e o objetivo que o orienta diz respeito à verificação quanto ao cumprimento, pelo Brasil, das Convenções da OIT - Organização Internacional do Trabalho que versam sobre a saúde e a segurança dos bancários e a questão das LER/DORT que os acometem.

Quanto às dissertações oriundas da Administração, o resumo de uma delas faz referência ao ambiente bancário como *locus* propiciador de patologias diversas enquanto o outro faz alusão às inúmeras transformações no trabalho bancário que modificaram o *modus operandi* desse trabalhador. No que se refere aos objetivos, enquanto a primeira dissertação, segundo o resumo, investigou a questão do autoritarismo organizacional e seus efeitos no cotidiano dos bancários, a outra buscou analisar as fontes de pressão e o estresse ocupacional delas decorrente.

A área da Engenharia é representada, na produção científica avaliada, por três dissertações construídas no âmbito da Engenharia de Produção (17 i / 18 i / 19 i). Um dos seus resumos traz a questão da qualidade de vida do trabalhador e a responsabilidade social da empresa no que diz respeito ao ambiente de trabalho; outro se refere às transformações decorrentes da globalização e seus reflexos no

mundo do trabalho e na saúde do trabalhador e, por fim, o último aborda questões referentes à LER, sua gênese e conseqüências na vida cotidiana do bancário. Todas estas dissertações foram norteadas por objetivos cujo enfoque principal foi a incidência de LER nesse segmento de trabalhadores.

No âmbito das Ciências Humanas, além das dissertações construídas na área da Psicologia, ainda existem 01 dissertação

foco de estudo a saúde, mental ou física, ou uma patologia específica, como a LER, e sua relações com a atividade bancária, o enfoque dada a estas questões pelas diferentes disciplinas difere totalmente uns dos outros, como é o caso, por exemplo, dos trabalho produzido na área do Direito, da Administração, da Sociologia e os da área da Engenharia de Produção. Esses últimos, por exemplo, embora tenham o mesmo objeto de estudo, têm como foco de interesse além da saúde do trabalhador, também a questão da produtividade da empresa.

Enfim, considerados alguns aspectos da análise de alguns temas retirados dos resumos dos trabalhos produzidos em diversas áreas do conhecimento, torna-se evidente que o segmento do trabalho terciário ou de serviços, da forma como hoje se apresenta, gera efeitos nocivos à saúde do trabalhador.

4 A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE

As relações entre a sociedade e a profissão não se dão apenas ao nível da imagem ou representação social da profissão, mas também pelos espaços que concretamente a sociedade oferece para a atuação do psicólogo, que por sua vez são determinados tanto pela imagem como pela identificação das necessidades a que ele pode atender.

S.D.Mello

4.1 O Psicólogo: Seu Saber e Sua Prática

Tendo em vista que cerca de quarenta e dois por cento da produção científica encontrada sobre a relação trabalho bancário-saúde foi desenvolvida em Programas de Pós-Graduação na área da Psicologia e, levando em conta que essa é nossa área de formação e de atuação profissional, julgamos pertinente uma discussão específica de algumas questões inerentes a esse ramo do saber.

Inicialmente consideramos necessário apontar alguns aspectos que caracterizam, hoje, o saber e o fazer deste profissional.

Conforme já tivemos a oportunidade de abordar anteriormente, a realidade do mundo atual, caracterizado sobretudo pelo acelerado desenvolvimento científico e tecnológico vem, de forma extraordinária, produzindo descobertas e mudanças paradigmáticas e determinando uma sociedade profundamente complexa.

Em meio a esse cenário, as ciências e os profissionais de suas áreas respectivas, se vêem obrigados a questionarem em que medida conhecem e estão capacitados a intervirem nessa realidade que impõe sérias demandas e exige atenção e intervenção específicas. Mais do que isso eles precisam se perguntar qual o nível de seu comprometimento com a busca de uma sociedade mais justa e mais ética.

Segundo Bastos e Achcar (1994), a característica que define, por excelência,

este final de século é, certamente, o intenso e acelerado processo de transformação vivido pelas sociedades, independente de seu regime político e apesar dos desníveis quanto ao grau de desenvolvimento sócio-econômico. São mudanças econômicas, políticas, tecnológicas e sócio-culturais que estão configurando, sobretudo, novos cenários para o mundo do trabalho.

Estes novos cenários impõem, em diversos planos, a necessidade de alterações nas definições, nas atitudes e competências dos trabalhadores e, em especial, dos profissionais liberais. Embora esse fenômeno ocorra em nível mundial, em realidades nacionais específicas, como o Brasil, ele se reveste de características particulares. Imerso em uma crise econômica e social de caráter estrutural, o país convive simultaneamente com problemas das sociedades mais industrializadas, como, por exemplo, o impacto das novas tecnologias no segmento moderno de sua economia, e os crônicos problemas de um país de terceiro mundo, condição em que vive a maioria de sua população. Esta realidade, inevitavelmente, impõe alto grau de complexidade quando se examinam os desafios, a missão, o papel esperado de um determinado grupo profissional e, principalmente, as transformações que marcam a sua atuação.

Um dos aspectos mais marcantes desse tempo é a emergência de uma “sociedade de serviços”, devido ao crescente peso do setor terciário na economia. E, segundo os analistas de tendências do mercado de trabalho, as ocupações voltadas para a prestação de serviços em saúde e educação são consideradas, a curto prazo, como as mais promissoras, levando-se em conta o decrescente peso do emprego industrial a partir de mudanças estruturais que vivem as empresas neste segmento (BASTOS E ACHCAR, 1994, p. 246, grifo do autor) .

É interessante observar que no setor de serviços, onde se inclui a atuação do

psicólogo, existe um movimento similar ao que vem ocorrendo no trabalho industrial. Enquanto que, com relação ao último, fala-se de “polivalência” ou “multiquificação” da mão-de-obra operária como um requisito imposto pelos sistemas flexíveis de organização do trabalho, no setor de serviços, especialmente em relação ao trabalho técnico, busca-se romper o ritmo vigoroso da especialização, fortalecendo-se, também, uma formação mais flexível.

Quanto à Psicologia, porém, é perceptível a tendência à hiper-especialização visível no grande número de sub-áreas encontradas no estudo, 15 ao todo, nas quais são oferecidos cursos de Mestrado e Doutorado, conforme já apontado anteriormente. Na verdade, como também já foi dito, essa é uma tendência da ciência moderna, que, à medida que as disciplinas vão surgindo, já novos segmentos de outros estudos aparecem como sub-especialidades que, rapidamente, reclamam a sua própria autonomia.

Independente, porém, destas transformações mais gerais, que colocam contornos abrangentes que podem conformar a definição e transformações de ocupações específicas, o fato é que as profissões, assim como os sistemas ou estruturas sociais, experimentam, também, processos de mudanças que ocorrem no seu interior e que modificam continuamente a sua relação com a sociedade (BASTOS E ACHCAR, 1994)

A exemplo das demais ciências e profissões, também a Psicologia tem se preocupado com todas estas questões de adequação tanto da formação quanto da atuação dos profissionais psicólogos à realidade do nosso tempo. Tal fato pode ser claramente percebido nos muitos debates, discussões e ações que vêm sendo desenvolvidos pelo próprio Conselho Federal de Psicologia juntamente com os Conselhos Regionais.

Ciência relativamente nova, cuja consolidação como disciplina autônoma data do século XIX, conforme pontua Granja (1995), a Psicologia vem registrando, contudo, nos países mais desenvolvidos, crescimento significativo em sua literatura científica, o que tornou possível a expansão de suas áreas de aplicação e o desempenho de papel preponderante em diversos setores da atividade humana.

Se olharmos para a história da Psicologia, enquanto profissão, é possível observar que algumas áreas, ao longo do tempo, foram se consolidando ou como geradoras de conhecimentos específicos ou como áreas de exercício profissional. Existem aquelas, ainda, nas quais ambos os aspectos se fundiram e, em virtude disso, se caracterizam tanto por gerarem conhecimento quanto por fazerem uso do mesmo na sua prática profissional.

De acordo com os resultados deste estudo, dos 15 mestrados desenvolvidos na área da Psicologia, 10 constam apenas como sendo da área da Psicologia, sem nenhuma especificação da sub-área a que pertencem. Do restante, 04 são da Psicologia Social e 01 da Psicologia Cognitiva. Em face disso torna-se inviável analisar quais as sub-áreas da Psicologi

No que se refere ao fazer do psicólogo, é sabido que a atuação clínica sempre foi a área principal e preferida por alunos e psicólogos iniciantes.

Segundo Pereira e Pereira Neto (2003, grifo do autor), na década de 70 houve um grande crescimento do número de psicólogos, no Brasil, explicado sobretudo pela proliferação dos cursos universitários particulares e pelo aumento da demanda por serviços psicológicos. A psicologia e a psicanálise passaram a integrar o cotidiano das pessoas através dos manuais de comportamento, das revistas, programas de televisão e livros sobre sexualidade. Nesse momento “deitar no divã” representava status porquanto se tornou uma atividade incorporada pela classe média e alta. O predomínio da psicoterapia exercida em consultório particular refletia o interesse pela psicologia clínica, embora já existissem duas outras grandes áreas em psicologia, Educação e Trabalho.

Mas, a consolidação da Psicologia Clínica se efetivou principalmente com a criação e a expansão dos programas de pós-graduação em Psicologia, no Brasil, que se deu, por um lado, porque a redução da área clínica apenas à sua prática começou a ser questionada. Por outro lado, era uma forma de permitir aos pesquisadores da área a sistematização de experiências vividas enquanto clínicos, fora do consultório e instituições particulares. Em muitos casos, entretanto, eles eram levados a isso tão somente em consequência da diminuição da demanda por seus serviços fruto do empobrecimento da clientela ou do próprio esgotamento deste mercado (BASTOS e ACHCAR, 1994).

De fato, conforme observado nos resultados do presente estudo, houve no Brasil, um crescimento acumulado do número de Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu*, em Psicologia, de 1996 a 2005, da ordem de 78,6% em nível de doutorado e de 95,9% em mestrado.

Mas, é interessante observar que as pesquisas de âmbito nacional realizadas pelo CFP, assim como outras de abrangência regional ou local, têm repetidamente documentado que o exercício profissional do psicólogo no país ainda se caracteriza pela dominância de um modelo de atuação restrito, que, já em 1982, era denominado por Carvalho (apud BASTOS e ACHCAR, 1994) de “limitado”, por não explorar suficientemente todo o potencial de conhecimentos que a Psicologia já tornou disponível à sociedade.

O amplo predomínio das atividades clínicas ainda é marcado por uma atuação em consultórios particulares, com dedicação parcial de tempo, onde a psicoterapia é a atividade largamente predominante e dirigida a uma clientela adulta e, principalmente, de classe média. Embora a inserção em instituições de saúde - hospitais ou centros de saúde pública, modifique a clientela atendida no que diz respeito ao nível sócio-econômico, as atividades mais freqüentes, contudo, não se distinguem da atividade clínica tradicional. Segundo as palavras de Bastos,

[...] o que mais impressiona neste quadro é que o modelo de atuação revela-se basicamente o mesmo, independente do tipo de instituição em que o psicólogo se graduou. Ou seja, o mercado de trabalho agora visto sob o prisma do tipo de trabalho oferecido à sociedade, revela-se bastante homogêneo, indicando que as instituições formadoras têm atuado como reprodutoras de um modelo básico de atuação que consiste no desempenho de tarefas tradicionalmente confiadas aos psicólogos, nos seus diversos ambientes de trabalho. As discussões e mudanças que têm sido implementadas em diversas instituições de ensino, ainda não geraram mudanças significativas no padrão de serviços prestados pelo psicólogo. (apud BASTOS e ACHCAR, 1994, p. 248-249).

De fato, duas outras pesquisas realizadas em 1994 e em 2001, pelo CFP, indicam que os dados colhidos anteriormente permanecem os mesmos. Entre outras coisas ficou evidenciado que a profissão de psicólogo, no Brasil, continua sendo atuante preferencialmente na área clínica, mais especificamente em consultórios particulares, apesar do mercado nessa área se encontrar saturado (PEREIRA E PEREIRA NETO, 2003).

Contudo, apesar desse quadro delineado sobre o exercício profissional do psicólogo apresentar estas características, percebe-se que, assim como outras práticas sociais, ele não se revela imune às transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que marcam o período atual em nível mundial e nacional. Dessa forma, inevitavelmente se configuram novos fazeres, ao mesmo tempo em que antigas práticas ganham novos contornos e novos fundamentos, concepções sobre a atuação ganham realces e novas clientelas e contextos são explorados (BASTOS e ACHCAR, 1994).

É o que ocorre, por exemplo, com a área da saúde pela qual existe um particular interesse da Psicologia que, através de seus Conselhos, tem procurado aprofundar o debate tanto sobre a atuação do psicólogo nessa área, quanto sobre a comunicação com outras disciplinas e os desafios a serem enfrentados para democratizar o acesso da população à saúde com qualidade.

Com efeito, nos últimos dez anos, o Conselho Federal de Psicologia e os Conselhos Regionais têm procurado reposicionar a Psicologia diante do tema e redirecionar o serviço para a sociedade como um todo. Exemplos de iniciativa dessa natureza, segundo informa o CRP-SP (Jornal de Psicologia, abr./jun., 2006), foram a Mostra de Psicologia e Prática Profissional, o Banco Social de Serviços em Psicologia e, mais recentemente, o Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). Além disso, conforme ainda explica Marcus Vinícius de Oliveira, vice-presidente do Conselho Federal de Psicologia, existe uma linha estratégica de gestão do Sistema Conselhos em ampliar a presença do psicólogo nas diversas esferas da sociedade com ênfase nas políticas públicas, em particular, na de saúde.

Afinal, conforme salienta Maria Helena Machado (2006, p. 13), diretora do

Departamento de Gestão e da Regulação em Saúde (DEGERST) do Ministério da Saúde,

[...] a psicologia é uma profissão interdisciplinar e tem participação desde a formulação de políticas públicas mais amplas, trabalhando com a questão organizacional e institucional até nos aspectos operacionais, como a assistência direta à população [...] pode contribuir nos aspectos relacionados ao papel interdisciplinar de uma equipe, humanizando o processo de trabalho na saúde, e nos avanços da compreensão de doenças e problemas psicológicos e psiquiátricos aos quais a população vem sendo submetida, como estresse, processos de trabalho equivocado ou muito intenso, desestímulo, violência urbana e doméstica, enfim, tudo o que trate do

avanço. Partindo de uma insatisfação quanto aos resultados práticos da proposta teórica dominante até meados da década de setenta, novas abordagens teóricas, metodológicas e práticas vêm sendo introduzidas na área.

De fato, inúmeras experiências incluindo os trabalhos dos psicólogos sociais em comunidades, em postos de saúde, nas militâncias sociais, como grupos feministas, raciais e sindicatos, dentre outros; na seara política, como partidos, associações, movimentos sociais etc., foram responsáveis pela emergência de novas práticas na área, criando aos poucos novos referenciais metodológicos e novos campos de atuação.

Mais recentemente, na década de 90, as práticas políticas dos movimentos sociais geraram transformações nas instituições brasileiras que exigiram a consolidação de práticas psicossociais junto às populações que, até então, não tinham acesso a este tipo de serviço. Isso, evidentemente, demandou novas formas de trabalho. Por outro lado, a própria atuação dos psicólogos sociais dentro das comunidades e dos movimentos sociais contribuiu na busca da transformação das instituições, consolidando as práticas iniciadas nas décadas de 70 e 80 e demandando, cada vez mais, uma atuação mais elaborada dos profissionais da área.

A partir de então novos desafios teóricos, metodológicos e institucionais vêm se impondo ao psicólogo social que, para enfrentá-los, buscam, a partir da década de 90, responder às demandas sociais envolvendo-se nas equipes multidisciplinares e aprofundando-se nas especificidades da área. Assim,

[...] procuram relacionar emoção e afetividade com as práticas políticas e reivindicatórias, procuram metodologias para analisar as identidades coletivas a partir dos interesses pessoais, buscam formas de trabalho para a superação da opressão e da dominação e de melhor convivência com o meio ambiente. Para se compreender o campo de ação dos psicólogos sociais é preciso partir de uma concepção de homem dentro de uma visão histórica e social. É necessário ter uma dimensão do movimento histórico e do meio sócio-cultural em que o sujeito está inserido e buscar delinear as forças de

influências mútuas existentes nesta inter-relação (BOMFIM, 1994, p. 206-207)

Enfim, permeando todo o conjunto de mudanças que vêm ocorrendo na maioria das práticas profissionais parece emergir uma noção diferenciada acerca do compromisso social. Hoje a noção de compromisso parece estender-se e abarcar uma clara preocupação com a transformação das condições de vida do indivíduo e com a alteração de estruturas sociais tidas como geradora de problemas vividos por ele.

Isso, particularmente na área da Psicologia, é notório, se tomarmos por base o número destes profissionais que se interessaram em estudar o fenômeno do sofrimento do trabalhador bancário nas suas relações de trabalho, se comparado com outras áreas cuja produção é bem menos expressiva.

Evidentemente esse dado não nega às outras áreas tal compromisso, mas serve para ilustrar o processo da sua busca pela Psicologia.

Trata-se, portanto, de um compromisso ideológico e político com a mudança social que se apóia em uma perspectiva crítica das relações sociais no interior da estrutura social. Na sub-área da Psicologia Social é onde tudo isso ocorre de maneira mais visível e efetiva, enquanto nas demais esta noção de compromisso social está presente, porém sem um conteúdo ideológico tão claramente formulado (BASTOS E ACHCAR, 1994).

A afirmação acima é corroborada pelas palavras de Bomfim (1994, p. 207) :

[...] o trabalho do psicólogo social, como qualquer trabalhador social é constituído por um rol de atividades perpassadas por questões ideológicas e políticas que, antes de serem escamoteadas, devem ser esclarecidas e trabalhadas. Portanto, uma visão do sujeito histórico que estabelece relações políticas e ideológicas atravessa todo o trabalho do psicólogo social.

Por outro lado, no que se refere à formação do psicólogo, a partir do *Programa de Estudos e Debates sobre a Formação e a Atuação do Psicólogo*, criado em novembro de 1984 com o intuito de promover uma revisão do currículo

mínimo dos cursos de Psicologia, considerado defasado por se manter inalterado desde a sua proposição nos anos 60, muitos e importantes aspectos têm sido discutidos e muitas mudanças efetivadas.

Segundo Duran (1994), os resultados de um dos projetos de pesquisa desse programa que investigou questões sobre a formação do psicólogo apontaram para a necessidade da formação se direcionar, prioritariamente, para o desenvolvimento de competências profissionais adequadas ao atendimento da porção majoritária da população brasileira, a título de compromisso ético. E, para o cumprimento desse compromisso, é exigido um olhar aprofundado sobre as condições de vida dessa população e um investimento criativo do conhecimento disponível. A formação ética deve situar-se, no currículo de formação, tanto como uma disciplina específica, quanto e principalmente, permeando as várias atividades do curso. Enfatizou-se, por exemplo, o papel educativo do professor ao assumir uma postura crítica em relação ao cotidiano concreto e ao atuar eticamente como profissional e cidadão.

As muitas preocupações sobre todas estas questões que vêm sendo insistentemente debatidas, talvez estejam agora oficialmente representadas no novo Código de Ética Profissional do Psicólogo, colocado em vigor em agosto de 2005, onde consta que, “consoante com a conjuntura democrática vigente, o presente Código foi construído a partir de múltiplos espaços de discussão sobre a ética da profissão, suas responsabilidades e compromissos com a promoção da cidadania.” (Código de Ética Profissional do Psicólogo, 2005, p. 6).

Esse Código de Ética, o terceiro da profissão de psicólogo no Brasil, responde ao contexto organizativo dos psicólogos, ao momento do país e ao estágio de desenvolvimento da Psicologia enquanto campo científico e profissional. Um dos intentos da sua construção é estimular reflexões que considerem a profissão como

um todo e não em suas práticas particulares, uma vez que os principais dilemas éticos não se restringem a práticas específicas e surgem em quaisquer contextos de atuação.

Espera-se, ainda, “que ele seja um instrumento capaz de delinear para a sociedade as responsabilidades e deveres do psicólogo, oferecer diretrizes para a sua formação e balizar os julgamentos das suas ações, contribuindo para o fortalecimento e ampliação do significado social da profissão”.

Também foi apontada a necessidade de se considerar, além da formação especificamente psicológica, também as visões das áreas de conhecimento que fazem interface com a psicologia, como é o caso da antropologia, da sociologia, e daquelas que estão na sua base, como a filosofia. É certo que o necessário aprofundamento, a visão crítica e a cientificidade passam pela visão unidisciplinar, mas a busca pela interdisciplinaridade é fundamental, pois a leitura de um dado fenômeno pelas diferentes visões de outras áreas é indispensável para a sua perfeita compreensão.

Um dos aspectos referidos como essencial foi a formação científica do psicólogo, indissociável da sua formação profissional já que, por um lado, constituem dimensões de um mesmo conhecimento e, por outro, não é possível formar um profissional sem que ele tenha o suporte de uma sólida formação científica. A divisão entre ciência pura e ciência aplicada já devia ter sido superada, uma vez que pesquisador e intervencionista são dimensões da mesma ciência. Nesse caso o pesquisador não é, necessariamente, aquele do laboratório preparado, tal como ocorre nas ciências naturais, mas o investigador dos contextos naturais, envolvido com o objeto psicológico tal como ele existe e opera na vida real.

Além dos fatores curriculares e institucionais, foram considerados, também,

como fundamentais, os fatores pessoais, como por exemplo, a dimensão ética da atuação docente do professor, os pactos de mediocridade e a imaturidade pessoal de alunos. Por conta de todas estas questões, ficou evidente que comprometimentos da formação podem ocorrer para além de questões propriamente curriculares ou institucionais (DURAN, 1994).

É importante lembrar que o objetivo primeiro da pesquisa acima foi recolher algumas opiniões, dos próprios psicólogos cujos discursos puderam revelar não um desencontro de opiniões e propostas, mas uma significativa congruência. Embora não tenham se constituído numa uniformidade niveladora, mostraram, todavia, que todos eles apontam para um modo de conceber a formação onde há muito mais certezas do que dúvidas. E essas certezas, onde não são exatamente sobre os mesmos pontos, são, em geral, compatíveis (DURAN, 1994).

É interessante ressaltar que os trabalhos realizados pelo CFP, através de sua Câmara de Educação e Formação Profissional, foram orientados por genuína preocupação em contextualizar a Psicologia, representada por seus profissionais em atuação, na realidade do mundo atual, visando torná-los mais aptos para desempenharem seu papel de cidadãos na luta por uma sociedade mais justa e mais ética.

Foi, também, nessa direção, que mais recentemente o CFP criou a *Comissão Nacional de Direitos Humanos*, tendo realizado o seu *I Seminário Nacional de Psicologia e Direitos Humanos* em 1998, cujos trabalhos foram publicados no livro *“Psicologia, Direitos Humanos e Sofrimento Mental”*. Na seqüência, ocorreu o *II Seminário*, em 2000, que resultou no livro *“Práticas psicológicas: compromissos e comprometimentos”*.

Nesses encontros foram debatidos temas fundamentais que possibilitaram a

garantia dos direitos, evidenciam a preocupação de seus profissionais com questões dessa ordem. Mostram, ainda, a existência de um crescente movimento, em direção à construção de novos caminhos que conduzam a Psicologia e os psicólogos para posições cada vez mais comprometidas com a realidade social.

4.2 A Psicologia e a Produção Científica Sobre a Relação Trabalho Bancário-Saúde

Considerando, pois, a expressiva contribuição dos profissionais psicólogos com a pesquisa e a construção de conhecimento sobre a relação Trabalho Bancário-Saúde, concluímos como relevante apresentar, de maneira específica, a análise dessa produção.

Trata-se fundamentalmente de uma tentativa de relacionar as categorias-chave trabalho e saúde, desdobradas na relação trabalho bancário e sofrimento do trabalhador, com o conhecimento produzido nas universidades, espaço institucional legitimamente constituído para abordar questões desta natureza. Tal inter-relação se viabiliza pela análise das unidades de registro elaboradas a partir da leitura dos resumos das dissertações produzidas no âmbito da Psicologia que contemplam tais categorias .

Com relação às sub-áreas produtoras de tal conhecimento, do total de 15 dissertações, 10 (22 k a 31 k) constam como sendo provenientes da área da Psicologia, mas sem nenhuma especificação complementar. Tendo como referência as instituições produtoras destes trabalhos averiguamos, na relação dos cursos de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia existentes no Brasil e vinculados a ANPEPP (Quadro 1), as áreas nas quais são oferecidos, nestas instituições, os cursos de Mestrado e Doutorado verificando, então, que também aí eles constam

apenas como sendo em Psicologia, sem qualquer outra especificação. Desse modo, alguns pontos de análise dessa produção se inviabilizam, como por exemplo, a que sub-áreas esses trabalhos pertencem e quais demonstram maior interesse em estudar o assunto.

Quanto ao referencial teórico sobre o qual se fundamentam estes estudos, 6 deles apresentam resumos que não fazem referência a esse conteúdo. Os demais se referem às mudanças econômicas e organizacionais ocorridas no mundo do trabalho, especificamente no trabalho bancário, e à LER/DORT e estresse ocupacional, resultantes das condições desse tipo de organização do trabalho.

No que se refere aos objetivos, 06 dos 10 trabalhos têm como foco o comprometimento da saúde (física ou mental) do trabalhador bancário ou, então, algumas patologias específicas como a LER/DORT, a depressão ou o estresse, sempre considerados na inter-relação com as condições laborais. Quanto aos demais, um enfoca as repercussões que tem, na identidade do trabalhador bancário, o seu afastamento por doença; outro a vivência do período que antecede a aposentadoria de trabalhadores bancários visando, entre outras coisas, identificar nela alguma forma de sofrimento; um seguinte tem como objetivo verificar em que medida o grau de escolaridade deste trabalhador contribui para gerar sofrimento psíquico; e, por fim, um deles busca identificar as vivências de prazer-sofrimento no trabalho com o intuito de saber se este está propiciando sentimento de identidade e realização.

Quanto às 04 dissertações produzidas em Psicologia Social (32 k a 35 k), de acordo com os resumos, 03 trazem as mudanças no mundo do trabalho, especificamente do trabalho bancário, contextualizando a pesquisa, enquanto uma não faz referência a nenhum aspecto indicativo desse dado. Com relação aos

objetivos, 03 resumos indicam, respectivamente, o *Burnout*¹, o sofrimento decorrente da organização do trabalho e a LER, e a alcoolização como focos de investigação; 01 deles não faz menção a este indicador.

Finalmente, uma última dissertação provém da Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social (36 k), e seu resumo não traz nenhum pressuposto teórico contextualizando o estudo. Quanto ao objetivo, esse diz respeito aos modos de inserção das mulheres no trabalho bancário e o impacto deste sobre sua saúde mental.

Observando os resultados apontados nos resumos das 15 dissertações são nítidas as conclusões de que as mudanças ocorridas no trabalho bancário e a forma como ele se apresenta nos dias atuais determinam condições laborais altamente estressantes. Essa realidade mostra-se extremamente potencializadora de processos de adoecimento com manifestações tanto em nível físico como, por exemplo, as LER/DORT, as cardiopatias, a hipertensão e o alcoolismo, quanto em nível psicológico, como a depressão e o *Burnout*.

Por fim, resta salientar que apenas 02 dissertações, de acordo com os respectivos resumos, fazem referência a conclusões e/ou sugestões derivadas dos resultados apurados. Uma se refere à necessidade de discussões sobre “possíveis estratégias institucionais objetivando tanto a conscientização da importância dos programas de prevenção de doenças ocupacionais quanto a reestruturação do processo de reabilitação profissional e reconstrução da identidade social dos trabalhadores já adoecidos e sócio-profissionalmente limitados”. A outra acredita “[...] poder contribuir com alguns elementos para a criação de políticas públicas e estratégias de ação, no campo da saúde do trabalhador [...] ou ainda o

¹ *Burnout* :desgaste emocional agudo advindo do trabalho

desenvolvimento de programas de promoção de saúde e qualidade de vida no trabalho [...]” Quanto aos demais, 02 resumos trazem esta informação de maneira incompleta, 01 de modo ininteligível e 10 não se referem a ele.

Em se considerando que das 15 dissertações, 11 provêm de Programas de Pós-Graduação em Psicologia, mantidos por instituições públicas, espaço institucional com legitimidade para abordar e debater questões sociais, seria pertinente esperar que tanto esforço científico se revertesse, pelo menos, em sugestões que gerassem alguma forma de benefício social. De fato, é nas conclusões e/ou sugestões derivadas destes estudos onde se pode buscar subsídios para a construção de qualquer forma de benefício, compromisso ético das universidades públicas para com a sociedade que as mantém.

É importante, porém, salientar que a ausência de conclusões e/ou sugestões nos resumos analisados nesse estudo não atesta a sua inexistência, podendo significar tão somente uma falha de informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é ciência assim como um monte de pedras não é uma casa..

H. Poinré

De acordo com os objetivos inicialmente propostos, esse trabalho buscou estudar e compreender como a configuração do trabalho dada pelo capitalismo e, mais recentemente pelo projeto neo-liberal e pela reestruturação produtiva do capital, gerou transformações profundas no mundo do trabalho e, conseqüentemente, no modo de trabalhar e no jeito de ser do trabalhador. Esse processo se deu, de modo particular, nos ambientes produtivos bancários que, a partir da reestruturação produtiva, tiveram redefinidas as atividades e habilidades requeridas para a sua realização o que, sem dúvida, provocou um certo nível de degradação nas condições laborais dos seus profissionais. Com isso, esses profissionais passaram a experienciar as exigências próprias da intensificação do trabalho e, também, a instabilidade do emprego como fatores propícios para o adoecimento.

O Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC), considerado como referência de análise deste estudo, é um dos dois tratados internacionais no âmbito das Nações Unidas que passaram a incorporar, com maior precisão e detalhamento, os direitos constantes da Declaração Universal dos Direitos Humanos, sob a forma de preceitos juridicamente obrigatórios e vinculantes. Foi concluído em 1966, e em seus artigos 6, 7 e 8 estabelece, detalhadamente, o direito a condições de trabalho justas e favoráveis, o que implica uma remuneração que permita uma vida digna, condições de trabalho seguras e higiênicas, igual oportunidade de trabalho, descanso, lazer e férias, bem como direitos sindicais. A

própria Declaração Universal, de 1948, em seu artigo XXIII, já enunciava que “toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego etc.” (PIOVESAN, 1997, grifo da autora).

Em face disso, contemplar a situação, em alguns casos aviltante, da classe trabalhadora, seja ela de que segmento for, é, no mínimo, preocupante porque evidencia um desrespeito total ou parcial desses direitos. Afinal, as condições de trabalho e a realidade do ambiente laboral de muitos segmentos da classe trabalhadora, em especial do setor bancário, se transformaram em fatores de risco e têm comprometido a garantia do direito de todo cidadão ao trabalho com saúde.

Esse estado de coisas tem questionado o papel e a responsabilidade de profissionais das diversas áreas que, de uma forma ou de outra, estão implicados com questões dessa natureza. Foi isso o que, certamente, motivou o grande número de profissionais de diversas áreas disciplinares a desenvolverem pesquisas e construir conhecimento acerca do assunto.

De certa maneira, todos esses estudos se desenvolveram fundamentados por pressupostos teóricos abarcando as transformações ocorridas no interior do capitalismo, em meio às quais se deu a reestruturação produtiva que, de modo particular, atingiu a atividade bancária com sérios comprometimentos à saúde de seus profissionais. Os seus resultados demonstraram que tanto o estresse, desencadeado pela atividade laboral, quanto o sofrimento psíquico decorrente da atual organização do trabalho bancário, são fatores de risco à saúde do trabalhador.

A realização do levantamento da produção científica acadêmica sobre o assunto se mostrou valiosa principalmente sob dois aspectos: primeiro, porque pôde evidenciar tanto a situação de vulnerabilidade do trabalhador bancário quanto o

interesse de diversos ramos do saber por esta problemática. Segundo, porque desvelou um fenômeno que, provavelmente, é mais comum no meio acadêmico do que se possa supor. Ou seja, a construção isolada e parcial de conhecimento, por diferentes disciplinas, sobre um mesmo objeto, cada qual fazendo isso a partir de ótica, objetivos e métodos próprios; conhecimento esse cujo destino, em muitos casos, é ser confinado entre as paredes das bibliotecas universitárias, sem intenções e proposições de vir a se tornar fonte efetiva de benefício para a sociedade.

De fato, observa-se nos resultados de nossa pesquisa, que cada uma das diversas áreas que construiu um saber sobre a relação Trabalho Bancário-Saúde o fez a partir da sua própria ótica e orientada por objetivos concernentes a esse ângulo de visão. É o caso, por exemplo, de uma das dissertações produzidas na área da Administração que, ao tratar da temática em questão, o fez enfocando as raízes ideológicas do autoritarismo, as suas formas de manifestação e os seus efeitos no cotidiano da vida dos trabalhadores bancários, tudo a partir de uma perspectiva que contempla concepções e pressupostos da Teoria Geral da Administração. Se observarmos, por outro lado, os trabalhos produzidos na área da Engenharia de Produção, a perspectiva, evidentemente, é outra. Tendo como especificidade de conhecimento, entre outras coisas, os métodos gerenciais, a implantação de sistemas informatizados para a gerência de empresas e o uso de métodos para a melhoria da eficácia das empresas, é previsível que tenham como foco a preocupação com o aumento de produtividade e com a qualidade de serviços e dos lucros da empresa, enquanto a saúde e a qualidade de vida do trabalhador são considerados como fatores importantes na determinação desse objetivo. Já os trabalhos desenvolvidos em Saúde Pública, em sua maioria, enfocam a saúde física

dos trabalhadores, enfatizando questões nosológicas e ressaltando a importância da prevenção e do diagnóstico precoce. Trata-se de um enfoque absolutamente congruente com o aporte teórico que sustenta essa área e que se refere a problemas de saúde da população, promoção à saúde, a programação e política de saúde, a análise institucional etc. Nas teses e dissertações aí produzidas a questão da necessidade de políticas públicas que melhorem as condições de saúde dos trabalhadores é, portanto, quase sempre colocada em discussão.

Por outro lado, diante do volume de conhecimento construído acerca desse mesmo objeto, torna-se imperioso questionar em que medida todos estes esforços de pesquisa sobre o sofrimento no trabalho bancário trouxeram, efetivamente, algum benefício para esse segmento da classe trabalhadora?

Essa talvez seja uma das sérias questões a ser discutida no âmbito das universidades, já que a formação acadêmica às vezes negligencia a importância da responsabilidade social da pesquisa. Em conseqüência, o que se vê, na maioria dos casos, é uma tendência à apropriação privada do conhecimento em detrimento de sua socialização.

Além disso, será que o fenômeno sofrimento/adoecimento decorrente das relações de trabalho no segmento bancário, através desse volume de conhecimento construído por dezesseis áreas disciplinares, é passível de ser apreendido, por quem dele se inteira, em toda a sua significação?

No saber de Light e Pillemer (apud GRANJA, 1995), o conhecimento acumulado em determinada área de estudo não se torna proveitoso até que alguma sistemática ou síntese seja aplicada a ele. Mas, será que esse procedimento é suficiente para atingir aquela que parece ser a meta da ciência para tempos futuros: passarmos de um pensamento unidimensional, reducionista para um pensamento

multidimensional, holista e não excludente?

No rastro dessa discussão emerge a questão da importância e da necessidade do desenvolvimento de programas de pesquisas interdisciplinares, hoje ainda incipiente. Segundo Coimbra (apud TEIXEIRA, 2004, p. 64),

[...] como pensar a relação, pensar as interfaces, como amarrar o conjunto de fenômenos a constantes, em termos de tempo e de espaço, que são tão heterogêneas? Existem, então, problemas, situações ou objetos que, por serem de natureza complexa, não podem emergir, no seu todo, da reflexão interna de cada uma das disciplinas. A interdisciplinaridade representa, portanto, a relativização dos campos dos conhecimentos disciplinares.

A pertinência dessa afirmação, em se tratando da relação saúde-doença parece ainda mais contundente se considerado o caráter multidimensional desse processo. Assim, qualquer estudo desenvolvido sobre essa relação que a considere como processo, sempre resultará numa visão parcial e, portanto, limitada no seu poder explicativo das condições que determinam as formas individuais e coletivas de adoecer.

Se tomarmos os resultados da pesquisa realizada neste trabalho, frente às diversas facetas da relação Trabalho Bancário-Saúde que foram estudadas e ao conhecimento conseqüentemente construído, torna-se irresistível pensar a possibilidade de se relacionar todos os aspectos que, a partir de diferentes perspectivas, foram discutidos e esclarecidos, numa tentativa de integração e ordenação destes conhecimentos. Essa parece ser, na prática, uma tarefa difícil de ser concretizada.

Acreditamos, porém, que é, ainda, o espaço acadêmico, o *locus* privilegiado para a viabilização de projetos dessa natureza, através de grupos interdisciplinares de estudo e de pesquisa, como é o caso, por exemplo, do Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Saúde, Qualidade de Vida e Relações de Trabalho – QUAVISSS, credenciado pela UNESP- Campus de Franca e certificado pelo CNPq, e em

atividade desde outubro de 2002.

Por outro lado, sabemos que, apesar do quanto têm sido propaladas a idéia e a necessidade de projetos de pesquisa interdisciplinares, é a intervenção exercida interdisciplinarmente o que mais tem se viabilizado, numa tentativa de responder à premente demanda dos problemas urgentes e inevitáveis da vida social. Solicitar a colaboração de profissionais das especialidades que possam acrescentar ou dizer algo acerca de um determinado problema certamente agiliza e otimiza a sua solução. Contudo, a interdisciplinaridade também deve ser permanentemente buscada enquanto condição necessária para a pesquisa e para a criação de modelos mais explicativos da realidade tão complexa e difícil de abranger (SANTOMÉ, 1994).

A questão da integração disciplinar, tão antiga quanto o pensamento ocidental, foi retomada, recentemente, por alguns cientistas de diferentes nacionalidades que, sob a égide da UNESCO, realizaram dois colóquios sobre esse assunto. Em um deles, realizado em 1991, os pesquisadores focalizaram sua atenção na construção de um projeto operacional e prático de interdisciplinaridade e de seu reconhecimento pelo mundo institucional da pesquisa. Posteriormente, a experiência de dois programas interdisciplinares de pesquisa, recentemente concluídos na França, permitiu identificar grandes classes de problemas e de desafios que as práticas interdisciplinares de pesquisas têm a enfrentar (TEIXEIRA, 2004).

Estes desafios e problemas, inclusive, têm se constituído em questões cruciais também para o funcionamento de dezenas de programas de pós-graduação no Brasil considerados pelas agências de fomento como “multidisciplinares” e que, segundo informações no *site* da Capes, em 2004 somavam 161 cursos, sendo 104

mestrados acadêmicos, 26 mestrados profissionais, e 31 doutorados. Por esta razão, esperamos que as reflexões de nosso trabalho possam, de alguma forma, também contribuir para o processo de consolidação destas experiências multidisciplinares e interdisciplinares da esfera dos cursos de pós-graduação no Brasil.

Entre estes desafios que se colocam para a prática da pesquisa interdisciplinar, destacam-se aqueles concernentes à comunicação entre pesquisadores de disciplinas diferentes, caracterizada por diferentes compreensões e conceitos e, pelos diferentes referenciais de análise na observação dos fenômenos tanto naturais quanto sociais.

No entanto, apesar da complexidade de que certamente se reveste a construção de um projeto de pesquisa interdisciplinar, Teixeira (2004, p. 64) aponta alguns aspectos fundamentais que precisam embasar essa empreitada:

[...] toda problemática interdisciplinar deve emergir da confrontação disciplinar, o que modifica – obrigatoriamente – a visão particular de cada um sobre as questões levantadas, os conceitos utilizados, os métodos e instrumentos definidos, as estratégias de amostragem etc. A problemática comum é progressiva e deve ser entendida como o fio condutor da interdisciplinaridade. Isto é, a problemática comum deve ser percebida como um conjunto articulado de questões formuladas pelas diferentes disciplinas envolvendo um tema e um objeto comum.

Assim, diante desse panorama de hiper-especializações em meio ao qual emerge cada vez com maior clareza uma demanda pela sistematização do conhecimento e pela sua construção sob perspectiva interdisciplinar, acreditamos que o presente trabalho, respeitados os limites de seu alcance, se constituiu num dado ilustrativo desse fenômeno, chamando a atenção para a necessidade e, também, para a complexidade desse desafio a ser enfrentado, que é a pesquisa interdisciplinar.

Em se falando dos limites desse nosso estudo, consideramos ainda relevante salientar o caráter restritivo dos resumos enquanto fonte de informação, porquanto,

em alguns casos, eles não atendem nem mesmo às mínimas exigências quanto à sua elaboração. Embasadas em percepção semelhante Witter e Maria (2005) pontuaram a necessidade de uma maior atenção por parte de orientadores de teses e dissertações quanto à qualidade dos resumos remetidos à Capes, já que muitos são incompletos, mal elaborados e, não raro, escritos com os verbos no futuro, sem procedimentos e sem resultados, como se ainda fossem projetos a serem realizados.

Como os resumos habitualmente constituem a primeira forma de contato com uma pesquisa, ressalta Domingos (1999), é importante que sigam as regras metodológicas estabelecidas para a sua elaboração, bem como forneçam informações básicas que permitam ao leitor interessar-se ou não pela leitura completa do trabalho. Por outro lado, é importante ressaltar que um resumo de má qualidade não equivale, necessariamente, a um trabalho de má qualidade.

Todos estes cuidados na elaboração de um resumo evitam, em última instância, que, utilizados como fontes de informação, sua inadequação ou má qualidade comprometam resultados de pesquisas que busquem neles dados de que necessitem. No caso específico do nosso trabalho, porém, tais aspectos, embora presentes em alguns dos resumos analisados, não implicaram no rigor da análise que nos propusemos fazer, uma vez que, em sua grande maioria, continham, de maneira inequívoca, as informações que nos eram necessárias.

Finalizando, gostaríamos de reafirmar que a Psicologia, enquanto área de intervenção e de pesquisa, tem se esforçado no sentido de ampliar e diversificar a sua atuação em ambas as instâncias.

Com relação às áreas de atuação pudemos verificar um claro movimento em busca de novas práticas e em direção à ampliação daquelas já existentes. Quanto à

atividade em pesquisa, o próprio número de Programas de Pós-Graduação demonstra como ela tem crescido na área da Psicologia, existindo, inclusive, um movimento por parte do Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), em estimular o diálogo entre ciência e prática profissional. O objetivo, é criar uma ponte para que a ciência, alimentando-se dos questionamentos gerados no cotidiano do psicólogo possa, então, produzir conhecimento que venha contribuir para responder a essas questões. Em última instância o que se deseja é a interação entre a produção do conhecimento científico e a prática profissional (Jornal do Psicólogo, abr./jun., 2006).

Acreditamos que, de alguma forma, foi essa a experiência por nós vivida quando, partindo de um questionamento ensejado pela prática clínica, tentamos encontrar respostas na elaboração e na realização desse projeto de pesquisa. A busca por uma compreensão mais profunda do sofrimento decorrente das relações de trabalho, do profissional bancário, foi, sem sombra de dúvida, frutuosa já que nos proporcionou esclarecimentos sobre uma série de aspectos que compõem esse processo. Esse conhecimento certamente retornará como subsídio importante para uma prática mais efetiva.

Por fim, gostaríamos ainda de salientar que a realização desse estudo nos permitiu refletir, também, que, assim como é impossível negar as importantes conquistas obtidas pela ciência na forma como ela se apresenta, tampouco se pode desconsiderar que, em muitos casos, na construção de um saber, dimensões importantes da realidade permanecem veladas ao mesmo tempo em que as próprias construções científicas, em muitos casos, resultam estéreis, sem possibilidades de aplicações práticas ou, ainda, com aplicações inadequadas.

Esse fato nos permite concluir que, a exemplo dos inegáveis prejuízos

causados à saúde do trabalhador pela fragmentação do trabalho, também a fragmentação do conhecimento certamente tem, no mínimo, limitado os benefícios sociais do fazer científico. No caso específico da relação Trabalho Bancário-Saúde isso ocorre quer seja porque tal conhecimento assim construído compromete a apreensão e compreensão mais integradas desse fenômeno tão complexo que é o adoecimento decorrente das relações de trabalho, quer seja porque dificulta que se constitua como uma forma efetiva de ajuda para a população estudada.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Os caminhos da liofilização organizacional: as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil. Idéias: o avesso do Trabalho. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp**, Campinas, v. 9-10, n. 1-2, p.13-24, 2002-2003.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s.d.

BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt; ACHCAR, Rosemary. Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. In ACHCAR, Rosemary. **Psicólogo Brasileiro**: práticas emergentes e desafios para a formação. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p 246-271.

BOMFIM, Elizabeth de Melo. Psicologia social, psicologia do esporte e psicologia jurídica. In ACHCAR, Rosemary (Coord.). **Psicólogo brasileiro**: práticas emergentes e desafios para a formação. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p 201-243.

CASTRO, Fernando José Gastal. A problemática da definição de psíquico nos estudos de Wanderley Codo e colaboradores sobre o sofrimento psíquico no trabalho. **Revista Psicologia, Organização e Trabalho**, São Carlos-UFSC, v 3 , n 1, p 111-134, 2003.

CHANLAT, Jean-François et al . **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. 3. ed. Trad. Arakcy Martins Rodrigues et al. São Paulo: Atlas, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília (D.F.): CFP, 2005.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. ampl. Trad. Ana Izabel Paraguay e Lucia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DELGADO, Pedro Gabriel. Direitos humanos e a clínica. In CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia, direitos humanos e sofrimento mental**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p 67-74.

DOMINGOS, Neide Aparecida Micelli. **Produção científica**: análise de resumos de dissertações e teses em psicologia (1992-1996), 1999, 183 f. Tese (Doutorado em Ciências) PUC. Campinas, 1999.

_____. Análise da estrutura dos resumos de dissertações e teses em psicologia. In

WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Produção científica e psicologia e educação**. Coleção Psicotemas. Campinas: Alínea, 1999.

DORIN, E. **Dicionário de psicologia**: abrangendo terminologia de ciências correlatas. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978, v. VI.

DURAN, Álvaro Pacheco. Alguns dilemas na formação do psicólogo: buscando sugestões para superá-los. In ACHCAR, Rosemary (Coord.). **Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p 273-310.

FÁVERO E. T.; MELÃO, M. J. R.; JORGE, M. R. T. (Orgs) . **O serviço social e a psicologia no judiciário**: construindo saberes, conquistando direitos. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Leda Leal Ferreira. Apresentação. In DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia da trabalho. Tradução. Ana Izabel Paraguay e Lucia Leal Ferreira. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992, p 9-10.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1997.

FRANÇA, Ana Cristina Limongi, RODRIGUES, Avelino Luiz. **Stress e trabalho**: uma abordagem psicossomática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização, 1976.

GRANJA, Elza Correa. **Produção científica**: dissertações e teses do IPUSP (1980/1989), 1995 , 152 f. Tese (Doutorado em Ciências – Psicologia). USP. São Paulo.

GRECO, Helena. In CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia, direitos humanos e sofrimento mental**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GRISCI, Carmem Lúcia Lochins; BESSI, Vânia Gisele. Modos de trabalhar e de ser na reestruturação bancária. *Sociologias*. [on line]. jul./dez./2004, nº 12 [citado 01 maio 2005], p 160-200. Disponível em:
<http://www.scielo.php?cript+sci_arttex&pid+S1517-45222004000200007&lng+pt&nrm+isnn.1517-4522. Acesso em: 01 mai. 2005.

JINKINGS, Nise. Trabalhadores bancários: entre o fetichismo do dinheiro e o culto da excelência. In AUED, Bernardete Wrublewski (org.). **Educação para o (des) emprego**: (ou quando estar liberto da necessidade do emprego é um tormento). Petrópolis: Vozes, 1999, p 151-173.

_____ As formas contemporâneas da exploração do trabalho nos bancos. In *Idéias*:

o avesso do trabalho. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp**. Campinas, v. 9-10, n. 1-2, p.219-246, 2002-2003.

_____. Novas e velhas determinações da dominação capitalista no trabalho. In AUED, Bernardete Wrublevski (Org.). **Traços do trabalho coletivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LEVY, Teresa. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In POMBO, Olga et al. **A Interdisciplinaridade**: reflexão e experiência. 2. ed. Porto: Texto Editora, 1994, p 8-31.

MACHADO, Maria Helena. Psicologia 2006: a saúde em evidência. **Jornal de Psicologia**, São Paulo, p.12-13, abr./jul., 2006.

MAY, Rollo. **O significado da ansiedade**: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MELO, Hildete Pereira de, et al. O setor de serviços no Brasil: uma visão global – 1985/95. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. ISSN 1415-4765. Rio de Janeiro: 1998. Disponível em <www.ipea.gov.br/pub/td/td0549.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2006.

MENDES, Ana Magnólia , MORRONE, Carla Faria. Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: MENDES, Ana Magnólia et al (Orgs). **Trabalho em transição saúde em risco**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p 28-42.

NAKANO, Tatiana de Cássia. Pesquisa em criatividade: análise da produção científica do banco de teses da CAPES (1996-2001). In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Metaciência e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2005, p 35-48. (Coleção Psicotemas)

PACHECO, Elisabeth Marinelli de Camargo. Produção científica e avaliação psicológica. In Witter, Geraldina Porto (Org). **Metaciência e psicologia**. Coleção Psicotemas. Campinas: Alínea, 2005, p 7-31.

PAUL, Patrick. Visão transdisciplinar na saúde pública. Conferência realizada em 30 de setembro de 1998 na Faculdade de Saúde Pública da USP-SP. <http://www.cetrans.futuro.usp.br/textos/artigos/centro_textos_artigos_saudepublica.htm>. Acesso em: 30 mar. 2004.

PEREIRA, Fernanda Martins, PEREIRA NETO, André. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p 19-27, 2003.

PIMENTEL, Alessandra. O método na análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p 179-195, nov., 2001.

PIOVESAN, Flávia. **Direitos humanos e o direito constitucional internacional**. 3. ed. atual. São Paulo: Max Limonad, 1997.

RODRIGUES, Avelino Luiz , GASPARINI, Ana Cristina Limongi França. Uma perspectiva psicossocial em psicossomática: via estresse e trabalho. In: MELO FILHO, Júlio de. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOME, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinariedade**: o currículo integrado. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTEIRO, Tales Vilela. **Psicoterapias breves psicodinâmicas**: produção científica em periódicos nacionais e estrangeiros (1980/2002). 2005, 193 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - PUC, Campinas, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Ana Cristina Nassif. **Mulheres chefes de família**: narrativa e percurso ideológico. Franca: Unesp, 2003.

TEIXEIRA, Olívio Alberto. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **RBPG Revista Brasileira de Pós-Graduação**, São Paulo, n. 1, p. 57-69, jul., 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.

WANDERLEY, Mariângela Belfiore. **Metamorfoses do desenvolvimento de comunidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

WITTER, Carla. Produção Científica e educação. In WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Metaciência e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2005. p 199-215.

WITTER, Geraldina Porto. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, n 1, p. 05-30, jan./jul., 1990.

_____ (Org.) **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997.

_____, MARIA, Fernanda de Assis. Velhice no Banco de Teses da CAPES (2000 e 2001). In WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Metaciência e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2005. (Coleção Psicotemas)

_____, BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt, BOMFIM, Elizabeth de Mello e GUEDES, Maria do Carmo. Atuação do psicólogo: espaços e movimentos. In ACHCAR, Rosemary (Coord.). **Psicólogo brasileiro**: construção de novos espaços. Campinas: Átomo, 1992. p 161-177.

_____, PECORA, Gláucia Maria Mollo. Temática das dissertações e teses em biblioteconomia e ciência da informação no Brasil (1970-1992). In WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997. p 77-86.

ANEXOS

ANEXO A

QUADRO-RESUMO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO BANCÁRIO-SAÚDE

À frente de cada um dos títulos das teses e dissertações que compõem o *corpus* de nossa pesquisa foi colocado um código correspondente que facilitará a sua identificação sempre que essa se fizer necessário. O número se refere ao título e a letra à área a que pertence, a saber:

- a = Saúde na Comunidade
- b = Saúde Coletiva
- c = Saúde Pública
- d = Enfermagem Fundamental
- e = Psiquiatria e Saúde Mental
- f = Serviço Social
- g = Direito
- h = Administração
- i = Engenharia de Produção
- j = Sociologia
- k = Psicologia

CÓDIGO P/ ANÁLISE	TÍTULO	ÁREA	NÍVEL	Instit.	Ano de Produção
1 a	DO TRABALHO QUE CONSTRÓI AO QUE DESTRÓI IDENTIDADES: OCASO DE BANCÁRIOS PORTADORES DE DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO 9DORT0 NO ESTADO DE GOIÁS	PSICOLOGIA	M	UCG	2001
2 a	O TRABALHADOR SEM SEU TRABALHO : UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DE TRABALHADORES AFASTADOS DO TRABALHO POR ADOECIMENTO PROFISSIONAL	PSICOLOGIA	M	UFES	1998
3 a	BANCÁRIOS DO BANCO DO BRASIL : O SIGNO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL EM TRANSFORMAÇÃO	PSICOLOGIA SOCIAL	M	PUC-SP	1996
4 a	BURNOUT : UM INDICADOR SEM UMA TEORIA	PSICOLOGIA SOCIAL	M	PUC-SP	2003
5 a	“O PIOR É NÃO TER MAIS PROFISSÃO, BATE UMA TRISTEZA PROFUNDA”: SOFRIMENTO, DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO E DEPRESSÃO EM BANCÁRIOS.	PSICOLOGIA	M	UNB	2003
6 a	REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DEPRESSÃO EM DUAS CATEGORIAS DE TRABALHADORES PRESTADORES DE SERVIÇOS	PSICOLOGIA	M	PUC - RGS	2003
7 a	A PRÉ-APOSENTADORIA : VIVÊNCIA DE TRABALHADORES BANCÁRIOS	PSICOLOGIA	M	UNESP ASSIS	2003

8 a	CARGA DE TRABALHO BANCÁRIO E SAÚDE : UM ESTUDO ERGONÔMICO COM AVALIADOR DE PENHOR DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL-DF	PSICOLOGIA	M	UNB	1992
9 a	TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE MENTAL. MODOS DE INSERÇÃO DA MULHER NO TRABALHO BANCÁRIO	PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADE E ECOLOGIA SOCIAL ¹	M	UFRJ	1996
10 a	TRABALHO BANCÁRIO E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: IMPLICAÇÕES NO PSQUIISMO DOS TRABALHADORES	PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL	M	UFRGS	2001
11 a	O ESTILO DE VIDA E A INCIDÊNCIA DE CONTROLE DO STRESS: UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO DOS BANCÁRIOS	PSICOLOGIA	M	UFSC	2001
12 a	A INTER-RELAÇÃO TRABALHO/ALCOOLIZAÇÃO: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES TRABALHO E ALCOOLIZAÇÃO DOS BANCÁRIOS	PSICOLOGIA SOCIAL	M	UFPB J.P.	1996
13 a	ESTRESSE OCUPACIONAL E INDICADORES DE SAÚDE EM GERENTES DE UM BANCO	PSICOLOGIA	M	UNB	1993
14 a	ESCOLARIDADE, TRABALHO BANCÁRIO E SOFRIMENTO PSÍQUICO	PSICOLOGIA	M	UFRJ	1994
15 a	VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO BANCÁRIO : O IMPACTO DOS VALORES INDIVIDUAIS E VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS	PSICOLOGIA	M	UNB	2003
16 b	O CONTEÚDO AUTORITÁRIO DAS POLÍTICAS DE PESSOAL DOS BANCOS ESTATAIS E O SEU IMPACTO NA SAÚDE DOS BANCÁRIOS	ADMINISTRAÇÃO	M	UFRGS	1996
17 b	O QUE O CORAÇÃO SENTE MESMO QUANDO OS OLHOS NÃO VEEM : LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS ESTRESSORES DO TRABALHO BANCÁRIO DE UMA AGÊNCIA EM BELO HORIZONTE	ADMINISTRAÇÃO	M	UFMG	2000
18 c	ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE FUNÇÕES DO SISTEMA BANCÁRIO SUJEITOS A PROBLEMAS DE SAÚDE DECOR. DESTA ESTRUTURA	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	M	UNIP	2000
19 c	AVALIAÇÃO DAS LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS EM ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS: ESTUDO DE CASO	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	M	UFPB	2002
20 c	A PREVENÇÃO DE PHATOS: UMA PROPOSTA DE PROTOCOLO PARA DIAGNÓSTICO DOS DISTÚRBIOS OSTEO-MUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	M	UFSC	1997
21 d	“NÃO SOU APENAS UM BRAÇO DOENTE:TRABALHADORES FRENTE À LER (LESÃO POR ESFORÇO REPETITIVO)”	SERVIÇO SOCIAL	M	PUC-RJ	2002
22 d	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E SAÚDE MENTAL : UM ESTUDO DA RELAÇÃO SOFRIMENTO-PRAZER EM BANCÁRIOS DA CIDADE DE FRANCA	SERVIÇO SOCIAL	M	UNESP FRANCA	2002
23 e	A SEGURANÇA E SAÚDE DOS BANCÁRIOS BRASILEIROS FACE ÀS COM-	DIREITO	M	UFSC	2002

¹ Embora a sub-área especificada seja Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social consideramos essa dissertação como sendo oriunda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia de Comunidade e Ecologia Social, da UFRJ.

	VENÇÕES DA OIT: O PROBLEMA DA LER/DORT				
24 f	LER: UMA JORNADA DE SOFRIMENTO NO TRABALHO BANCÁRIO	SOCIOLOGIA	M	USP-SP	2001
25 f	PROCESSO SAÚDE-ENFERMIDADE-TRABALHO: SÍNDROME DO SOBREVIVENTE (ESTUDO DE CASO NO SETOR FINANCEIRO)	SOCIOLOGIA	D	UFRGS	2002
26 g	MUDANÇAS NO TRABALHO E NA VIDA DE BANCÁRIOS OCASIONADAS POR LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS – LER	ENFERMAGEM FUNDAMENTAL	M	USP-SP	2000
27 h	TRABALHO BANCÁRIO E IDENTIDADE PROFISSIONAL	PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL	D	UFRJ	1997
28 h	SOCIABILIDADE, SOFRIMENTO PSÍQUICO E LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS : UM ESTUDO DE CAIXAS BANCÁRIOS	PSIQUIATRIA, PSICANÁLISE E SAÚDE MENTAL	D	UFRJ	1999
29 i	ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE NÍVEIS DE ESTRESSE E DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO ENTRE BANCÁRIOS DA CIDADE DO RECIFE	SAÚDE PÚBLICA	M	FIO CRUZ	2000
30 i	PERFIL DE RISCO CARDIOVASCULAR DE FUNCIONÁRIOS DE BANCO ESTATAL	SAÚDE PÚBLICA	D	USP-SP	1997
31 i	A VIOLÊNCIA DO TRABALHO NO CAPITALISMO. O CASO DAS LESÕES DOS MEMBROS SUPERIORES POR ESFORÇOS REPETITIVOS EM TRABALHADORES BANCÁRIOS	SAÚDE PÚBLICA	D	USP-SP	1997
32 i	ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E FATORES ASSOCIADOS EM FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL/RIO DE JANEIRO	SAÚDE PÚBLICA	M	FIO CRUZ	1997
33 i	AS LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS E SEUS RISCOS: UMA EXPERIÊNCIA COM BANCÁRIOS	SAÚDE PÚBLICA	M	USP-SP	1999
34 j	SOB A MIRA DO CRIME: VITIMIZAÇÃO, SAÚDE E IDENTIDADE DE BANCÁRIOS DA BAHIA	SAÚDE COLETIVA	M	UFBA	2003
35 j	A RELAÇÃO ENTRE LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS E O TRABALHO BANCÁRIO – ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO NA CIDADE DE RECIFE	SAÚDE COLETIVA	M	UFPE	2001
36 k	LER – UMA TRAJETÓRIA DE DOR E SOFRIMENTO. ESTUDO COM BANCÁRIOS DE RIBEIRÃO PRETO/SP	SAÚDE NA COMUNIDADE	M	USP-RP	2003

ANEXO C

UNIDADES DE REGISTRO

(RECORTES TEXTUAIS EXTRAÍDOS DOS RESUMOS APRESENTADOS À
CAPES)

UNIDADES DE REGISTRO I

CATEGORIA TEMÁTICA: *REFERENCIAL TEÓRICO DA DISSERTAÇÃO/TESE*

01 a - “O processo de automação nos bancos brasileiros produziu profundas mudanças no processo de trabalho bancário com adoção de novas tecnologias, intensificação do ritmo de trabalho, diversificação de tarefas, adoção de novas formas de gestão de obra...”

“...gerando graves repercussões nas condições de trabalho e na saúde...”

“... com o surgimento de Lesões por Esforços Repetitivos (LER).”

02 b - “Considerando a expansão do setor de serviços e o crescimento da criminalidade contra o patrimônio público e privado nos centros urbanos...”

03 b - “As LER constituem um problema de saúde do trabalhador que vem atingindo de forma epidêmica (...) em todos os ramos de atividade”

04 c - “O impacto das transformações aceleradas no trabalho bancário com a introdução das mudanças no sistema financeiro, com o capital autonomizado e internacionalizado, tem sido pouco estudado”.

“Inúmeros agravos à doenças estão relacionados ao trabalho (bancário) todos resultantes da ação combinada de fatores de riscos.”

“A LER/DORT representa um dos grupos de doenças ocupacionais mais polêmicos do Brasil e em outros países, a maneira ímpar de aparecimento e evolução suscita discussões entre técnicos, trabalhadores seguradoras, empresários e sindicalistas confirmando as carga de interesses econômicos, políticos, ideológicos e individuais que cercam as questões de saúde resultantes do trabalho.”

“Os sintomas de estresse vem sendo reconhecido como importante instância de patogenia no desencadeamento e na evolução de distúrbios psíquicos”

05 c – Não referido

06 c – Não referido

07 c – Não referido

08 c - “As Lesões por Esforços repetitivos tornaram-se um problema de saúde pública atingindo trabalhadores de vários ramos de atividade em plena idade produtiva, podendo trazer graves conseqüência para a vida do trabalhador, quando não tratadas precocemente. A Educação em Saúde tem papel importante na Prevenção, diagnóstico e tratamento precoce”.

09 d - Não referido

10 e - “...partindo de uma problemática acerca das concepções naturalizadas de sujeito e trabalho....”

“...entende-se por cultura organizacional o conjunto de normas prescritas e tácitas, crenças e valores que permeiam esta empresa”

“...discute se os principais conceitos da psicopatologia do Trabalho e sua aplicabilidade no plano da saúde Mental ...”

“...bem como da organização do trabalho na empresa estudada e o sofrimento de seus trabalhadores”

“...discussão da construção das identidades profissionais a partir das noções de ‘projeto’ e de ‘campo de possibilidades’ de Gilberto Velho e de ‘habitus’ de Pierre Bourdieu”

11 e – Não referido

12 f - “...as metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho....”

“... seus reflexos sobre as condições de trabalho e saúde dos trabalhadores”.

“Enfatiza os rumos vivenciados no setor bancário, no que se refere à reestruturação produtiva e como o mesmo vem se redesenhando nestes últimos anos...”

“...inserindo-se, neste contexto, a presença de LER enquanto ameaça de dor e sofrimento destes trabalhadores”

13 f - “...reflexões sobre a psicodinâmica do trabalho, oferecendo a possibilidade de observação empírica de alguns constructos teóricos do psiquiatra e pesquisador francês C. Dejours...”

“...a escolha da área bancária deve-se ao fato desta categoria ser uma das que mais passam por transformações no âmbito da organização do trabalho nos últimos anos”.

14 g - Não referido

15 h - “O ambiente bancário oferece significativa incidência de patologia muito particulares e entre os riscos mais comuns aí, inclui-se a violência administrativa ou autoritarismo.”

16 h - “Diante das constatações de inúmeras transformações nas empresas do setor...(bancário)”

“...as alterações sofridas pelos bancos têm modificado, segundo teoria sobre o setor, o *modus operandi* , conseqüentemente a relação do indivíduo com seu trabalho”.

17 i - “Com a crescente valorização da qualidade de vida e a questão da responsabilidade social das empresas se torna cada vez mais importante o aspecto do ambiente de trabalho na vida das pessoas”

“...questões relevantes na questão da tecnologia empregada em determinadas atividades, mostrando que esta tecnologia pode ao mesmo tempo resolver determinadas problemas e ser causa de outros...”

18 i - “O mundo globalizado vem sofrendo transformações principalmente de natureza ecológica, tecnológica, organizacional, político, sócio-econômica, causando reflexos na saúde dos trabalhadores e no resultado financeiro das empresas. A maximização dos lucros, a produtividade, a qualidade dos serviços/produtos integram a bandeira de luta das organizações modernas, enfrentando a grande competitividade, mudando continuamente os processos:gerencial, organizacional e administrativo.”

“As Lesões por Esforços Repetitivos (LER/DORT) surgem frente aos agentes nocivos encontrados nos locais de trabalho e provocam seqüelas reversíveis e irreversíveis nos trabalhadores”.

“Vários pesquisadores apontam os bancários como sendo os mais suscetíveis às LER pela própria atividade exercida”.

19 i - “As lesões que afetam a coluna cervical e os membros superiores dos trabalhadores vêm ganhando grande visibilidade nos últimos anos. Entre as conseqüências deste fenômeno encontram-se desde as dificuldades que se colocam para o exercício pleno da atividade profissional até chegarem aos problemas de saúde pública (...) daí a importância de serem aplicados esforços para diagnóstico e prevenção dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho-DORT...”

20 j - “As transformações trazidas pela reestruturação produtiva no setor e a conseqüente mudança de perfil bancário ...”

“...constituem o contexto econômico e social que contribuem para o adoecimento...”

“... afetando a subjetividade do trabalhador...”

“... e as formas de sociabilidade tendo em vista as perdas dos referenciais de identidade, espaço e tempo.”

21 j - “Nos últimos 20 anos a desregulação do mercado financeiro e a internacionalização das atividades bancárias tem causado uma mudança nas políticas de gestão dos bancos em todo o mundo. Em busca de maior lucratividade, novas tecnologias, a automação bancária e maior racionalidade da gestão bem como a intensificação do trabalho e menores salários efetivos, estão sendo introduzidos para aumentar a produtividade. Essas políticas têm levado à diminuição do número de funcionários das agências em todo o mundo e resultado no enfraquecimento do movimento sindical dos trabalhadores no setor bancário”.

“Estas novas formas de organização e gestão (do trabalho bancário) estão desenvolvendo ambientes de trabalho cada vez mais marcados por sobrecarga e insegurança em detrimento de aspectos relacionados à criatividade e à satisfação no trabalho”.

“Como resultado disso, os bancários estão revelando um novo quadro no processo saúde-enfermidade-trabalho expresso na Síndrome da Sobrevivência que é considerada a manifestação física e psíquica da sobrecarga e da insegurança no trabalho (...)um processo gradual de adoecimento pode ter início”.

“A intensidade dessa síndrome está relacionada à capacidade de resposta dos empregados frente às pressões da organização do trabalho. Quando essas pressões são tão intensas ou de duração tão longa que as estratégias desenvolvidas por eles não conseguem mais dar conta do acúmulo e do desgaste relacionado ao trabalho, um processo gradual de adoecimento pode ter início”.

22 k – “Considerando o trabalho humano como um produto social e importante fator de construção da identidade...”

“Os bancários constituem hoje uma das categorias profissionais mais afetadas pelos efeitos do crescente progresso de automação e das atuais mudanças econômicas e organizacionais”

“(os bancários) têm sido também a categoria que vem apresentando os mais altos índices de trabalhadores afastados de suas atividades devido às limitações funcionais decorrentes dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT)”

“(DORT) Grupo de doenças ocupacionais também conhecido como o de lesões por esforços repetitivos (LER) ...”

“Fenômeno (DORT/LER) reconhecido em todo o país como a mais freqüente causa de adoecimento no trabalho também em outras categorias profissionais expostas a condições ergonômicas e organizacionais inadequadas

23 k – Não referido

24 k - “O referencial teórico é a psicodinâmica do trabalho que investiga a saúde psíquica do trabalhador , obtida pela constante luta pelo prazer e evitação do sofrimento no trabalho...”

“Este contexto contempla as condições de trabalho, a organização do trabalho e as relações sócio-profissionais”.

“Além desse referencial, o estudo apóia-se, também, na literatura sobre DORT e depressão...”

25 k - “...para se construir o processo de investigação usa-se o referencial teórico-metodológico das Representações Sociais...”

26 k - “...o referencial teórico fundamenta-se nos conceitos psicanalíticos sobre processos de separação e a questão do tempo e espaço psíquicos”

27 k - “...adotando-se uma abordagem teórico-metodológica de ergonomia...”

28 k – Não referido

29 k - “...o conceito de estresse ocupacional foi utilizado para contextualizar a relação ambiente-saúde ...”

30 k – Não referido

31 k - “Para responder às perguntas são utilizadas as teorias da Psicodinâmica do Trabalho...”

“ ...e a Estrutura Universal dos Valores Humanos”

“...a Organização do Trabalho diz respeito a como o trabalho está dividido, ao conteúdo da tarefa, ao sistema hierárquico, às modalidades de comando e relações de poder e as questões de responsabilidade (...) o indivíduo pode usar estratégias defensivas para manter sua saúde psíquica...”

32 k – “O conceito de identidade social é usado para analisar as mudanças no mundo do trabalho...”

“...tem como foco central as transformações que estão ocorrendo no local de trabalho bancário e suas implicações na identidade e saúde dos trabalhadores”
Objetivo???)

33 k - “O Burnout é analisado através de uma perspectiva que resulta de um

esforço de adaptação do trabalhador ao ambiente de trabalho e às inúmeras mudanças que vêm ocorrendo no mesmo (...)utilizamos o conceito proposto por Maslach, uma síndrome que decorre do desgaste profissional e que se compõe de três aspectos: exaustão emocional, despersonalização e reduzido envolvimento pessoal e profissional no ambiente de trabalho”

34 k - “Há alguns anos o trabalho nos bancos brasileiros é objeto de profundas mudanças (...) essas mudanças não se dão sem reflexos sobre os trabalhadores (...) devem se adaptar a situações novas, ao aumento da pressão no trabalho, da exposição aos riscos e ao fim da segurança no emprego”

35 k – Não referido

36 k – Não referido

UNIDADES DE REGISTRO II

CATEGORIA TEMÁTICA : *OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO/TESE*

01 a - "...investigar as repercussões da LER na vida dos trabalhadores bancários (...) a partir de dois temas: a existência do trabalho contribuindo para o desenvolvimento ou a remissão da lesão, e como os trabalhadores percebiam e enfrentavam os sintomas e incapacidades gerados pela lesão."

02 b - "...ampliar a discussão dos impactos sobre a saúde dos trabalhadores bancários vitimizados ou expostos ao risco de violência, em decorrência de assaltos e seqüestros a bancos..."

03 b - "...estudar a relação entre LER e o trabalho em agências bancárias".

04 c - "...analisar as possíveis relações entre níveis de estresse e distúrbios osteomusculares em uma população de trabalhadores bancários".

05 c - "...investigamos a distribuição dos principais fatores de risco para doenças cardiovasculares, bem como a existência de padrões de hábitos e comportamentos, por meio de estimativa de prevalências e do estudo da ocorrência simultânea de fatores de risco entre os funcionários ativos no estado do Rio de Janeiro"

06 c - "...relaciona a morbi-mortalidade da classe trabalhadora (bancários) e os primeiros dois ciclos de desenvolvimento do capitalismo onde a violência do trabalho é explícita (...) estudo das lesões por esforços repetitivos(LER) entendidos como doença emblemática da transição entre o segundo e o terceiro ciclo do desenvolvimento e crise do capitalismo".

07 c - "...descreve o perfil antropométrico de funcionários do Banco do Brasil ativos nos CESECs (Centros de Processamento e Serviços e Comunicações) (...) através do Índice de Massa Corporal (IMC), bem como busca identificar associações estatísticas entre IMC e fatores tais como condições sócio-demográficas, quadro funcional, tabagismo, consumo de bebidas alcoólicas, prática de atividades físicas, padrão alimentar e fatores reprodutivos. Realiza também uma análise comparativa da distribuição do IMC dos bancários com dados de Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição, por sexo e renda."

08 c - Não referido

09 d - "...conhecer a experiência de trabalho e vida dos bancários portadores de LER, vinculados a uma associação de portadores de LER..."

10 e - "...investiga-se de que forma a população estudada – diferentes grupos de trabalhadores do Banco do Brasil, constroem seus discursos acerca do seu trabalho e sua saúde mental (...) delinear como se constrói a sua identidade profissional, entendida como as novas descrições que fazem de si a partir de sua 'cultura

organizacional”.

11 e - “...estabelecer relações de determinação entre organização do trabalho em processos repetitivos, sociabilidade no trabalho, sofrimento psíquico e lesões por esforços repetitivos (LER), tal como acontecem para o trabalho de caixa em um banco estatal”.

12 f - “... investigar como a LER vem sendo percebida e vivenciada pelos trabalhadores lesionados em atividades bancárias”.

13 f - “...integrar aspectos das transformações do mundo do trabalho da era pós-moderna ao estudo do prazer-sofrimento na organização do trabalho bancário, procurando verificar como os bancários têm vivenciado as mudanças no universo do seu trabalho e sua percepção relativa ao prazer e ao sofrimento”.

14 g - “Pesquisa relativa ao cumprimento pelo Brasil das Convenções da Organização Internacional do Trabalho que versam sobre a saúde e a segurança dos bancários, principalmente as Lesões por Esforços Repetitivos-LER, e Distúrbios Osteomusculares Resultantes do Trabalho-DORT (LER/DORT).

15 h – “...examinar as raízes ideológicas do autoritarismo organizacional , a sua sustentação teórica, especialmente expostas na Teoria Geral da Administração, as suas formas de manifestação e os seus efeitos no cotidiano da vida dos bancários em instituições bancárias estatais”.

16 h - “...analisar as fontes de pressão encontradas comparativamente à ótica proposta pelos autores (Cooper e seus colaboradores), procurando delinear até que ponto é possível compreender o fenômeno do estresse ocupacional pelo modelo”.

17 i - “...apresenta uma questão referente à saúde do trabalho na atividade bancária, referente aos problemas relacionados à atividade de empregado e os distúrbios causados pelas características de sua atividade (...) concentrou-se na atividade de caixa do banco, por se tratar de um posto de trabalho crítico no processo da agência bancária e também por se tornar visível as conseqüências do trabalho com movimentos repetitivos os quais causam os distúrbios conhecidos como LER”.

18 i - “...busca avaliar a incidência das LER em estabelecimentos bancários (...) , suas causas e conseqüências nos trabalhadores e na Empresa”.

19 i - “ ...buscamos oferecer um instrumento seguro, prático e acessível, capaz de diagnosticar precocemente os principais problemas que acometem os membros superiores dos trabalhadores (digitadores e caixas bancários) em decorrência de suas atividades laborativas

20 j – “...analisar as representações sociais presentes nos discursos de bancários

adoecidos pelo trabalho”.

21 j - “...o estudo das repercussões que a reestruturação bancária produz sobre o processo saúde-enfermidade-trabalho”.

22 k - “...investigar as possíveis variáveis antecedentes do sentimento de bem-estar físico e psicológico e a disponibilidade de reinserir-se no mercado de trabalho dos bancários de Goiânia, diagnosticados como portadores de DORT”.

23 k - “... verificar as repercussões do afastamento do trabalho por adoecimento na identidade de trabalhadores (bancários)”.

24 k - “...investiga o processo de adoecimento por Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho e a depressão desenvolvida em sua consequência”.

25 k - “...investiga como se constrói a representação social da depressão em duas categorias de trabalhadores (...) , os bancários e os comerciários”

26 k - “...investigar (...) a vivência do período que antecede a aposentadoria por meio do relato de trabalhadores bancários de instituições públicas do setor, com menos de um ano para se aposentarem”

27 k - “...investigar a inter-relação de carga de trabalho bancário, estratégias operatórias adotadas e queixas e problemas de saúde dos avaliadores de penhor ...”

28 k - “...verificar como os bancários de uma agência de um banco estatal (...) identificados como sedentários e ativos, percebem seu estilo de vida, sua aptidão física e capacidade motora, seu ambiente de trabalho e familiar, a incidência e o controle subjetivo do stress”.

29 k - “...investigar o papel de variáveis do contexto ocupacional na determinação do estado de saúde de gerentes em um banco estatal...”

30 k - “...verificar em que medida a escolaridade pode estar contribuindo para o sofrimento psíquico dos trabalhadores de uma empresa bancária tomando por base as suas diversas funções”

31 k - “...relacionar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho aos valores individuais, com enfoque na representação do valor Trabalho, a fim de verificar se, para o empregado, o trabalho está propiciando identidade e realização ou se tem mais um sentido de sobrevivência, na qual o trabalhador busca manter-se empregado por falta de opção e medo de exclusão”

32 k – Não referido

33 k - “...discutir os aspectos psicossociais relacionados à Síndrome de Burnout (desgaste emocional agudo advindo do trabalho) no exercício profissional do bancário...”

34 k - “...análise das repercussões das mudanças no psiquismo dos trabalhadores,

com uma atenção particular às formas de mobilização da inteligência e da personalidade no trabalho e na utilização de estratégias coletivas de defesa para enfrentar o sofrimento (...) analisamos, também, a relação entre essas mudanças (ocorridas no trabalho bancário) e o aumento da incidência de LER/DORT entre os bancários...”

35 k - “...estudo exploratório com as Representações Sociais dos Bancários sobre o Trabalho Bancário e a Alcoolização. Estas foram comparadas de conformidade com as categorias sociais dos sujeitos: poder hierárquico das ocupações funcionais, o tipo de vínculo empregatício institucional e o gênero”.

36 k - “...conhecer os modos de inserção das mulheres no trabalho bancário levando em articulação casa/trabalho (...) impacto do trabalho bancário sobre sua saúde mental”.

UNIDADES DE REGISTRO III

CATEGORIA TEMÁTICA : *RESULTADOS DA DISSERTAÇÃO/TESE*

01 a - “Todos referiram sintomas que os incapacitavam para algumas tarefas bancárias e em decorrência disso já ocuparam diversos cargos apresentando-se limitados em agilidade, força e destreza manual para contar, escrever ou digitar.”

“A dor foi um dos sintomas mais incapacitantes para as tarefas do trabalho e do cotidiano dos mesmos (bancários)”

“Os tratamentos realizados representaram uma forma de conseguir alívio parcial da dor e manutenção da capacidade para o trabalho, embora não se privilegiasse a atenção aos trabalhadores conforme as necessidades de uma doença decorrente do trabalho.”

“A atenção oferecida pelo INSS revelou a utilização deste como regulador dos benefícios concedidos pelo governo estando distante de atender às necessidades de promoção de ações”.

02 b - “...verificou-se a necessidade de discussão e adequação sobre os conceitos de acidente no trabalho e aplicabilidade para situações de violência que extrapolam os ambientes laborais e a jornada de trabalho estabelecida, invadindo outros espaços da vida social.”

“Os efeitos da violência no trabalho trazem danos de diversas naturezas, tanto às vítimas quanto à empresa e ao Estado. Os danos à saúde das vítimas foram subdivididos em fatais e não-fatais.”

“O estudo revela que os danos à saúde mental estão presentes em todas as situações e podem repercutir de diferentes formas, desde os transtornos psíquicos variados à desagregação da vida cotidiana das vítimas”.

“Constatamos que a atenção (saúde, administrativa e jurídica) prestada às vítimas ainda é desarticulada e em processo de construção, sendo de iniciativa restrita de poucos bancos e com ações pontuais e localizadas.”

“Os dispositivos de segurança adotados pelos bancos não são suficientes para garantir proteção aos trabalhadores e usuários, haja visto que os agressores mudam a forma de agir com a finalidade de anular esses equipamentos”.

“Os serviços de segurança pública revelam fragilidades que denotam uma situação de desvantagem no combate a esse tipo de crime.”

03 b - “Tensão constante, crescente exigência cognitiva, sedentarismo e posturas corporais inadequadas foram descritas como características comuns à atividade bancária, relacionadas a queixas de fadiga e sintomas nos membros superiores.”

”Esforços repetitivos estavam presentes em praticamente todas as atividades

descritas”

“As modificações organizacionais e de estrutura física ocorridas na empresa estavam sendo percebidas de forma ambígua pelos trabalhadores”.

“As condições de trabalho descritas no estudo qualitativo mostraram correspondência com os achados quantitativos. Foram encontrados índices de prevalência de 56,2% para sintomas em membros superiores e de 29,9% para os casos sugestivos de LER (LER-like). A prevalência estimada para casos confirmados de LER foi de 22%”

“No estudo de caso-controle a análise realizada com modelos de regressão logística revelou como fatores de risco para LER, no início dos sintomas: sexo feminino (Odds Ratio (OR)+2,82, Intervalo de Confiança 95% (IC95%)=1,26 – 6,50, p=0,005); postura corporal inadequada (OR=4,29, IC95%=1,5-11,90, p=0,0001) e não mudanças na organização do trabalho (OR=4,95, IC95%=1,86 – 9,90, p=0,001)

04 c - “Embora o trabalho (bancário) seja motivador para a maioria dos indivíduos, foi alta a freqüência de queixas por carga excessiva de trabalho, dentre eles, os Caixas Executivos e os Analistas são os mais queixosos dessa sobrecarga.”

“Foi importante o número de referências ao desconforto no local de trabalho”

“A terceira causa mais freqüente de afastamento por motivo de saúde no ano de 1999 foi provocada por doenças do Sistema Osteomuscular e do Tecido Conjuntivo”

“Os sinais e sintomas clínicos mais importantes foram: dor de tipo persistente e aumento de volume observado na cintura escapular (ombro e pescoço).”

“Foi alta a freqüência de indivíduos que permanecem trabalhando apesar da sintomatologia”.

“41,4% dos indivíduos sintomáticos estão enquadrados nas fases 1,2 e 3 da DORT.”

“Ocorreu maior freqüência das fases mais graves do Estadiamento da DORT entre as mulheres, porém não observou-se associação estatisticamente significativa entre o gênero e idade com a fase do estadiamento”.

“A pontuação Insignificante para o Estresse se mostrou a mais prevalente em todas as funções, no entanto, o percentual mais expressivo da Fase de Exaustão está entre aqueles que têm cargos Administrativos comissionados. Os indivíduos com pontuação Insignificante para Estresse referiram menos queixas osteomusculares enquanto que aqueles com Exaustão queixam-se de dores com maior freqüência. Há evidências de que na ausência de risco de estresse também são reduzidos os casos de DORT. Para nível Insignificante de estresse não houve nenhum caso de DORT grau 3. Ao nível de Resistência as manifestações de DORT de graus 1 e 2 apresentaram maior freqüência. No entanto, para o estresse ao nível de Exaustão não se observou correspondente aumento de casos de DORT.

05 c - Não referido

06 c - Não referido

07 c - “A prevalência estimada de sobrepeso (corporal) Grau I foi de 27,8% e a de sobrepeso Grau II e III foi de 6,4%.”

“...o sobrepeso aumentou com a idade e foi aproximadamente 3 vezes maior em homens do que em mulheres”

“...os homens apresentaram frequência maior de consumo de bebidas alcoólicas, de ingestão de alimentos ricos em carboidratos e consumo menor de verduras, legumes e frutas”.

“...ambos os sexos referiram praticar atividade física em proporções semelhantes (40%), sendo que este hábito mostrou ‘efeito protetor’ para sobrepeso”

“...ex-fumantes apresentaram maior chance para o sobrepeso comparado a não fumantes e o consumo de bebidas alcoólicas mostrou associação inversa com o IMC tanto para os homens como para as mulheres, embora não estatisticamente significativa”.

“Na regressão linear as co-variáveis sexo, idade, escolaridade, tabagismo e consumo de açúcar mostraram efeito importante sobre o IMC”

“No modelo de regressão logística, observou-se associação entre ICM3, 27 kg/m² e sexo, idade, prática de atividade física, consumo de açúcar e situação conjugal.

“As variáveis referentes aos fatores reprodutivos não mostraram associação com o IMC, o que pode ter sido devido ao tamanho da amostra.”

08 c - “Verificou-se que o grupo de 25 bancários estudados tem conhecimentos satisfatórios sobre a doença, porém, a própria organização do trabalho, a pouca resposta dos serviços de saúde e o movimento sindical não contribuem para a prevenção e diagnóstico precoce”.

09 d - “Os resultados apontaram que as condições de trabalho antes do aparecimento da doença caracterizavam-se pela intensificação do seu ritmo, monotonia, repetitividade, aumento do controle da produtividade devido à automação, sobrecarga de entrada de dados, efetuada através da digitação e implantação do sistema on-line, agregadas às longas jornadas de trabalho, ausência de pausas e a um ambiente envolto em tensões devido ao risco da manipulação de dinheiro.

“Em função das dificuldades encontradas no estabelecimento de diagnósticos de LER, os entrevistados apresentaram evolução de sintomas, principalmente a dor, com agravamento das lesões, ampliando as áreas acometidas e as limitações para o trabalho”.

“Dentre as mudanças ocasionadas pela doença (LER) destacaram-se a perda da

autonomia para a execução de atividades no trabalho e fora dele, a dependência do bancário para a realização de atividades simples como os cuidados com a higiene pessoal.”

“ Em consequência das limitações físicas ocasionadas pela doença (LER) o desempenho e a produtividade no trabalho dos entrevistados sofreram alterações significativas, sendo que tal aspecto agregado ao predomínio de sintomas em relação a sinais resultou no descrédito e na discriminação dos portadores de LER”.

“...um processo de esmorecimento de suas perspectivas profissionais obrigando-os a um redirecionamento da vida, dos ideais e dos seus sonhos”.

10 e - Não referido

11 e - Não referido

12 f - Não referido

13 f - “...obteve-se como resultado que o prazer é mais vivenciado do que o sofrimento e este, quando vivenciado, é enfrentado com estratégias defensivas”.

“...confirma que o trabalho (bancário) se revela essencialmente ambivalente, podendo causar alienação e infelicidade, mas podendo, também, ser mediador da saúde e da auto-realização”.

14 g - Não referido

15 h – “O autoritarismo nas instituições pesquisadas (bancárias) foi percebido como um elemento apropriador da saúde tanto ao consentir e manter fatores de risco, claramente manifestos nas suas políticas de pessoal, como ao negar a doença e a sua importância na vida de seus trabalhadores”.

“Foram identificadas três síndromes mais comuns como resultado da ação autoritária nos bancos públicos: panfobia, indiferença e depressão”.

16 h - “As fontes (de pressão) relatadas pelos entrevistados foram o cliente, problemas com o sistema de informática, metas organizacionais/ter que vender, excesso de trabalho, inter-relacionamentos horizontais, inter-relacionamentos verticais, falhas no processo de comunicação/excesso de produtos, segurança física/medo de assaltos, valor monetário e a responsabilidade sobre ele, não conseguir resolver o problema do cliente, falta de recursos humanos, insegurança profissional e falta de treinamento.”

“Como resultados este estudo encontrou fontes de pressão que não podem ser entendidas com a utilização exclusiva do modelo proposto por Cooper e seus colaboradores.”

“...percebeu-se que as fontes de pressão estão em parte associadas às transformações sofridas pela instituição pesquisada, não podendo ser compreendida fora deste contexto”

17 i – Não referido

18 i – “A análise quantitativa apresenta (...) 213 (57% de 368 bancários estudados) empregados sintomáticos, num contingente de apenas 28 (8%) casos reconhecidos como LER, o que demonstra um crescimento contínuo e assustador dessa doença no trabalho”

19 i – Não referido

20 j - Não referido

21 j - “Verificou-se que ocorreu um aumento da demanda de trabalho e do controle sobre o trabalho nos bancos”.

“A constante ameaça de desemprego e a busca de estratégias para a preservação do emprego atual e de sobrevivência no trabalho acarretam condutas individuais e também coletivas marcadas por insegurança, ansiedade, depressão e desesperança, assim como reações neuro-endócrinas frente a situações potencialmente ameaçadoras”.

“A fadiga, a falta de recuperação osteomuscular e a dor crônica propiciam o desenvolvimento da Síndrome Miofacial e das Lesões por Esforços Repetitivos(LER) e Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho(DORT).”

“A depressão pode ocorrer como uma forma de fazer face à ansiedade persistente”.

22 k - “...os resultados obtidos confirmaram que os trabalhadores mais empenhados e mais identificados com a profissão (bancário) são os que mais sofrem psicologicamente e os que mais apresentam menor disposição para mudar de profissão”.

23 k - “dentre os resultados obtidos pode-se destacar as mudanças ocorridas na identificação do indivíduo com o ‘ser trabalhador’, que ocorreram à medida em que avançou o processo de reconhecimento da doença, e foram paulatinamente redesenhando um outro ‘trabalhador’, que mesmo após o adoecimento/afastamento não deixou de demonstrar sua necessidade de participação no mundo do trabalho, tendo, contudo, passado a buscar um tipo de trabalho não adoecedor”.

“...também pode se ressaltar a importância do ‘outro’ na reprodução da identidade dos sujeitos e na avaliação que fazem de sua pertença aos grupos dos quais participa voluntária ou compulsoriamente”

“...destaca-se ainda a ênfase dada ao sofrimento gerado pelo adoecimento/afastamento, pela falta de reconhecimento da doença e pelo tratamento recebido dos médicos peritos do INSS, dados que aparecem aqui como fonte de sofrimento e humilhação para os trabalhadores lesionados”.

24 k - “...identifica-se rigidez do contexto de produção que impossibilita satisfação de necessidades dos trabalhadores.”

“...a aceleração das cadências como estratégia defensiva em resposta às exigências de produtividade é valorizada por pares, chefia e clientes, mas evita a identificação do sofrimento”

“O adoecimento por DORT é gradual e passível de negação dada a invisibilidade dos sintomas”

“...longo trajeto é percorrido até o diagnóstico e tratamento adequado da doença (DORT) / o afastamento do trabalho se dá tardiamente/ médicos e lesionados resistem em fazer uso deste recurso”

“A depressão surge em consequência das limitações impostas pela doença (DORT) e do afastamento do trabalho. Caracteriza-se por tristeza profunda...”

25 k - “os principais temas que emergiram da pesquisa foram depressão, individualismo, doença, estresse, estratégias de defesa e contexto de trabalho”.

“...demonstra que os trabalhadores (bancários e comerciários) constroem a representação social da depressão através das vivências, crenças e influências do contexto em que estão inseridos e do discurso hegemônico presente neste discurso”

26 k - “Os resultados da investigação apontaram alguns aspectos : a identificação com o trabalho dificulta a saída do trabalhador de sua função laborativa; “

“...o processo de aposentar-se produz um sofrimento para o trabalhador, dificultando a construção do tempo e espaço psíquicos;”

“...as instituições empregadoras não atuam de maneira a facilitar a saída do funcionário, contribuindo para que a vivência do período da aposentadoria seja sentida como um processo solitário”.

27 k – “...resultados confirmam a hipótese formulada mostrando que as principais queixas ao final da jornada de trabalho e problemas de saúde dos avaliadores (de penhor) resultam, principalmente, do confronto entre as exigências cognitivas das tarefas e as estratégias operatórias adotadas ...”

28 k - Os resultados principais indicam que os bancários ativos praticam atividade física regular, tem um lazer ativo, consomem uma dieta equilibrada evitando carne vermelha e frituras (...) os sedentários não fazem atividade física, preferem um lazer parado e relaxante e consomem carne vermelha, frituras e doces, sem controle

alimentar “

“...os ativos relatam boa saúde enquanto os sedentários apresentam problemas de saúde associados ao colesterol, à pressão alta e usam medicação regularmente”

“...os ativos manifestam ter boa força, resistência muscular, flexibilidade e ótima capacidade neuro-muscular para o trabalho, o grupo sedentário descreve fraqueza e comprometimento destas capacidades”.

“O nível de ansiedade, tensão, competitividade e perfeccionismo dos bancários ativos e sedentários é alto contraditoriamente ao baixo nível de ambição apresentado.”

“O ambiente vivenciado diariamente é extremamente estressante, trabalhando até 3 horas extras por dia sem remuneração, por medo e insegurança no emprego.”

“As principais causas do estresse são as mesmas para o grupo ativo e o sedentário: a desvalorização humana no trabalho, a defasagem e o arrocho salarial”.

“Enquanto os ativos manifestam estresse quando falta tempo para fazerem atividade física, os sedentários se estressam pela rotina parada e sem variação de movimentos do trabalho”

“As principais reações psicossomáticas ao estresse foram a depressão, dor de cabeça, agressividade e o mau humor”.

“Os bancários ativos apresentam como principal estratégia de combate ao estresse a prática regular da atividade física. Ambos os grupos também utilizam a concentração e a busca de auto-controle, explodir e resolver a situação na hora, evitar a situação estressante e não se endividar”.

“...relatam que a atividade física regular produz relaxamento, acalma e diminui a tensão, a sensação de sentir-se melhor, equilíbrio do estresse, disposição e vigor para trabalhar e combate à depressão

29 k - “Mostraram que estresse ocupacional foi um indicador de ocorrência de sintomas, do consumo de medicamentos e da pressão arterial dos sujeitos”

“... as variáveis que se associaram aos indicadores de saúde nem sempre foram reconhecidas como estressores”.

“É possível que variáveis relativas à auto-estima ocupacional atuem como moderadores da percepção dos sujeitos embora não impeçam o impacto do estresse sobre a saúde”.

30 k — Não referido (Resumo incompleto)

31 k - “... verifica-se que os bancários vivenciam prazer e sofrimento de forma moderada, indicando utilização de estratégias defensivas...”

“O fator Gratificação tem como preditor positivo o eixo Conservação e como negativo

possuir nível superior completo.”

“Liberdade apresenta como mediadores os valores em conjunto com as variáveis demográficas.”

“Insegurança e Desgaste não apresentam como preditores os valores e as variáveis demográficas”

32 k - “...foi visto que alguns dos valores que constituem a identidade social dos bancários se deterioraram em sintonia com as mudanças no local de trabalho: o que no passado significava status social, no presente se transforma em estigma, levando os bancários a buscar novos territórios, novas formas de construir sua identidade social : uma identidade social em metamorfose”

33 k - Não referido

34 k – Não referido

35 k - “A alcoolização apareceu como efeito do trabalho bancário”

“As mulheres foram mais favoráveis para com o Trabalho Bancário e para com a Alcoolização do que os homens”

“Quanto ao Trabalho Bancário as mulheres salientaram as explicações afetivas, altruístas e vocacionais e os homens as de realização, de estabilidade, ocupacionais e econômicas”

“Quanto à alcoolização, as mulheres deram maior ênfase às explicações afetivas, de lazer, de dependência, psicológicas , socialização e existenciais e os homens as trabalhistas”

“Os sujeitos de instituição pública foram mais afetivamente desfavoráveis para com o Trabalho Bancário e menos desfavoráveis para com a Alcoolização do que os da instituição privada.”

“Quanto ao Trabalho Bancário os sujeitos da instituição pública enfatizaram as explicações altruístas, econômicas, ocupacionais e de estabilidade e os sujeitos da instituição privada as explicações afetivas, realização e vocacionais”

“Quanto à alcoolização os sujeitos da instituição pública apontaram mais explicações trabalhistas, lazer, psicológicas , de dependência e existenciais e os sujeitos da instituição privada, as explicações afetivas e de socialização.”

“Os dirigentes foram mais afetivamente favoráveis para com o trabalho e mais desfavoráveis para com a Alcoolização do que os não dirigentes.”

“Quanto ao trabalho bancário os dirigentes valorizaram mais as explicações afetivas. De realização, ocupacionais e vocacionais e os não-dirigentes as econômicas e de estabilidade.”

“Quanto à Alcoolização, os dirigentes enfatizaram explicações afetivas, de socialização, psicológicas e existenciais e os não-dirigentes as trabalhistas e de lazer”

36 k – Não referido

UNIDADES DE REGISTRO IV

CATEGORIA TEMÁTICA: *CONCLUSÕES / SUGESTÕES DA DISSERTAÇÃO/TESE*

01 a - Não referido

02 b - “Neste trabalho (bancário) percebe-se que a violência em questão deve ser enfrentada e combatida com ações integradas que envolvam a sociedade, trabalhadores, entidades sindicais empresas e serviços públicos”.

03 b - “Esses achados sugerem que a organização do trabalho desempenha um papel fundamental na determinação da LER, minimizando a participação de outros fatores associados ao ambiente de trabalho e características pessoais.”

“Os argumentos de culpabilização dos indivíduos pelo seu adoecimento ou de ação de grupos sociais para explicar o fenômeno epidêmico da LER não apenas obscurecem a compreensão de seus determinantes como tendem a reduzir iniciativas mais eficazes de prevenção.”

04 c - “ Trata-se de uma categoria profissional (bancários) que apresenta riscos diferenciados segundo gênero, idade e atividade ocupacional para o desenvolvimento de DORT e estresse e que estas duas condições nosológicas participam interdependentemente no processo fisiopatológico de cada uma.”

“Faz-se necessário uma política de recursos humanos que melhore as condições de trabalho ao nível de sobrecargas decorrentes da diminuição de pessoal bem como de melhoria das condições ergonômicas de trabalho”.

05 c - “Ações que integrem Programa de Promoção da Saúde no ambiente de trabalho são sugeridas, apontando importante área de atuação para profissionais da Saúde Pública no Brasil”.

06 c - Não referido

07 c - “A relevância do excesso de peso nessa população (bancários) evidencia a necessidade de planejar e desenvolver medidas de prevenção e controle, direcionadas com mais ênfase aos bancários do sexo masculino, que apresentaram também maiores prevalências de outros fatores de risco”.

08 c - Não referido

09 d – Não referido

10 e - Não referido

11e- “...conclui-se que há fortes associações entre sofrimento psíquico, LER e condições de trabalho desgastantes nestes trabalhadores e que a sociabilidade

produzida pela organização do trabalho, caracterizada principalmente pela divisão do trabalho entre caixas efetivos e caixas eventuais, é necessária para a realização do trabalho nas condições observadas”.

12 f - “Apresenta, ainda, as tendências e direções que apontam uma crise de grandes proporções, afetando a forma de ser das centrais sindicais que enfrentam impasses e desafios, determinados pela conjuntura atual, entre eles a LER como mais um desafio que se defronta para o sindicalismo contemporâneo”.

13 f - Não referido

14 g - “Ao final se apresenta os problemas detectados e aponta-se possíveis soluções”.

15 h - Não referido

16 h - “Faz-se necessário entender o processo de trabalho dentro da agência, as visões do bancário sobre as transformações da sua profissão, os novos valores que estão atrelados à execução das tarefas, que não fazem parte, diretamente, das análises do modelo. Percebeu-se que as análises das outras vertentes e abordagens podem ser utilizadas como formas complementares de se entender o processo do estresse ocupacional, principalmente no que tange à fontes de pressão no trabalho”.

17 i - “Os aspectos relativos à atividade, analisando os modelos aplicados atualmente, é um modelo proposto para melhorar os problema em questão (problema do uso de tecnologia no trabalho e possível prejuízo disso à qualidade de vida do trabalhador bancário) acompanhando as tendências de mercado, a tecnologia e a realidade do empregado”

18 i - “As estratégias preventivas são sugeridas no resultado desse estudo, para que através de ações integradas em Saúde e Segurança do Trabalho se possa prevenir, minimizar e combater as LER nesse público-alvo e , conseqüentemente, aumentar a produtividade, a qualidade dos serviços e o lucro da Empresa, beneficiar a sociedade e propiciar saúde, segurança e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores.”

19 i - “...apontamos aspectos e problemas que remetem a novos estudos, recomendamos a observação de medidas preventivas como as preconizadas pela Norma Regulamentadora nº 17 do Ministério do Trabalho, além de enfatizarmos a importância das análise ergonômica dos postos de trabalho.

20 j - “Conclui-se que o adoecer, além de proporcionar a construção de novas identidades, constitui-se num processo de aprendizado, dinâmico e complexo, que consiste em assimilar e produzir conhecimentos e formas de ação.”

21 j - Não referido

22 k - "...discutimos possíveis estratégias institucionais objetivando tanto a conscientização da importância dos programas de prevenção de doenças ocupacionais quanto a reestruturação do processo de reabilitação profissional e reconstrução da identidade social dos trabalhadores já adoecidos e sócio-profissionalmente limitados".

23 k - Não referido

24 k - Não referido

25 k - Não referido

26 k - Não referido

27 k - Não referido (resumo incompleto)

28 k - Não referido

29 k - "Pesquisas futuras deverão privilegiar a percepção que os indivíduos têm dos estressores e investigar o seu papel na relação entre o ambiente ocupacional....(resumo incompleto)"

30 k - Não referido

31 k - "...leva a concluir que o sofrimento não é influenciado pelas características do indivíduo mas sim pela... (resumo incompleto)

32 k - "Este trabalho pode subsidiar as mudanças de papéis que vêm sendo desempenhados, os quais estão inseridos num cenário que volta sua atenção para a intensificação do processo de automação, terceirização, desemprego estrutural e exclusão social, fatos que tornam difícil a constituição de novas identidades profissionais".

33 k - "...acreditamos poder contribuir com alguns elementos para a criação de políticas públicas e estratégias de ação, no campo da saúde do trabalhador, que visem a disseminação de estudos para o redesenho dos processos das organizações, priorizando práticas de trabalho mais saudáveis ou, ainda, o desenvolvimento de programas para promoção de saúde e qualidade de vida no trabalho, voltados para a preparação dos trabalhadores para conviver com os aspectos mais difíceis da profissão, tanto aqueles que são intrínsecos à atividade, quanto aqueles decorrentes das rápidas e constantes mudanças nos mercados em que os bancos atuam".

34 k - Não referido

35 k - Não referido

36 k - Não referido